Repositório Institucional da UFPI

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO ELETRÔNICA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL - RI/UFPI

1. Identificação do material bibliográfico:

[ ]Tese [X]Dissertação [ ]Monografia [ ]TCC Artigo [ ]Livro

[ ]Capítulo de Livro [ ]Material Cartográfico ou Visual [ ]Música

[ ]Obra de Arte [ ]Partitura [ ]Peça de Teatro [ ]Relatório de pesquisa

[ ]Comunicação e Conferência [ ]Artigo de periódico [ ]Publicação seriada

[ ]Publicação de Anais de Evento

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Licenciatura em História

Programa de pós-graduação: em História do Brasil - PPGHB

Outro: _____

Autor(a): Igo Ferreira de sousa

E-mail: igofla745@outlook.com

Orientador (a) marcelo de sousa Neto

Instituição: universidade Federal do piauí

Membro da banca: cláudia cristina da silva Fontineles

Instituição: UFPI

Membro da banca: Felipe Augusto dos santos Ribeiro

Instituição: UESPI

Membro da banca: pedro pio Fontineles

Instituição: UESPI/UFPI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: mestrado

Data da defesa: 25/03/2025

Título do trabalho: "Teresina só aplaude": o protagonismo de picos e 4 de Junho no futebol piauiense (1993-1998)

Agência de fomento (em caso de aluno bolsista): _____

3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

Total: [X]

Parcial: [ ]. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

.....

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 264/2016 de 05 de dezembro de 2016, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI/UFPI), no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Matões / MA Data: 11/04/2025

Assinatura do(a) autor(a): Igo Ferreira de Sousa

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Centro de Ciências Humanas e Letras
Biblioteca Setorial Prof. Wilson Brandão

S725t Sousa, Igo Ferreira de.
"Teresina só aplaude" : o protagonismo de Picos e 4 de julho no futebol piauiense (1991-1998) / Igo Ferreira de Sousa. -- 2025.
133 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, 2025.
"Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto".

1. História - Piauí. 2. Futebol. 3. Clubes. 4. Representação. I. Sousa Neto, Marcelo de. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL - PPGHB

IGO FERREIRA DE SOUSA

"TERESINA SÓ APLAUDE": O PROTAGONISMO DE PICOS E 4 DE JULHO NO FUTEBOL PIAUIENSE (1991-1998)

TERESINA – PI
2025

IGO FERREIRA DE SOUSA

"TERESINA SÓ APLAUDE": O PROTAGONISMO DE PICOS E 4 DE JULHO NO FUTEBOL PIAUIENSE (1991-1998)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto.

TERESINA – PI
2025



IGO FERREIRA DE SOUSA

"TERESINA SÓ APLAUDE": O PROTAGONISMO DE PICOS E 4 DE JULHO NO FUTEBOL PIAUIENSE (1991-1998)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.
Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto.

Dissertação Aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

_____
Professor (Dr). Marcelo de Sousa Neto (Presidente)
UESPI/UFPI

_____
Professora (Dra). Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Membro Titular)
Universidade Federal do Piauí - UFPI

_____
Professor (Dr). Felipe Augusto dos Santos Ribeiro (Membro Titular)
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

_____
Professor (Dr). Pedro Pio Fontineles Filho (Suplente)
UESPI/UFPI

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, pelo apoio e pela paciência nessa trajetória em cursar o Mestrado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí.

Nesse tempo, todos estiveram ao meu lado, tanto nos momentos de dificuldades como em situações alegres. Por isso, agradeço à minha mãe, ao meu pai e aos meus irmãos, minha base enquanto ser humano.

Agradeço também ao professor Marcelo de Sousa Neto, que, nesse período, aceitou orientar e contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesses dois anos, suas observações sobre o trabalho contribuíram muito para que este trabalho se desenvolvesse.

Agradeço à professora Cláudia Fontineles e ao Pedro Pio Fontineles, pelas sinceras observações feitas durante a qualificação deste trabalho. As suas anotações deram novos rumos a esta pesquisa, visto que colocaram um norte no texto. Portanto, meus profundos agradecimentos.

Ao corpo de professores do programa, pois deram também inúmeras contribuições a este estudo, seja nas indicações de fontes ou bibliografias. Entre estes, destaco os professores Francisco de Assis de Sousa Nascimento e Marcos Pierre, pelas observações feitas durante a disciplina História, Arte e Cultura.

Por fim, agradeço ao companheiro Luís Eduardo, colega, que desde a graduação, compartilhou momentos de tristezas e alegrias, seja na vida privada ou profissional. Um colega que a todo instante dava incentivo para o desenvolvimento da pesquisa. Portanto, uma parceria que agradeço muito por ter formado desde 2016.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a Sociedade Esportiva de Picos e o 4 de Julho Esporte Clube no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. O futebol se tornou, ao longo das primeiras décadas do século XX, um dos principais elementos de representação da sociedade brasileira, especialmente quando se trata das imagens dos clubes de futebol, de início, amadores, posteriormente, profissionais. Nessa esteira, destacamos nesta pesquisa as figuras das equipes Picos e 4 de Julho no contexto futebolístico piauiense durante boa parte da década de 1990. Buscamos analisar que a questão financeira não foi o principal motivo que levou esses dois times a se destacarem nos gramados piauienses, que ocorreu graças às suas organizações administrativas. Ademais, explicamos, mediante as fontes analisadas, que a crise técnica que o River e o Flamengo (PI) vivenciavam nesse período não era em decorrência da falta de investimento do poder público municipal, mas por causa principalmente da desorganização administrativa. O Picos e o 4 de Julho, por meio de suas respectivas conquistas dentro e fora de campo, funcionaram como objetos de representação no seio dos torcedores nas cidades de Picos e Piripiri. Diante desse panorama, essas agremiações passaram a minar o brio dos clubes mais vitoriosos de Teresina, River e Flamengo. No decorrer do período que abarca esta pesquisa, afirmamos que esses dois times teresinenses foram jogados para escanteio no futebol piauiense. Dialogamos com Hilário Franco Júnior (2007), Marcos Guterman (2014), Roger Chartier (2002), Cláudia Cristina Fontineles (2016), Severino Filho (2021). A metodologia utilizada neste trabalho foi analisar as representações sociais veiculadas nos jornais que tratavam do protagonismo de Picos e 4 de Julho no futebol estadual. As fontes utilizadas nesta pesquisa foram os jornais O Dia, Tribuna de Picos, Jornal Meio Norte, Jornal Folha de São Paulo; Diário Oficial de Teresina; Revista Placar e Jornal dos Sports.

Palavras-chave: História; Futebol; Clubes; Representação.

ABSTRACT

The main obctive of this study is to analyze the Sociedade Esportiva de Picos and 4 de Julho Esporte Clube in the fooball scene in Piauí from 1991 to 1998. During the first decades of the 20th century, football became one of the main elements representing Braziliam society, especially which were initially amateur clubs and later professional. In this contexto, we highlight in this research the figures of the SEP and 4 de Julho teams in the football scene in Piauí during much of the 1990. We seek to analyze that the financial issue was not the main reason that led these two teams to stand out on the pitches in Piauí, but rather through their adminitrattive organizations. We explain, based on the sources analyzed , that the technical crisis that River and Flamengo (PI) experienced during this period was not due to a lack of investment by the municipal government, but mainly due to administrative disorganization. The SEP and the 4 de Julho, through their respective achievements on and off field, served as objects of representation amongfans in the cities of Picos and Piripiri. Given this scenario, these associations begam to undermine the pride of the most successful clubs in Teresina, RAC na ECF. During the period covered by this research, we affirm that these two Teresina teams were sidelined in Piauí football. We spoke with Hilário Franco Júnior (2007), Marcos Guterman (2014), Roger Chartier (2002), Cláudia Fontineles (2016), Severino Filho (2021). The methodology used in this wirk was to carry out critical analyses of the sources, with the objective of understanding the football scenario in which the objects were inserted. The sources used in this reseach were the newspapers O Dia, Tribuna de Picos, Jornal Meio Norte, Jornal Folha de São Paulo, Diário Oficial de Teresina, Revista Placar, Sports Newspaper.

Keywords: History; Football; Clubs; Representation.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APCDEP-Associação dos Cronistas Desportistas do Piauí

APEA-Associação Paulista de Esportes Atléticos

CBD-Confederação Brasileira de Desportos

CBF-Confederação Brasileira de Futebol

ECF-Esporte Clube Flamengo

FAGEP-Fundação de Assistência Geral dos Desportos do Piauí

FIFA-Federação Internacional de Futebol

FPF-Federação Piauiense de Futebol

FFP-Federação de Futebol Piauiense

INSS-Instituto Nacional de Seguridade Social

MEC-Ministério da Educação e Cultura

PEC-Piauí Esporte Clube

RAC-River Atlético Clube

SEP- Sociedade Esportiva de Picos

SET – Sociedade Esportiva Tiradentes

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Campeões piauienses de 1941 -1997 52
Figura 2 - Escudo da SEP 63
Figura 3 - Mascote da SEP 63
Figura 4 - Curica e Marilene, o casal que acolheu a ideia de Luiz Menezes 70
Figura 5 - Escudo do 4 de Julho 72
Figura 6 - Mascote do 4 de Julho 72
Figura 7 - 4 de Julho campeão piauiense de 1992 76
Figura 8 - Equipe da SEP campeã do Campeonato Piauiense de 1998 82
Figura 9 - Luís Joaquim Lula Ferreira e José Neri discutem o cenário do futebol piauiense 85
Figura 10 - Veículos que transportavam torcedores da SEP para outras cidades 88
Figura 11 - Estádio Helvídio Nunes em dias de jogos 95
Figura 12 - Torcedoras do 4 de Julho comemoram nas ruas de Piripiri a vitória do time 101
Figura 13 - Contrato entre a Prefeitura de Teresina e Esporte Clube Flamengo 105
Figura 14 - Contrato entre a Prefeitura de Teresina e River Atlético Clube 106
Figura 15 - Jogadores e torcedores comemoram a conquista do certame estadual de 1992 120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....9
CAPÍTULO 1: O FUTEBOL E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....16
1.1 O Futebol Conquista Legiões de Torcedores.....16
1.2 A Transição do Amadorismo ao Profissionalismo.....26
1.3 O Futebol Brasileiro Durante os Anos 1930.....31
CAPÍTULO 2: O FUTEBOL PIAUIENSE NA DÉCADA DE 1990.....41
2.2 Os Times Teresinenses São Jogados Para Escanteio.....44
2.3. Picos e 4 de Julho fazem História.....61
CAPÍTULO 3: "O INTERIOR VENCE MAIS UMA".....79
3.1 Futebol e Política no Campo de Jogo.....79
3.2 O Prestígio em Disputa.....93
3.3 Os Trabalhadores da Bola Como Objetos de Representação.....109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....122
REFERÊNCIAS.....126

INTRODUÇÃO

Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola[1].

A proposta desta pesquisa é analisar a Sociedade Esportiva de Picos e o 4 de Julho Esporte Clube no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Procuramos, ao longo deste trabalho, explicar o contexto de euforia em que esses dois clubes foram protagonistas no futebol piauiense sob a égide de títulos e feitos históricos nos gramados do Piauí, um período no qual o futebol piauiense esteve sob uma nova direção. Nesse sentido, delineamos fatos e circunstâncias históricas que nos ajudam a compreender os principais motivos que levaram essas duas equipes a se destacarem no futebol estadual**.**

O futebol, ao se consolidar na sociedade brasileira, se tornou um dos principais campos de representações no seio social brasileiro durante os anos de 1920 a 1930. Esse esporte, a partir de meados dos anos 1930, se transformou em um dos ambientes que nos ajuda a compreender a sociedade brasileira com seus dilemas e dramas. O espaço de jogo se modificou em lugar intrigante e complexo, e "é sem dúvida essa complexidade que permite tomar o jogo de futebol como uma metáfora da própria vida dos torcedores" [2].

Os clubes amadores e depois profissionais foram os responsáveis por iniciar esse processo. Posteriormente, o Estado passa a assumir o controle do futebol no Brasil no que tange à sua estrutura organizacional, por entender que essa prática esportiva representava mais do que os valores do esporte, significava também os interesses da nação em pujança.

Nessa época, a pátria começava a calçar chuteiras e construir o futebol como objeto da cultura nacional. Esse processo se perpetuou no final do século XX, não apenas pelas conquistas da Seleção Brasileira e clubes de expressão no país, mas também por times locais, sem visibilidades na esfera estadual, sem poder de influência junto aos órgãos futebolísticos, isto é, clubes que começavam a dar seus primeiros passos na História do futebol brasileiro, especialmente em âmbitos locais.

O cenário do futebol piauiense, durante boa parte da década de 1990, foi marcado dentro de campo pelo domínio dos clubes SEP[3] e 4 de Julho, duas forças do futebol estadual

---

[1] RODRIGUES, Nelson. **A sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p, 103.

[2] DAMATTA, Roberto. Estado na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In. : DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p, 31.

[33] A partir desse momento, utilizaremos a denominação Picos para nos referir a Sociedade Esportiva de Picos.

sediados nas cidades de Picos e Piripiri, dois clubes que colocaram para escanteio River Atlético Clube e Esporte Clube Flamengo[4], as duas das equipes mais vitoriosas do futebol teresinense. O Picos e o 4 de Julho se destacaram no futebol estadual desse período. Sobre esse contexto, o time sediado na cidade de Picos conquistou os certames estaduais de 1991, 1994, 1997 e 1998.

Nesse sentido, o time de Picos se tornou a primeira equipe de futebol fora de Teresina a ganhar o Campeonato Piauiense, esse feito ocorreu na temporada de 1991. Tal ato foi histórico, pois, desde a criação da Federação de Futebol Piauiense em 1941, nenhum clube menos expressivo do futebol local tinha conquistado um certame estadual. Nessa esteira de domínio dos times teresinenses, as equipes River e Flamengo, Piauí Esporte Clube e SET (Sociedade Esportiva Tiradentes) alternavam nas conquistas.

Os feitos realizados pelos clubes fora do eixo do futebol piauiense contribuíram para a inserção do time Picos no rol dos principais eventos futebolísticos do Piauí, e até mesmo em âmbito regional. Esse time participou da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro da série C no decorrer da década de 1990. Essas duas proezas credenciaram o time de Picos a se tornar um modelo no cenário do futebol piauiense, uma referência a ser seguida por outros times que não eram sediados na capital. Portanto, foram momentos de glórias em que a autoestima dessa cidade, sob a imagem do time local, foi alçada ao panteão futebolístico estadual.

Outro clube que se destacou no futebol piauiense nesse período foi o 4 de Julho da cidade de Piripiri. Essa equipe conquistou os certames estaduais das temporadas de 1992 e 1993, desbancado assim os times River e Flamengo, os mais vitoriosos do futebol piauiense. Assim como o time Picos, "os títulos deram ao 4 de Julho a representatividade do futebol piauiense na Copa do Brasil, oportunizando quatro confrontos contra o Palmeiras"[5]. Esses feitos ajudaram a inserir esse clube no mapa do futebol estadual, visto que a sua força, demonstrada em campo diante dos adversários, era mais um passo dado em direção ao prestígio futebolístico no Piauí.

Os destaques que o Picos e o 4 de Julho conquistaram no futebol piauiense, no decorrer da década de 1990, despertaram no corpo de dirigente do River e Flamengo certos descontentamentos. Os dirigentes que representavam os interesses do rubro negro e do tricolor teresinense não aceitavam o fato de dois times sem expressão no futebol estadual ditarem o ritmo do futebol piauiense durante o período de 1991 a 1998.

---

[4] A partir desse momento, utilizaremos apenas o nome River e Flamengo para nos referir a essas duas equipes.
[5] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memória do futebol piauiense**. Teresina, v, 9, 2023, p, 16.

Nesse contexto, começaram a disseminar variados discursos no seio da comunidade desportista piauiense sobre os principais motivos que levaram o Picos e 4 de Julho a se destacarem no cenário do futebol piauiense. Além disso, do lado dos times fora da capital, relatavam que a crise que acometia os dois clubes mais vitorioso do futebol de Teresina, River e Flamengo, se devia as ineficiências de suas gestões, isto é, corpos administrativos que não conseguiam ter êxitos nas ações dos clubes fora das quatro linhas. Na visão do Picos e do 4 de Julho, a desorganização administrativa era o principal ponto que tornava esses dois clubes de Teresina atores coadjuvantes no cenário do futebol estadual.

Do lado dos times de Teresina, os dirigentes mencionavam que as conquistas e feitos das equipes Picos e 4 de Julho eram em decorrência das contribuições financeiras das prefeituras de Picos e Piripiri. Assim, segundo essa perspectiva, a ajuda do poder público municipal se tornava fator determinante para as vitórias dessas duas equipes. Na perspectiva dos sujeitos que comandavam o River e Flamengo, os times Picos e 4 de Julho, eram em certa medida privilegiados pelo executivo municipal. Dessa maneira, segundo esses mandatários, dificilmente o futebol teresinense disporia de forças para competir com esses clubes.

Para tentar compreender esse cenário futebolístico piauiense onde esses confrontos de versões estavam inseridos, decidimos propor as seguintes indagações: o que fez com que os times fora da capital, Picos e 4 de Julho, se destacassem no futebol piauiense de 1991 a 1998? Será que houve falta de investimento público nos clubes de Teresina? Foi falta de organização administrativa por parte das equipes da capital?

Procurando discutir esses questionamentos, buscamos durante o corpo deste trabalho desenvolver a seguinte problemática: será que as conquistas dos times Picos e 4 de Julho no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998 se deram apenas em decorrência da questão financeira? Na esteira dessa indagação, delineamos a narrativa desta pesquisa, analisando fatos e circunstâncias que nos levasse as respostas a essa problemática.

O recorte temporal desta pesquisa é de 1991 a 1998. Essa escolha se justifica por dois motivos. Primeiro, foi durante esse período que dois clubes de futebol fora da capital conquistaram prestígios pela primeira vez no Campeonato Piauiense, feitos realizados pelo Picos no ano de 1991, 1994, 1997 e 1998 e 4 de Julho nos anos de 1992 e 1993. Essa primeira justificativa não é tanto pelo valor quantitativo, mas sim pelo seu viés qualitativo, isto é, o significado dessas conquistas para o futebol local. Segundo, a crise técnica e financeira que acometeu os dois clubes River e Flamengo que, em certa medida, interferiu dentro de campo.

Um dos pontos que impulsionaram o autor desta pesquisa em estudar essa temporalidade foi a ausência de trabalhos acadêmicos consistentes que tratam dessa questão.

As pesquisas que analisam o futebol piauiense centralizam em contextos mais recuados, mais especificamente até a década de 1970. Este trabalho se propõe a discutir uma temática em um recorte temporal mais recente, os anos de 1990, um período que adentra na ótica do tempo presente. Nesse caso, a História não é apenas o estudo de um passado longínquo, distante dos problemas sociais da atualidade. A História "também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente" [6]. Assim, objetivamos propor novos horizontes sobre essa temática, abrir novas janelas interpretativas.

Outro ponto que buscamos valorizar neste texto foi a História de conquistas que o Picos e o 4 de Julho construíram ao longo do período em estudo. Nessa perspectiva, desenvolver uma pesquisa que se dedica a analisar as diferentes representações que a comunidade desportista local construiu nas arquibancadas durante os jogos desses dois clubes é um trabalho meticuloso do ponto de vista histórico. É fazer com que as ideias e as Histórias tecidas nesse texto alcancem os corações e as mentes dos sujeitos históricos que atuaram direta ou indiretamente nesse processo.

A metodologia utilizada neste trabalho foi analisar as representações sociais veiculadas nos jornais que tratavam do protagonismo de Picos e 4 de Julho no futebol estadual. Durante a realização deste trabalho, buscamos questionar os registros históricos e os seus dados, uma vez que nenhuma fonte histórica é produzida sem intenções. Os vestígios possuem suas relações de forças, influências no seio social conforme seus interesses em questão. As fontes não refletem apenas uma visão do passado, mas também são resultados de um determinado contexto histórico. Portanto, os vestígios não são produzidos ao acaso, "não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que ai detinha o poder" [7].

Utilizamos alguns autores que consideramos pertinentes no desenvolvimento desta pesquisa. Nesse sentido, trabalhamos com a concepção de Representação[8] formulada por Roger Chartier para nos embasar nas discursões sobre as representatividades que o futebol produz na sociedade em que está inserido, seja em âmbito nacional ou local. Nesse caso, centralizamos esse conceito no cenário do futebol piauiense durante os anos de 1991 a 1998, em que as equipes Picos e 4 de Julho se destacaram no futebol estadual. Um período em que a

---

[6] CHAUVEAU, Ágnes; PHILIPPE, Tétart. Questões para a história do tempo presente. In. : CHAUVEAU, Ágnes (Org). **Questões para a história do tempo presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p, 15.

[7] LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990, p, 545.

[8] Por Representação Roger Chartier entende algo como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.

direção do futebol piauiense dentro de campo passou as mãos de outros clubes, Picos e 4 de Julho.

No seio desse cenário eufórico do futebol desses dois times, houve construções de representações entre o jogar e o torcer; adeptos que se sentiam representados por jogadores e objetos que simbolizavam as equipes; atletas que representavam uma comunidade em busca de visibilidade e prestígio futebolístico; sujeitos e instituições que intercambiavam sentimentos, valores e hábitos nas cidades de Picos e Piripiri.

Portanto, o futebol, sob as imagens dos clubes, atuou (e ainda atua) como área de representações em que os sujeitos e as comunidades clubísticas almejavam demonstrar uma presença ou ausência de um objeto em questão, de signos que reverberavam no social, de ideias e de concepções de mundo. Desse modo, seguindo o que afirmava Chartier (2002), [...] "à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse" [9]. Nesse sentido, Picos e 4 de Julho eram tratados como esses objetos capazes de produzirem representações no campo de jogo, times que eram utilizados para moldar ou forjar uma determinada realidade social.

Outros autores que utilizamos nesta pesquisa foram Severino Filho (2023), Cláudia Cristina Fontineles (2016), Deusdete Barros (2018), Hilário Franco Júnior (2007), Marcos Guterman (2014) e Lívia Gonçalves (2010). Procuramos ao longo deste trabalho dialogar com esses autores no sentido de enriquecer ainda mais a temática em questão, pois consideramos que um trabalho histórico não se sustenta sem um apoio de outros textos. Uma narrativa de História, como assevera Michel de Certeau (1982), [...] "é aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos objetos e dos métodos históricos" [10], [...]. Diante disso, todas essas referências se tornam relevantes para a temática discutida neste trabalho.

As fontes utilizadas neste trabalho foram os jornais O Dia (PI), Tribuna de Picos (PI), Jornal dos Sports (RJ), Revista Placar (SP), Jornal Folha de São Paulo (SP), Meio Norte (PI) e Diário Oficial de Teresina. O Jornal dos Sports[11], a Revista Placar[12], o Diário Oficial de Teresina[13] e o Jornal Folha de São Paulo[14] tivemos acesso por meio digital na internet, as

---

[9] CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre prática e representações. 2 ed. São Paulo: Difel, 2002, p, 19.
[10] CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1982, p. 72 - 73.
[11] Disponível em: https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/. Acesso em: 20 nov. 2024.
[12] Disponível em: https://placar.com.br/placar/placar-nas-bancas-os-anos-90. Acesso em: 20 nov. 2024.
[13] Disponível em : https://dom.pmt.pi.gov.br/lista_diario.php. Acesso em: 20 nov. 2024.
[14] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk19059814.htm. Acesso em: 22 nov. 2024.

outras fontes estão disponíveis para consulta no Arquivo Público de Teresina. Essas foram as fontes históricas que utilizamos na construção deste trabalho.

Os documentos se tornaram peças importantes no processo de desenvolvimento da pesquisa histórica, pois ajudam o historiador a construir seu texto. No entanto, não procuramos tornar as fontes citadas acima como sendo dignas da verdade absoluta, ou tentar hierarquizá-las como se uma tivesse mais valor histórico do que as outras. O objetivo em analisar esses vestígios foi buscar entender o cenário do futebol piauiense em que o Picos e o 4 de Julho estavam inseridos, procurando assim compreender seus feitos históricos conquistados dentro e fora de campo.

Os jornais, revistas e Diário Oficial nos ajudaram na tessitura deste trabalho, uma vez que os impressos, assim como outras fontes históricas, "produzem incessantemente representações da realidade histórica"[15], forjam fotografias de uma determinada realidade social. Portanto, diferentes camadas sociais tentaram (e ainda tentam) construir seus discursos sociais por meio desses veículos. Dessa maneira, as fontes auxiliam o historiador na compreensão de certa sociedade inserida em um tempo e espaço marcados por nuances que podem ser analisadas por meio desse corpo de documentos históricos.

O documento histórico para o historiador carrega inúmeras cargas de sentidos, conforme o interesse e perspectiva em questão. As fontes são reflexos de um momento, são filhas de um passado que tenta resistir às corrosões do tempo. Assim, o Diário Oficial, jornais e revistas que foram utilizados nesta pesquisa são documentos do seu tempo, da sociedade que os produziram e deram sentidos e novos significados, segundo seus interesses sociais. Dessa forma, "o documento não é inócuo. É antes, de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da História da época, da sociedade que o produziram" [16]. Sobre esse ponto, o objetivo em analisar essas fontes tenta desmontar suas narrativas, criticar o dito e o não dito, busca nos seus corpos maneiras de compreender o período em questão.

Durante a realização desta pesquisa, chegamos as seguintes conclusões acerca da problemática em estudo. Primeiro, a questão financeira não foi o principal motivo que levou os times Picos e 4 de Julho a se destacarem no futebol piauiense durante boa parte da década de 1990, mas também pelas suas organizações administrativas, as suas gestões nas maneiras de gerir os interesses dos clubes. Segundo, River e Flamengo também recebiam contribuições financeiras do poder público, nesse caso, da prefeitura de Teresina. Portanto, tinham

---

[15] BARROS, José D'Assunção**. O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p, 12.
[16] LE GOFF, Jacques, 1990, p, 548.

privilégios do executivo municipal, assim como Picos e 4 de Julho nas respectivas cidades de Picos e Piripiri. Terceiro, os jogadores símbolos que atuavam pelo Picos e 4 de Julho se tornaram peças centrais na construção de representações sociais na comunidade desportista local.

Este trabalho é dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado - O futebol e suas representações na sociedade brasileira - procuramos analisar o processo de popularização do futebol na sociedade brasileira durante os anos de 1920 a 1930. No primeiro momento, intencionamos explicar os primeiros passos que fez com que o futebol conquistasse as atenções dos torcedores para se tornar objeto popular entre as massas. Na segunda seção, tentamos discorrer sobre o processo de transição do amadorismo ao profissionalismo no futebol brasileiro, e como essa mudança interferiu diretamente na popularização desse esporte no Brasil, especialmente sob as imagens dos clubes de menor expressão. Por fim, na terceira parte, analisamos as variadas ações realizadas nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas, e como tais ações contribuíram para consolidar e construir representações do futebol na sociedade brasileira.

No segundo capítulo - O futebol piauiense na década de 1990 - analisamos o cenário do futebol piauiense durante os anos de 1990. No primeiro momento, tratamos de explicar alguns pontos que nortearam o panorama do futebol brasileiro, tais como a institucionalização de novas regras do jogo, bem como o estabelecimento de uma nova legislação que passasse a reger o futebol nacional. No segundo momento, procuramos construir um texto pautado na análise da fase conturbada pela qual passava os times River e Flamengo no cenário do futebol teresinense, delineando fatos e circunstâncias que levaram esses clubes a mergulharem em crise técnica e financeira. Na terceira parte deste capítulo, centralizamos as discursões na História dos times Picos e 4 de Julho, das suas fundações aos anos 1990, explicando o processo de formações e consolidações no futebol piauiense.

No terceiro capítulo, - “O interior vence mais uma”- analisamos os principais motivos que levaram os clubes Picos e 4 de Julho a se destacarem no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Nos primeiros minutos de jogo, tentamos explicar as tramas políticas e suas interfaces nas estruturas desses dois times de fora da capital. Na segunda etapa, tratamos de analisar as disputas pelo prestígio no futebol estadual por essas duas equipes, juntamente com Flamengo e River de Teresina. Por fim, estudamos a trajetória de três jogadores que fizeram História atuando por Picos e 4 de Julho, e como suas atuações em campo contribuíram para construir representações na comunidade desportista local.

CAPÍTULO 1: O FUTEBOL E SUAS REPRESENTAÇÕES NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Neste capítulo, analisamos o processo de popularização do futebol na sociedade brasileira durante os anos de 1920 a 1930. No primeiro momento, intencionamos explicar os primeiros passos que fez com que o futebol conquistasse as atenções dos torcedores para se tornar objeto popular entre as massas. Na segunda seção, tentamos discorrer sobre o processo de transição do amadorismo ao profissionalismo no futebol brasileiro, e como essa mudança interferiu diretamente na popularização desse esporte no Brasil, especialmente sob as imagens dos clubes de menor expressão. Por fim, na terceira parte, analisamos as variadas ações realizadas nos primeiros anos do governo de Getúlio Vargas e como contribuíram para consolidar e construir representações do futebol na sociedade brasileira.

1.1 O Futebol Conquista Legiões de Torcedores

O futebol tornou-se um dos traços que marcaram a trajetória do século XX no Brasil, um esporte que aos poucos foi se transformando em representação não apenas de sujeitos e grupos sociais, mas também da nação brasileira que estava em construção, pois, como narra Marcos Guterman, "o futebol se lido corretamente, consegue explicar o Brasil" [17]. No entanto, diferentemente do que afirma Guterman, o futebol não pode ser considerado o único caminho para analisar a sociedade brasileira. Esse esporte pode funcionar como uma das vias pelas quais as tensões, as relações de forças, as sensibilidades e as sociabilidades dos torcedores possam a ser analisadas.

Portanto, tecemos esse texto na busca de explicar como o futebol ao longo dos anos de 1920 a 1930 foi se transformando em um fenômeno da cultura nacional, um esporte representativo da sociedade brasileira. O futebol foi ganhando contornos e feituras para além do esporte e com novos sentidos. O que passa a estar em jogo não são mais apenas os valores lúdicos, o espírito do desporto pensado pelos ingleses no final do século XIX, mas, sim, a própria realidade com as quais cada sujeito estava inserido. Diante disso, "o futebol se tornou uma metáfora, uma escola, espaço de aprendizagem onde se passa a canalizar a moral esportiva, o espírito social e coletivo das sociedades contemporâneas" [18].

---

[17] GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do Brasil. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014, p, 9.
[18] BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?", In. : **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019, p, 187.

O futebol como parte integrante desse processo, se tornaria, ao longo dos anos, uma das metáforas do mundo contemporâneo, consolidando-se como um espaço de formação de novas sociabilidades, de embates de ideias, de projetos de país, em outras palavras, um esporte que passava a representar o Brasil nas suas variadas dimensões do viver humano. Assim, podemos entender esse esporte da seguinte maneira:

> De fato, o futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas. Mais precisamente, é conjunto de metáforas que deve ser visto na sua articulação, na sua complementação mútua, exatamente – para usarmos nós também uma metáfora – como os gomos de uma bola de futebol. Ou ainda como um mosaico que constrói com peças quantitativa e qualitativamente diferentes (jogadores, técnicos, profissionais de várias áreas médico – esportivas, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores) a imagem - síntese do mundo em que vivemos[19].

Nesse contexto do início do século XX, o futebol se tornou uma das arenas pelas quais as sociedades contemporâneas colocaram em pauta as suas visões de mundo e realidade social. No entanto, não podemos compreender a formação do futebol na sociedade brasileira apenas sob o viés da glorificação, pois, se seguirmos esse caminho, tornaremos a análise desse fenômeno social superficial. Diante disso, da mesma maneira que o historiador tem que ter cuidado com as análises acerca de outros fenômenos sociais que ajudam a explicar o Brasil, com o futebol não seria diferente.

O futebol se desenvolveu em algumas cidades no Brasil de maneiras diferentes. Essa transformação leva em consideração as variadas camadas de temporalidades e espacialidades no seu processo histórico. Um dos exemplos que nos ajuda a compreender essa ação foi a cidade de São Paulo nos frementes anos 1920. A inserção desse esporte na sociedade paulistana se tornou uma das vias de acesso para que hábitos e comportamentos da comunidade desportista dessa urbe fossem canalizados e diluídos em meio aos escombros de uma cidade que aos poucos se desfazia de um passado aristocrático. Com isso, a cidade de São Paulo tentava avançar socialmente e economicamente, embora esse progresso não atingisse a todos, principalmente as pessoas menos abastardas.

Com a inserção do futebol, novas redes de sociabilidades foram sendo construídas na cidade de São Paulo. Mas não apenas isso, essa prática esportiva passou a ser uma das representações da urbe que crescia e se transformava em grande centro econômico e cultural

---

[19] FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p, 166.

do Brasil, pois "a cidade não assiste ao esporte como um episódio isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz - ela não o vê de fora, ela se vê nele" [20].

Uma São Paulo marcada por interesses de elites aristocráticas que buscavam no futebol maneiras de conservar seus alicerces sociais e políticos. No entanto, quando essas mesmas elites começaram a perceber que esse esporte não mais funcionaria para externar seus interesses sociais, passaram a combatê-lo com todas as forças, com todo o ímpeto. Segundo suas perspectivas, o futebol não serviria mais para desenvolver os preceitos civilizatórios que uma sociedade necessita, pois começava a se tornar popular, e isso não condizia com a cidade em crescimento.

No caso do Piauí, o futebol chegou e se desenvolver primeiramente pelo litoral, especificamente por Parnaíba. A chegada do futebol às terras piauienses ocorreu por iniciativa de ingleses instalados em Parnaíba em 1905. Do mesmo modo, "assim como ocorrera no cenário nacional, a prática futebolística em Parnaíba recebeu a direta influência inglesa" [21], sendo visto como esporte moderno. O futebol nesse período era sinônimo de progresso, de avanço, e ao permitir que esse esporte adentrasse em seus recantos, a cidade de Parnaíba desejava ser vista como uma urbe que respirava o ar da modernidade.

Nesse circuito das flechas do moderno, foram criados alguns clubes de futebol no Piauí, tais como, o *Parnayba Sport Club e International Athletic Club*. Na esteira dessas equipes, outros times foram sendo construído, "como o Artístico (1920), Esporte Clube Fluminense (1927), Paysandu Esporte Clube (1928), Flamengo Esporte Clube (1928), Belga Esporte Clube (1940), Ferroviário Atlético Clube (1946)" [22]. A formação desses clubes contribuiu para a consolidação e popularização do futebol no Piauí.

A partir do momento que o futebol começou a se popularizar entre os brasileiros, as elites aristocráticas passaram a dar um novo sentido ao futebol, um novo significado. Para essa camada social, esse esporte não era mais uma prática esportiva civilizada, culta, moderna, mas, sim, um esporte violento, atrasado, não condizente mais com os valores sociais com os quais os brasileiros compactuavam. Portanto, a elite seria um inimigo que deveria ser combatido com todas as forças possíveis. No lado inverso dessa face tinha, a perspectiva das massas acerca do futebol, essa passou a praticar o futebol de uma forma diferente da qual as

---

[20] SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p, 60.

[21] FONTENELES, Maria Dalva; FONTINELE, Cláudia Cristina da Silva. O futebol em Parnaíba: história e memória do Ferroviário Atlético Clube no Piauí. In. : FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SILVA, Marcelo Cruz; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Org). **Oficina de Clio**: História, cidades e linguagens. Teresina: EDUFPI, 2016, p, 123.

[22] BARROS, Deusdete da Rocha. **Futebol piauiense**: entre tramas e memórias. 2018. 152 f. Dissertação de (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p, 32.

elites praticavam. Nesse sentido, por mais que os grupos dominantes tentassem impor uma visão de mundo através do futebol, os grupos populares resistiam a essa imposição, passavam a praticar o futebol com as suas maneiras.

A popularidade do futebol "desagradava profundamente aos aristocratas que queriam manter o futebol puro e impermeável aos pobres" [23]. Assim, esse esporte começava a ganhar outras tonalidades, essas não mais ligadas às elites, mas, sim, às massas. Nesse sentido, o futebol, assim como a História, são arenas de combates, são campos de estudos marcados por lutas de representações sociais, são espaços de poder em disputas por inúmeros segmentos sociais que constituem a sociedade brasileira em diferentes tempos e espaços.

Os discursos acerca da realidade não são neutros e sem intenções. Essas manifestações carregam consigo cargas de significados que permeiam os grupos sociais, as comunidades, os sujeitos que os comandam, que os mantém em controle, seja para legitimar uma ideia ou impor uma visão de mundo. As representações sociais não habitam apenas o ambiente das materialidades, mas também do mundo imaterial, do imaginário coletivo. Nessa perspectiva, "as lutas de representação tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio" [24]. Essas disputas ultrapassam as quatro linhas e os valores do esporte para enaltecer uma ausência ou presença.

O futebol, na imagem dos clubes amadores e depois profissionais, se tornou um dos esportes preferidos de uma parcela dos brasileiros ao longo do século XX. O processo que levou a sua popularização começou ainda na década de 1920, haja vista que foi nesse período que "surgiram às condições que fariam do futebol o mecanismo pelo qual o Brasil romperia, ainda que momentaneamente, os limites rígidos de sua hierarquia social" [25].

Os primeiros sinais que alertaram para esse rompimento momentâneo nas hierarquias sociais no Brasil começaram a surgir com o fim da Primeira República, quando houve um incipiente processo de inserção de novos atores sociais na pauta do Estado. Portanto, a consolidação do futebol na sociedade brasileira ocorreu a partir dos anos 1930, mas os alicerces já vinham sendo construídos desde a década anterior. Os interesses por esse esporte já vinham de anos anteriores, aproximação possibilitada pelo seu caráter modernizador e um ambiente que permite trocas de experiências entre os seus praticantes. O futebol começava a atrair as atenções do público pelo seu caráter de diversão e agregador, mas também pelo seu

---

[23] GUTERMAN, Marcos, 2014, p, 59.
[24] CHARTIER, Roger, 2002, p, 17.
[25] GUTERMAN, Marcos. 2014, p, 50.

viés “modernizador associado ao jogo pelos seus primeiros praticantes na cidade, que interessava aos seus admiradores entres os círculos sociais” [26].

Esse momento de transição da primeira para a segunda república se tornou um divisor de águas para a História do futebol brasileiro. Esse período foi marcado pelas fortes relações da Seleção Brasileira e, sobretudo, dos clubes, com os torcedores brasileiros que passavam cada vez mais a vibrar por esse esporte. O futebol acabava se tornando uma prática esportiva que tinha nascido no seio das elites brancas, mas que aos poucos vinha se transformando em uma atividade de lazer das massas torcedoras (uma mudança que não foi simples, pois houve muitas resistências, como vamos detalhar mais na frente). Essa interface entre futebol e as comunidades de torcedores demonstrava o quanto essa camada social começava a notar nesse esporte um ambiente que permitia a construção de novas representações no campo de jogo e também no social.

Alguns fatores contribuíram para essa mudança de status do futebol na sociedade brasileira nos anos iniciais do século XX. Estes vetores impulsionaram a nação a calçar chuteiras, a vestir a camisa e dar seus primeiros chutes na bola. Com isso, o futebol se tornava um dos principais fenômenos da cultura nacional. Diante disso, ao discorrer sobre esses fatores, em certa medida, estamos nos referindo aos elementos que constituem a própria História do futebol no Brasil. Desse modo, muitas das características que o futebol adquiriu ao longo do século XX aos dias atuais se deve a esses pontos, a esses entrecruzamentos de culturas.

O primeiro fator que credenciou o futebol a se tornar popular no Brasil, no início da década de 1920 e se consolidando nos anos de 1930, foi a possibilidade dessa prática esportiva se transformar em um espaço de ascensão social, de permitir que diferentes segmentos sociais ascendessem economicamente. Diferentemente de outros esportes coletivos, o futebol foi se constituindo a partir de 1930 no Brasil como um dos ambientes em que diversas parcelas da sociedade apresentassem suas ideias e visões de mundos.

Assim, é uma prática esportiva que possibilita que as camadas sociais com menos poder aquisitivo consigam adentrar em variados locais. Diante disso, [...] “o futebol tornou-se um dos primeiros e mais significativos exemplos de incorporação desses setores numa sociedade caracterizada pela cidadania restritiva e por marcantes diferenças sociais” [27], em um país que nos anos 1930 ainda carregava consigo resquícios escravocratas. Um passado

---

[26] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. 387 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017, p, 29.
[27] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 66.

colonial que ainda persistia no seio social, e que dificultava a ascensão dessa camada da sociedade brasileira.

Nesse cenário futebolístico brasileiro na virada dos anos 1920 para os anos 1930, um nome simbolizou esse momento de transformação do futebol no Brasil de esporte de elites para massas, Domingos Antônio da Guia[28]. Tal jogador brasileiro fez História nos gramados paulistas na primeira metade do século XX, atuando por uma série de clubes [29] e também na Seleção Brasileira, quando teve uma projeção para o futebol mundial.

Esse atleta mostrou ao Brasil e ao mundo as características desse esporte, mas não apenas isso, ao calçar as chuteiras e apresentar equilíbrio com a bola nos pés, Domingos da Guia tornava-se uma espécie de ligame social. Um fator que agregava os torcedores, tanto que "quando Domingos deixava de jogar, cinco mil torcedores ficavam em casa, achando que sem Domingos o jogo não tinha graça. Quando Domingos jogava, lá estavam os cinco mil torcedores a mais" [30], reforçando dessa forma que, além de clubes e seleções, jogadores também possibilitam a formação de representações sociais.

Domingos foi um jogador negro, pobre e não alfabetizado inserido em uma sociedade marcada pelo racismo e pelas históricas desigualdades sociais que atingem o povo brasileiro. Esses eram alguns dos pontos que dificultavam ainda mais a vida daqueles que viviam (vivem) à margem da sociedade na incipiente década de 1930, e que sonhavam em crescer no seio social através do futebol. Um desses sujeitos que tentou lutar contra todas essas adversidades foi Domingos da Guia. A trajetória desse ex-jogador histórico dentro e fora de campo realça como o curso de vida de determinados atletas pode funcionar como elemento que possibilita que os torcedores se percebam nos clubes e observem as equipes como objetos que representam os seus interesses.

O futebol pode funcionar como um ambiente fértil para que os diferentes atores sociais que compõem a sociedade brasileira possam representar seus valores, caráter e hábitos a sociedade brasileira. Nesse caso:

> O jovem Domingos da Guia pode ser tomado como um caso exemplar de operário que passou a encarar o futebol não só como diversão, mas também como uma necessidade financeira. Trabalhando como tecelão na Companhia Progresso

---

[28] Domingos Antônio da Guia foi um dos maiores craques do futebol brasileiro na primeira metade do século XX. Nasceu em 19/11/1912 na cidade do Rio de Janeiro, seu falecimento se deu em 18/05/2000, também na cidade do Rio de Janeiro. Domingos da Guia fez história no futebol nacional atuando por diversos clubes, entre eles destacam-se, Bangu (RJ), Vasco da Gama (RJ), Flamengo (RJ) e Corinthians (SP), zagueiro com grande habilidade com a bola nos pés, passou a ganhar destaque dentro e fora do Brasil.

[29] Domingos da Guia atuou pelos clubes, Clube de Regatas Vasco da Gama, Nacional (Uruguai), Boca Júnior (Argentina), Clube de Regata do Flamengo, Corinthians, Bangu.

[30] FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003, p, 204.

> Industrial do Brasil, em Bangu, estreou no time B da fábrica em 1929, contando com as frequentes compensações em dinheiro oferecidas pelo clube, bastante comuns, mesmo na época em que o amadorismo ainda estava em vigor[31].

Nesse sentido, analisamos o quanto o futebol se transformou em um espaço de construções de representações sociais em que "a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos sociais" [32] que formam esse campo, isto é, dos torcedores aos jogadores. Dessa forma, o futebol se torna uma veia que pode levar os sujeitos históricos a frequentarem diferentes ambientes, a conquistarem a liberdade financeira, assim como ascender na vida pessoal e profissional.

Essas são algumas das questões que fazem parte dessa prática esportiva, alguns dos pontos que incentivam os seus adeptos a praticarem esse jogo em todas as partes do mundo. No entanto, o futebol também tem elementos que afastam os sujeitos por variadas maneiras, seja dentro ou fora de campo, uma vez que, assim como outros espectros do viver humano, o futebol também é passível de críticas e reflexões sociais. É um campo que abarca inúmeras dimensões, da ação de incluir ao excluir do jogo em si e também da vida social.

Portanto, além de ser um esporte coletivo, que canaliza aproximações, mas também discórdias, ele possibilita potencializar as características individuais do jogador no entendimento do jogo. Assim como os sujeitos históricos na sua compreensão de mundo, o futebol permite compreender e ser compreendido pelas suas diferentes dimensões, seja pelo viés do torcedor ou profissional. Por isso, quando o jovem Domingos da Guia decide mergulhar no mundo futebolístico, ele passa a torcer pelo seu sucesso dentro e fora dos gramados.

Essa ascensão social por meio do futebol é um dos principais fatores que possibilita que esse esporte se torne um espaço de crescimento pessoal e profissional dos sujeitos que desejam adentrar nessa área. Além de o futebol permitir que a população que vive à margem da sociedade tenha ascensão social, ele também pode conceder aos jogadores a formação de novas redes de sociabilidades que é construída no seu entorno, com novos padrões de comportamentos, novas maneiras de pensar e viver, enfim, na junção de culturas variadas.

Assim, o futebol carrega consigo uma série de variantes sociais que vão além do que é apresentado dentro de campo, pois, "em torno desse esporte, institui-se todo um novo padrão de sociabilidade, fundou-se uma linguagem comum que favoreceu o intercâmbio entre as

---

[31] FILHO, Mário, 2003, p, 229.
[32] CHARTIER, Roger, 2002, p, 23.

diferentes elites nacionais" [33]. Uma linguagem que perpassou todo o século XX até aos dias atuais, desse modo, dificilmente se encontra na sociedade brasileira um grupo social, sujeitos ou comunidades clubísticas que não falem e discutem o dialeto futebolístico em ambientes públicos e privados, com seus signos e símbolos. Essas são práticas que atraíram, não apenas o jovem Domingos da Guia, mas também outros jovens que viviam à margem da sociedade brasileira nos primeiros anos da década de 1930, e que almejavam ascender socialmente por meio desse esporte.

O segundo fator que tornou o futebol um esporte popular nos anos finais da Primeira República no Brasil foi o seu caráter mobilizador[34], a sua capacidade em dinamizar diferentes segmentos sociais, a sua força em mover sujeitos em direção aos estádios, às praças públicas, às ruas e às avenidas nas cidades. O Clube de Regatas Vasco da Gama foi um dos símbolos que marcaram essa face mobilizadora desse esporte no Brasil, um dos times que conseguia mobilizar os seus torcedores a frequentarem o estádio São Januário, construído em 21 de abril de 1927 na cidade do Rio de Janeiro. Essa equipe carioca era uma das principais imagens que mostrava a feitura do futebol brasileiro nos anos finais da Primeira República. O seu quadro de jogadores era uma espécie de síntese do Brasil mestiço, um time formado por atletas de variadas camadas sociais, eram negros, mulatos, brancos, pobres, ricos, portanto, uma miscigenação nos gramados do São Januário.

A equipe Vasco da Gama conquistou o seu primeiro Campeonato Carioca em 1923, algo histórico. A sua trajetória no futebol nacional nesse período se tornou motivo de orgulho para sua legião de torcedores. Essa agremiação esportiva contribuiu em certa medida para popularizar o futebol no Brasil. Diante disso, esse clube foi um dos que [...] "popularizou de vez o esporte rei no Rio, conquistando milhares e milhares de novos adeptos e dando lhe uma popularidade que nunca havia atingido até então" [35]. Esse clube de origem portuguesa impulsionou legiões de torcedores a frequentarem os estádios de futebol e a acompanharem os times que torciam e vibravam.

Esse caráter mobilizador que o time Vasco da Gama conquistou em meados dos anos 1920 não foi algo ocorrido de forma instantânea e rápida, pelo contrário, foi um processo lento e gradual, já que o clube encontrava muitas resistências por parte das elites. Esse caráter

---

[33] SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, p, 1.

[34] Alguns autores como, Carlos Eduardo Sarmento (2006), Leonardo Pereira (2000) e Gilberto Agostino (2002), afirmam que foi pelo seu caráter mobilizador que o futebol começou a despertar interesses de governos e políticos no Brasil a partir da década de 1930.

[35] MAZZONI, Thomás. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950, p, 173.

mobilizador desse time deu-se na medida em que esse clube começou a aceitar em seus quadros jogadores negros, trabalhadores de fábricas, entre outros, isto é, as massas.

Ao adentrar nesse movimento de massificar o futebol nacional, o time Vasco da Gama começou a mobilizar torcedores, mas também movimentar ideias. Assim, além dos sentimentos e das ideias, o futebol, na figura do Vasco, é um ambiente dos dramas sociais, das relações de forças, dos dilemas, um espaço em que os sujeitos colocam suas dubiedades da vida cotidiana em questão, pois, como propõem Roberto DaMatta, "se o futebol é para ser visto, ele também serve para dramatizar e colocar em foco os dilemas de uma sociedade" [36] brasileira que se apresenta repleta de contradições e mazelas sociais, percalços históricos que ainda tentam resistir as marcas do tempo.

Outra situação que contribuiu para a popularização do futebol no território brasileiro foram as transmissões dos jogos pelo rádio, um meio de comunicação que levou aos rincões do Brasil não apenas o noticiário político, mas também as narrações dos gols dos atletas. O rádio fincou suas raízes no Brasil em 1922, com o intuito de funcionar como um elemento que levasse educação e cultura aos brasileiros, esta, nesse caso, erudita. Em poucos anos, especialmente a partir do ano 1930, o rádio popularizou-se no Brasil, se tornando um dos principais veículos de comunicação no Brasil. Ademais, o esporte alcançou lugares inóspitos, isolados, chegando a ser um importante companheiro na hora do café da manhã bem cedo de muitos trabalhadores nas zonas rurais e urbana do Brasil.

Essa popularização da radiodifusão na sociedade brasileira fez aproximar o rádio ao futebol, uma relação que aos poucos foi se consolidando no imaginário do povo brasileiro. Nesse sentido, as primeiras transmissões de jogos de futebol no Brasil ocorreram em 19 de julho de 1931, sob a narração de Nicolau Tuma[37], na Rádio Educadora Paulista com o confronto entre as seleções de São Paulo e Paraná. No entanto, segundo Fábio Franzini, as primeiras transmissões de partidas de futebol pelo rádio no Brasil ocorreram ainda no ano de 1930, "quando o Rádio Club do Brasil, única estação de *broadcasting* carioca, que vem desde muito tempo transmitindo as principais partidas de *Football* que se realizam nesta capital, São

---

[36] DAMATTA, Roberto, 1982, p, 32.

[37] Nicolau Tuma nasceu na cidade de Jundiaí/SP, em 19/11/1911, e faleceu em 11/02/2006, em São Paulo. Em 1928, Tuma iniciou a carreira jornalística como tradutor de telegramas e copidesque da última página Diário Nacional, órgão do Partido Democrático - PD. No ano seguinte quando cursava o terceiro ano de Direito, participou de um concurso para locutor na Rádio Educadora Paulista. Foi autor do termo "radialista", para os profissionais que trabalhavam no rádio, foi o primeiro profissional a transmitir uma partida de futebol, nos moldes que são ouvidas até hoje, foi apelidado de "speaker metralhadora", pela rapidez com que narrava. Foi um dos fundadores da Associação Brasileira de Rádio em 1944, com sede no Rio de Janeiro. Disponível em. https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=297827. Acesso em: 19 jan. 2024.

Paulo e Montevidéu” [38]. Diante disso, nota-se que as transmissões dos jogos pelo rádio no Brasil tiveram seus primeiros passos junto com a primeira participação da Seleção Brasileira em Copas do Mundo em julho de 1930.

O futebol começou cada vez mais a frequentar as ondas do rádio sob as frenéticas narrações dos gols, dos lances, dos nomes dos jogadores e seus toques na bola. As transmissões das partidas pelo rádio deram outra dimensão ao futebol no Brasil. No entanto, nesse primeiro momento, apenas grupos elitizados conseguiam ter acesso a essas transmissões. Em meados dos anos 1930, essas transmissões começaram a chegar às massas, aos torcedores espalhados pelo Brasil e aos ouvintes que antes não tinham essa oportunidade de acompanhar os jogos pelo rádio e não conseguiam decifrar o jogo, sentir a partida.

Com a chegada do rádio à beira dos gramados, os jogos começaram a ganhar outras feições, outros delineamentos que perpassam do aspecto emocional ao racional, os ouvintes passam a imaginar os lances do jogo, o drible, o chute. Assim, a relação entre futebol e rádio se mostrava mútua, um impulsionava o crescimento do outro. O futebol se apresentava cada vez mais como um dos elementos mais presentes na vida dos brasileiros, isso se devia em parte ao poder de alcance das ondas do rádio.

Esse poder de alcance das frequências do rádio esportivo se devia, em grande medida, à criatividade dos locutores, especialmente nas suas maneiras de narrarem os lances das partidas. Nesse período, uma das figuras que difundiu o rádio esportivo pelo Brasil foi Ary Barroso[39], um radialista que conseguia através das suas narrações envolver os torcedores, em provocar tensões, mas ao mesmo tempo o prazer e emoção do jogo. A narração de Ary Barroso colocava o torcedor na beira do gramado, em cima do lance.

Portanto, o início da popularização do futebol brasileiro a partir de meados da década de 1930 teve como alicerce ter se tornado um ambiente de ascensão social pelo seu caráter mobilizador e, por fim, as interfaces entre futebol e as ondas do rádio. Esses vetores impulsionaram os laços dos torcedores em relação aos clubes e Seleção Brasileira, contribuindo assim para a profissionalização dos jogadores de futebol no Brasil.

---

[38] FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, 2000, p, 37.

[39] O compositor e radialista Ary Barroso nasceu na cidade de Ubá, Minas Gerais, no dia 07/11/1903. O radialista Ary Barroso começou sua carreira na Rádio Philips, em 1932, onde atuava como pianista, locutor, humorista, animador e locutor esportivo. Era torcedor do Flamengo (RJ), ele trabalhou também nas rádios Mayrink Veiga, Kosmos, em São Paulo, onde criou o programa de calouro Hora H, pela Rádio Cruzeiro do Sul, no Rio de Janeiro, e pela Rádio Tupi. Disponível em. https://agenciabrasil.ebc.com.br. Acesso em: 19 jan. 2024.

1.2 A Transição do Amadorismo ao Profissionalismo

A difusão do futebol pelos rincões do Brasil se deu através também da profissionalização de jogadores. Essa página da História do futebol brasileiro se tornou mais uma ação que passava a construir diferentes representações no campo de jogo. No entanto, reforçamos que essa modificação não ocorreu de forma abrupta, mas de maneira lenta e gradual, foi um longo processo histórico. Nesse contexto, cada estado escreveu sua página dentro processo de profissionalização dos atletas, de maneiras diferentes, isto é, levando em consideração as suas particularidades, tempos e espaços.

No caso do Piauí, isso foi ainda mais complexo e problemático, pois, como narra o historiador Deusdete Barros, "o Piauí foi o penúltimo entre os estados da época a implantar o profissionalismo no futebol, adotando essa medida apenas no início da década de 1960" [40]. Em relação aos objetos de estudo deste trabalho, os times Picos e 4 de Julho, se tornaram equipes profissionais no final das décadas de 1970 e 1980 respectivamente. Por isso, não podemos analisar a profissionalização dos atletas da bola como uma coisa unívoca e instantânea no espaço e no tempo, tendo em vista que cada região, cada estado tem as suas particularidades econômicas, sociais e culturais, em outras palavras, cada espaço teve seus ritmos nesse processo.

Nesse momento de mudança de sistema passava-se a discutir entre a comunidade desportista não mais o amor à camisa, o respeito ao clube (algo que caracterizava amadorismo), mas a remuneração dos jogadores, as condições materiais que as agremiações esportivas poderiam oferecer aos atletas. Ao passo que o futebol tornava-se popular entre os torcedores brasileiros, começava aos poucos a se transformar em um dos objetos de representação da sociedade brasileira.

A transformação do futebol amador para o profissional no Brasil na transição da década de 1920 a 1930 foi mais um capítulo no processo de popularização desse esporte entre os brasileiros. Uma modificação que interferiu diretamente na forma de jogar, organizar e pensar essa prática esportiva. Isso alterou principalmente nas maneiras como dirigentes, clubes e jogadores dialogavam e tratavam o futebol, algo que refletiu de forma recorrente durante a década de 1990.

No contexto da primeira metade do século XX, dirigentes e jogadores reclamavam da situação amadora que vivia o futebol nacional. Entretanto, esses traços de amadorismos começavam a se esvair de dentro da estrutura futebolística brasileira, o caso do amadorismo

[40] BARROS, Deusdete Rocha, 2018, p, 53.

marrom era um dos reflexos desse desencantamento de uma parte da comunidade desportiva, por essa prática que constituía o futebol brasileiro nos anos 1920.

A lógica do amadorismo marrom funcionava da seguinte maneira, os clubes concediam aos seus atletas uma ajuda financeira de forma não oficial, uma espécie de prêmio, caso os times conseguissem as vitórias em torneios ou jogos considerados expressivos. O valor de cada premiação era conforme o significado dos jogadores para as agremiações esportivas, pois, dependendo do desportista e do atleta, a sua remuneração poderia ser maior em relação aos seus pares de grupo, assim, [...] "os clubes com maior poder econômico, remuneravam, de forma camuflada, os atletas considerados essenciais aos objetivos do clube" [41].

Essa prática começou a fazer parte da estrutura de alguns clubes no futebol brasileiro, como por exemplo, o *The Bangu Athletic Club*[42], o Bangu do Rio de Janeiro, pois [...] "esse time ganhou importância por ser o primeiro a ter traços de profissionalismo fora do universo da elite do futebol" [43]. Outro clube que tinha em seus quadros jogadores negros e trabalhadores de fábrica era o *Sport Club* Corinthians de São Paulo, que, juntamente com o Bangu, contribuiu para a democratização do futebol brasileiro e a inserção de distintas camadas sociais no futebol. Um dos motivos para isso foi a aderência ao profissionalismo e a remuneração dos atletas que, na sua maioria, eram de origem pobre.

Essas remunerações, denominadas de bichos[44], se perpetuaram por muito tempo nas estruturas do futebol brasileiro. O período que abarca esta pesquisa (1991-1998), por exemplo, houve a ocorrência dessa prática, especialmente nos quadros do time 4 de Julho de Piripiri no estado do Piauí, "quando nesse período, o time viveu sob o manto do amadorismo, mas com uma estrutura semiprofissional" [45]. A continuidade de práticas como essas por diferentes temporalidades e espacialidades converge na perspectiva de Marc Bloch acerca de procurar entender o presente, buscando analisar o passado, quando afirma que "a fronteira

---

[41] BARROS, Deusdete Rocha, 2018, p, 51.
[42] Clube de futebol profissional da cidade do Rio de Janeiro, fundado pelos funcionários da Fábrica Bangu em 17 de abril de 1904. Foi pioneiro na presença de negros e operários no futebol e na formação de times de futebol feminino. Foi um dos principais clubes de futebol brasileiro no início do século XX, que apesar de ser formado no seu início por trabalhadores de fábricas, na sua maioria inglesa, e também por negros, por outro lado, era um time que conseguia competir com os clubes de elite.
[43] GUTERMAN, Marcos, 2014, p, 52.
[44] Ainda hoje o futebol brasileiro comporta essa prática, é uma das formas que os clubes encontraram para agraciar seus atletas. Isso ocorre principalmente quando um determinado clube conquista um torneio de grande importância, ou ganha um jogo do seu maior adversário, desde que os dirigentes entrem em acordo com os jogadores antes das partidas, chegando ao acordo em relação aos valores a receberem.
[45] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memórias do futebol piauiense**. Teresina, 2023, p, 14.

entre o presente e o passado não se desloca por isso, num movimento menos constante" [46], isto é, uma relação que dialoga entre si na procura de sentido histórico.

O bicho tornou-se um dos percalços para o desenvolvimento do futebol brasileiro nos dias atuais, no que tange às relações entre clube e jogadores. As razões desse obstáculo devem ser buscadas no passado, mas não ficando preso a ele e às suas amarras, já que "a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação" [47], em outras palavras, sem o contato com o passado, dificilmente o presente poderá ser problematizado, questionado e compreendido.

O amadorismo marrom foi um dos caminhos encontrados por boa parte dos clubes de futebol no Brasil em meados da década de 1920 para tentar driblar as normas que a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) colocava aos seus associados. Essa prática funcionou como uma das maneiras dos times fugirem à regra, em desviar ao que era estabelecido, ou seja, buscavam seguir caminhos desviantes, tentando com isso resistir ao que era imposto.

Portanto, se intencionamos seguir na perspectiva de Michel de Certeau acerca das táticas e das estratégias das quais são instituídos os discursos e campos de poder, nesse caso, os clubes atuavam nas táticas a fim de fugir das estratégias elaboradas pela Confederação Brasileira de Desportos. Desse modo, as táticas "opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e delas depende, sem base para colocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas" [48]. O amadorismo marrom era essa tentativa de saída que uma parcela dos clubes do futebol brasileiro, especialmente de São Paulo e Rio de Janeiro, encontrou para se desgarrar das amarras impostas pela Confederação Brasileira de Desportos.

Para os times poderem participar dos torneios nacionais organizados por essa confederação nos primeiros anos da década de 1920, tinham que comprovar, junto à essa instituição, que seus atletas possuíssem emprego fixo, que exercessem uma atividade formal, seja ela na área pública ou privada. Nesse período, boa parte dos jogadores que atuavam nos times de futebol no Brasil não tinham empregos efetivos, pelo contrário, muitos deles trabalhavam na informalidade, em serviços temporários.

Dessa maneira, as agremiações esportivas corriam o risco de perderem suas principais peças nas competições que disputariam por causa desses pormenores. Assim, "como não interessava aos clubes abrir mão de certos atletas desempregados, inventavam-se empregos

---

[46] BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p, 61.
[47] BLOCH, Marc, 2001, p, 63.
[48] CERTEAU, Michel de, 1998, p, 100.

fictícios para eles, apenas para constar" [49] que estavam vinculados a um trabalho fixo. Essa era outra tática utilizada por uma boa parte dos times no Brasil para burlarem o regulamento oficial da Confederação Brasileira de Desportos.

Em relação às tramas envolvendo a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro, um fator contribuiu de maneira consistente para esse processo que teve início ainda nos anos 1920, e se concretizou nos anos finais da década de 1930. Esse elemento foi o êxodo de jogadores brasileiros para outras praças esportivas, especialmente para outros países das América Latina e a Europa. As canchas da Argentina, Uruguai e Inglaterra se tornaram espaços referências na questão da profissionalização dos atletas de futebol no Brasil nesse período. Se atualmente os primeiros entraram em decadência nas suas formas de organizar o futebol, já o segundo continua sendo um dos modelos para as formas como esse esporte ocorre, dentro e fora de campo.

Em relação a esse ponto, um dos casos que teve destaque foi o ocorrido com o time do Vasco da Gama em sua excursão pelo continente europeu no início da década de 1930. No dia 7 de junho de 1931, o time do Vasco embarcou para a Europa para realizar uma série de jogos amistosos em dois países, Espanha e Portugal. Nessas viagens, um dos objetivos dos dirigentes cariocas era preparar o time para competições consideradas mais significativas nesse momento, (Campeonato Carioca). Outra intenção era apresentar o clube carioca para as demais praças esportivas para com isso tornar o time um objeto de propaganda. Um objeto que representaria ideias, projetos e visões de mundo de um grupo de pessoas inseridas em uma sociedade marcada pelos alicerces futebolísticos.

Essas apresentações do time brasileiro em canchas europeias permitiram que os dirigentes do *Barcelona Sporting Club da Espanha* demonstrasse interesse pelo futebol do jogador Fausto dos Santos [50], mais conhecido por torcedores e cronistas esportivos nesse período por Fausto, maravilha negra, um dos objetos representativos do futebol nacional na incipiente década de 1930. Esse atleta já vinha despertando as atenções de outros clubes desde o final dos anos 1920, sendo assim:

> No ano seguinte, quando o Vasco da Gama excursionou pela Espanha, o futebol do jogador encantou o presidente do Barcelona. Este lhe fez uma tentadora proposta para que deixasse o clube brasileiro, o que Fausto considerou uma boa oportunidade de libertar-se do inconstante regime de bichos, regra do futebol brasileiro para manter as aparências do amadorismo. Apesar de duramente repudiada pelos cartolas

[49] GUTERMAN, Marcos, 2014, p, 54.

[50] Conhecido também por Maravilha Negra, Fausto nasceu em Codó (MA) em 28/01/1905, e faleceu em Santos Dumont (MG) em 28/03/1939. Foi um ex-jogador do futebol brasileiro que atuou nos gramados brasileiros especialmente nos anos 1930 jogando pelos clubes Bangu (RJ), Vasco (RJ), além de representar a Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1930 no Uruguai.

> brasileiros, na verdade, a transferência era perfeitamente possível, uma vez que não havia um regime profissional no Brasil e, consequentemente, os jogadores não estavam legalmente vinculados a este ou aquele clube[51].

Diante dessa passagem, depreende-se que os jogadores no Brasil eram tentados por oportunidades como essas para jogarem no exterior. Esses movimentos não foram apenas dados por Fausto, outros atletas também buscavam seguir a mesma direção. Essa era uma chance que uma parcela de jogadores brasileiros esperava para ascender socialmente por meio do futebol, em conseguir melhorar de vida. Nesse momento, o êxodo de jogadores brasileiros não ocorria apenas para o mercado europeu, outros locais começavam também a atrair as atenções dos principais atletas brasileiros, uma parte deles demonstrava insatisfação com os clubes aos quais estavam ligados, por exemplo, por não terem direitos de autonomia e não serem bem remunerados, como foi o caso de Fausto e Jaguaré [52].

Os países que mais se destacavam fora da Europa como um caminho alternativo para os atletas nacionais eram Argentina e Uruguai, dois países na América Latina onde o amadorismo entrou no processo de declínio antes que o Brasil. Segundo Maurício Drumond, "no final dos anos 1920 e início dos 1930, o futebol se profissionalizou na Argentina e no Uruguai" [53] [...], ou seja, demonstrando com isso o quanto essa questão estava bem avançada nesses dois países em comparação ao Brasil.

Os anos finais da década de 1920 foi o período em que o amadorismo marrom ou semiprofissionalismo deu seus últimos suspiros no futebol brasileiro. A década de 1930, mais especificamente em 1933, marca a passagem do futebol amador ao profissional no Brasil, Mas não apenas no reconhecimento dos jogadores como trabalhadores da bola em profissionais que passariam a ter seus direitos reconhecidos pelos clubes e instituições que organizam esse esporte, também pela inserção dessa prática esportiva no corpo de leis que regulamentaria os direitos dos trabalhadores no governo Vargas.

---

[51] FILHO, Mário, 2003, p, 230.

[52] Jaguaré Bezerra de Vasconcelos. O Jaguaré, goleiro do Vasco da Gama nas décadas de 1920 a 1930. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 14 de julho de 1900 e faleceu em 27 de outubro de 1940. Foi campeão carioca pelo Vasco em 1929 e também defendeu Barcelona (Espanha) e Seleção Brasileira. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/jaguare-1283. Acesso em: 03 mar. 2024.

[53] DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). 2013. 222 f. Tese (Doutorado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013, p, 96.

1.3 O Futebol Brasileiro Durante os Anos 1930

A chegada de Getúlio Vargas ao Catete em 1930 modificou todo o cenário político e futebolístico brasileiro. Como afirma José Murilo de Carvalho, "o ano de 1930 foi um divisor de águas na História do país"[54], mas não apenas no campo da política nacional, também no futebol nacional, um esporte que começava a se consolidar na sociedade brasileira. Desse modo, uma das áreas que passaram por profundas transformações nesse momento foi o campo futebolístico, especialmente no que tange a sua institucionalização.

Algumas questões movimentavam o campo futebolístico brasileiro na primeira metade da década de 1930. Dentre alguns desses pontos, destacamos as incertezas em torno da profissionalização dos jogadores de futebol, o litígio entre São Paulo e Rio de Janeiro na busca do domínio do futebol nacional, as incipientes discursões acerca da criação de uma legislação que passasse a regulamentar, fiscalizar e organizar os esportes no país.

Nos primeiros anos do governo de Vargas, o futebol no Brasil começava a ganhar contornos institucionais, a se difundir no seio social, a se popularizar entre os brasileiros. Em certa medida, o futebol iniciava a sua entrada na agenda do Estado. No entanto, não podemos afirmar que essa aproximação entre a bola e o poder tenha se iniciado nesse momento, pois isso já vinha sendo construído desde a década de 1920. A diferença é que antes da chegada de Vargas ao Catete esse esporte era tratado de forma esporádica e ocasional pelos governantes, mas isso não significava que não tinha jogos de interesses envolvidos.

No pós 1930, essa relação passa ter outro caráter, pois "foi somente a partir de 1930, mais especificamente a partir de Getúlio Vargas, que esse esporte passou a ser usado intencionalmente pelo Estado a seu favor" [55]. Não apenas para se aproximar dos diferentes grupos de torcedores, mas também imaginar a nação, idealizar, projetar o Brasil como um país sadio e na esteira do futuro. Nesse projeto, o futebol seria fundamental, uma vez que, "fazendo-se representantes naturais de um país do futuro, mais forte e sadio, os *sportsmen* reunidos em torno dos clubes de futebol dos clubes tendo o futebol juntavam a força da ciência com um pretendido refinamento do novo esporte inglês" [56] que cada dia ganhava os corações e mentes dos brasileiros.

O futebol se tornaria um dos objetos representativos da nação brasileira diante das outras, um ponto de diferença entre outros países. Dessa maneira, o esporte se tornaria um

---

[54] CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 26 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020, p, 91.
[55] MAGALHÃES, G. L. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010, p, 52.
[56] PEREIRA, Leonardo, 1998, p, 52.

ambiente pelo qual o Brasil seria imaginado, uma vez que "as comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas" [57], em outras palavras, o país passaria a ser pensado através do futebol. Esse esporte moldou diferentes cargas de sentimentos dos brasileiros: o pulsar da coletividade, do orgulho nacional em colocar em pauta a ideia de representação da nação. Isso visto que, "durante o primeiro governo de Vargas (entre 1930-1945), o futebol tornou-se de fato uma ferramenta nas mãos do Estado no processo de construção de um modelo nacional" [58], e acrescentamos um elemento de uma parcela da sociedade brasileira.

Nesse cenário, o futebol e a política iniciavam uma relação, diante disso, Getúlio Vargas notava o poder que esse esporte vinha conquistando entre os brasileiros, especialmente nas relações entre clubes e torcedores em diferentes regiões do país. A Seleção Brasileira também era parte importante nesse processo. Na visão da propaganda varguista, esse escrete nacional contribuiria na construção da nação imaginada por Vargas, em pautar a cultura nacional. A concepção de nação formulada pelos Estados Modernos estar atrelada a uma forma de Estado territorial, o Estado nação. A nação segundo Eric Hobsbawm não é uma "entidade social originária e imutável. A nação pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno" [59].

O Estado-nação que se formava nesse contexto tinha como alicerces os preceitos varguistas. Todavia, a população menos favorecida economicamente tinha também suas participações nesse processo. O caso do futebol nos ajuda a entender esse cenário, uma vez que esse esporte nesse período se tornou um dos fenômenos da cultura nacional, um ambiente que aproximava diferentes grupos de torcedores, e fazia com que esses segmentos sociais frequentassem espaços antes inacessíveis. Portanto, na construção da nação pensada por Getúlio Vargas o futebol desempenhava a função de servir como um dos ligames sociais entre os torcedores brasileiros, denotando com isso, o quanto futebol e política dialogavam juntos, e como os espaços e eventos futebolísticos se tornaram peças centrais nessa engrenagem.

Getúlio Vargas passou a tratar as festividades futebolísticas e os estádios de futebol como propagandas dos feitos do seu governo para as comunidades de torcedores. Nesse sentido, a propaganda varguista utilizou as glórias do futebol brasileiro como forma de

---

[57] ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p, 33.
[58] MAGALHÃES. G. L. **Com a taça nas mãos**: sociedade, copa do mundo, e ditadura no Brasil e Argentina. 2013. 239 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013, p, 52.
[59] HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1789**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p, 19-20.

enaltecer e construir laços sociais entre os aficionados. Dessa maneira, "o envolvimento do projeto Brasil com o futebol cresceu na medida em que este se popularizava" [60]. Assim, esses pontos ajudariam na transformação do país, na formação de um novo homem nacional, algo central para as pretensões varguista, já que "o projeto getulista abrangia o esporte como central para a transformação do brasileiro, e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do regime" [61]. Nesse caso, um país fragmentado no cenário político e um povo estagnado socialmente seria pontos negativos para os interesses de Vargas na construção da nação. Por isso, o significado da Seleção Brasileira nesse processo.

O escrete nacional tornou-se uma das vias de acesso entre as camadas de torcedores e o governo Vargas durante os anos 1930. A Seleção Brasileira vinha conquistando as atenções dos torcedores brasileiros desde o início dos anos 1920. Essa aproximação se fortaleceu com a participação do Brasil na Copa do Mundo em 1930 no Uruguai. Era a primeira vez que ocorria esse torneio, a ocorrência dessa competição se deu em partes aos movimentos orquestrados por Jules Rimet[62], presidente da Federação Internacional de Futebol (FIFA), nesse período. Essa Copa do Mundo foi marcada pela unidade Uruguaia e discórdia brasileira, antagonismo que mostrava o quanto o futebol se apresentava como um significativo elemento para o orgulho das nações.

Nesse caso, de um lado a Seleção do Uruguai era vista como representação da unidade do país, já no caso do Brasil era o contrário, o escrete nacional era considerado como símbolo do país fragmentado, dividido no que toca ao futebol, especialmente entre as duas principais praças futebolísticas do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo. O caso mais exemplar dessa discórdia no futebol brasileiro nesse momento deu-se com a derrota do time brasileiro para a Iugoslávia por 2x1, São Paulo festejou, pois, "a seleção estava praticamente eliminada, e o resultado foi comemorado em São Paulo" [63]. Em vista disso, os paulistas louvavam a derrota brasileira na Copa do Mundo de 1930 como se fosse uma vitória, uma vez que qualquer ação que prejudicasse o futebol carioca era vista pelos paulistas como sendo digno de aplausos. Uma boa parte da seleção que foi ao Uruguai era formada por jogadores cariocas.

---

[60] RIBEIRO, Luiz Carlos. Política, futebol e as invenções do Brasil. **Revista de História Regional**, n, 17, v, 2, 2012, p, 358.
[61] GUTERMAN, Marcos, 2014, p, 71.
[62] Jules Ernest Séraphin Valentin Rimet foi uma das principais personalidades do mundo do futebol no século XX, nasceu em 14/10/1873 e faleceu em 16/10/1956. Além de ser um dos fundadores da Copa do Mundo, foi também um dos que contribuíram a fundação da FIFA, no qual foi o terceiro presidente (1921-1954). Em sua homenagem, o primeiro troféu disputado recebeu seu nome a partir de 1946.
[63]FRANCO JR, Hilário. **Dando tratos a bola**: ensaios sobre futebol. 1 ed. São Paulo: Companhias das Letras, 2017, p, 22.

O conflito entre paulistas e cariocas acerca do comando do futebol nacional interferiu diretamente na campanha do selecionado nacional dentro de campo. Os dirigentes da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) se recusaram a conceder seus atletas para a Confederação Brasileira de Desportos para servirem a Seleção Brasileira na Copa do Mundo no Uruguai em 1930. Um dos resultados desse embate foi uma desastrosa participação brasileira nesse torneio disputado em Montevidéu, sendo marcado pela desorganização e falta de preparo do time brasileiro. Uma competição em que "a turma que nos representou no I Campeonato Mundial foi uma das mais fracas, improvisadas e ineficientes de todas que até então saíram do Brasil" [64].

Essa campanha da Seleção Brasileira na primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA foi uma dura derrota para o futebol brasileiro, um fracasso dentro e fora das quatro linhas, sendo simbolizada pelas atuações dos principais jogadores da Seleção Brasileira que foram ao Uruguai. A falta de confiança dos jogadores brasileiros refletia na pouca expectativa que foram criadas com esse torneio, um time formado às pressas, sem estrutura física, financeira e psicológica, além da ausência de alguns atletas de São Paulo, considerados relevantes para o futebol nacional, ficaram de fora e, assim, as condições para a derrota estavam sendo semeadas. O resultado dessa desorganização no futebol brasileiro foi um sexto lugar na competição, algo frustrante para a Confederação Brasileira de Desportos e torcedores, um duro golpe para o futebol nacional, e mais ainda aos objetivos varguistas em construir a unidade nacional por meio desse esporte.

Getúlio Vargas tentava utilizar a imagem da Seleção Brasileira como via de acesso para atingir corações e mentes dos torcedores brasileiros. Entretanto, de início, essa busca não foi tarefa fácil. As primeiras tentativas não surtiram os efeitos esperados por Vargas, visto que as discórdias entre cariocas e paulistas em torno do domínio no futebol brasileiro acabaram minando o sonho brasileiro de conquistar a Copa do Mundo de 1930. No entanto, as próximas atuações do escrete brasileiro em gramados estrangeiros, mostraram que essa relação entre futebol e política, ainda renderiam muitos frutos para o primeiro governo de Vargas. A Copa Rio Branco disputada em 1932 foi um dos primeiros sinais dessa aproximação.

Essa competição teve sua segunda edição em 1932, em Montevidéu, capital uruguaia. De um lado tinha a desfalcada, desacreditada e enfraquecida, Seleção Brasileira, do outro lado, a Seleção do Uruguai, campeã olímpica em 1924 e 1928, além do título da Copa de

[64] MAZONNI, Tomás, 1950, p, 236.

1930. O cenário para o confronto não era animador para os brasileiros, já que iriam enfrentar o escrete referência dentro das quatro linhas nesse período.

Outro fator que poderia dificultar a atuação do selecionado nacional era a pouca experiência de alguns jogadores brasileiros em torneios internacionais, dentre eles, destacaram-se, Domingos da Guia e Leônidas da Silva [65], dois dos principais jogadores do futebol brasileiro na década de 1930. Contudo, com todas essas adversidades ao selecionado do Brasil, o cenário de dificuldades apresentados antes, não se concretizou, pelo contrário, o jogo se mostrou favorável, até mesmo os uruguaios se impressionaram com a ousadia e coragem do escrete brasileiro. Os adversários de início perceberam no escrete nacional uma ameaça ao quadro uruguaio, um percalço a ser vencido, sendo assim, "os brasileiros inicialmente começaram a surpreender os adversários pela sua velocidade e improvisação" [66].

Ao chegarem à capital federal os jogadores brasileiros foram recebidos como heróis nacionais, como soldados da pátria pela comunidade de torcedores e pelo governo, devido ao triunfo que realizaram em Montevidéu ao derrotar o Uruguai na Copa Rio Branco. Esse feito alavancou a autoestima dos torcedores que estavam à espera de uma conquista dessa magnitude. Esse êxito não representava apenas a imagem e o nome do selecionado nacional, mas também, de todos os adeptos que formavam a nação que esperava ansiosa por esse momento de glória do futebol brasileiro.

Nesse contexto, diferentes grupos de torcedores se reuniam em praças e avenidas pelas cidades espalhadas por todo o país na busca por prazer, êxtase, torcer e vivenciar esse instante de euforia. Como foi o caso de Teresina, que à medida que os clubes e as competições se fortaleciam, atraiam mais as atenções dos torcedores, e se tornavam o assunto do dia seguinte em variados espaços teresinense. Os debates acalorados, "as conversas nos jardins, botequins e cafés configuram o sucesso do novo lazer na capital, tornando-se corriqueiras nas palestras as discursões sobre os jogos, a atuação de jogadores e juízes" [67].

Esse clima de euforia denotados em várias partes do país não passou despercebido pelos olhares de Getúlio Vargas, tanto que, ao desembarcar no Brasil, a Seleção Brasileira foi recebida pelo Presidente da República no Palácio do Catete no Rio de Janeiro, onde os atletas e a comissão técnica foram tratados por Vargas como heróis nacionais, soldados da pátria.

---

[65] Leônidas da Silva (O diamante negro) foi um jogador de futebol brasileiro que atuou por diversos clubes do futebol nacional. Nasceu em 6 de setembro de 1913 e faleceu em 24 de janeiro de 2004. Leônidas jogou pelo São Cristóvão (RJ), São Paulo, Bonsucesso (RJ). Leônidas foi um dos primeiros jogadores de futebol a executar o gol de bicicleta.

[66] MAZONNI, Tomás, 1950, p, 236.

[67] BARROS, Fransuel de Lima. **Teresina "moderna" e "civilizada"**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930). 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015, p, 115.

Ao realizar esse movimento, Vargas tentava utilizar de todas as maneiras possíveis os feitos futebolísticos conquistados pelo escrete nacional no Uruguai para com isso se aproximar dos trabalhadores brasileiros. No início dos anos 1930, Vargas ainda não era o grande líder da nação, "o pai dos pobres" [68], algo que foi construído durante a ditadura do Estado Novo. No entanto, nesse momento, ele já começava a mostrar suas credenciais na política brasileira, a sua tentativa de se aproximar do futebol, é um bom exemplo para refletirmos sobre isso.

Ao utilizar o futebol como uma das ferramentas políticas, Vargas colocava em pauta o projeto de nação, de país, no qual era pensado um homem novo, sadio e com vitalidade para servir a mãe pátria. Nesse caso, entra em cena outro tipo de trabalhador, não o operário que apertava os parafusos, consertava máquinas, mas sim o trabalhador da bola, os jogadores de futebol, que tinha entre outras funções nesse cenário, inserir o país no rol das principais praças futebolísticas do mundo, além de tentar amenizar as diferentes mazelas sociais que vinham atormentando a sociedade brasileira desde o período colonial.

Um dos caminhos percorrido pelo governo de Vargas para combater essas características que marcam a História do Brasil, foi olhar para a questão social, ao mundo do trabalho, ao cotidiano das massas, pois, no pós 1930 a questão social não foi mais tratada apenas na dimensão econômica, mas também, [...] "ela foi tratada como uma questão política, ou seja, como um problema que exigia e que só se resolveria pela intervenção do Estado"[69], esses traços passaram a caracterizar o governo Vargas, que tocou não apenas na questão social, mas também no campo futebolístico, uma vez que esse esporte passaria a desempenhar uma função central dentro desse processo.

Essa nova faceta da sociedade brasileira idealizada por Vargas encontrava no futebol os seus principais alicerces. Não por acaso que o governo de Vargas ainda na fase provisória (1930-1934) e constitucional (1934-1937) começou a utilizar o futebol, juntamente com o samba, como elementos que contribuiriam para a construção de representações sociais dos brasileiros. Em relação ao futebol, o governo varguista tentava encontrar maneiras de intervir e controlar esse esporte, especialmente na sua fiscalização e regulamentação.

Nesse período, alguns projetos em relação às intervenções do Estado nos desportos começaram a circular na Câmara dos Deputados, os objetivos dessas propostas era colocar em questão os interesses varguistas nos esportes. Alguns pontos que estavam sendo discutidos nesses projetos eram em relação ao controle que o Estado deveria ter com essas práticas

---

[68] Segundo Jorge Ferreira (2017), o mito Vargas expressava um conjunto de experiências que, longe de se basear em promessas irrealizáveis, fundamentadas tão somente em imagens e discursos vazios, alterou a vida dos trabalhadores.

[69]GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p, 197.

esportivas, ao poder do executivo sobre essas dimensões, não apenas na regulamentação, mas também na fiscalização e no controle, estabelecendo normas que passariam a oficializar todos os esportes no Brasil e atrelar todos eles ao Estado, como é relatado na passagem a seguir:

> O último debate foi à emenda Pádua de Soares. O deputado paranaense achava que se podia dar poderes absolutos ao governo para uma quase intervenção. Nessa emenda focalizava-se principalmente, uma maneira violenta de obrigar os clubes a submeter-se a oficialização. Para tal fim seria necessário um absolutismo de poderes e era isso o que o deputado Pádua Soares pedia à Câmara. Agora podemos informar que o presidente Getúlio Vargas dirigiu aos deputados da maioria fazendo-lhes saber que lhe seria grato a votação da emenda Pádua Soares, autorizando o governo a intervir no Sport. Tal facto veio dar nova feição aos trabalhos pela officialização do Sport. Demonstra claramente que o governo quer tomar medidas a respeito. Há já um trabalho de officionalização que está sendo elaborado pelo capitão João Alberto. Este, pelo menos, é o único trabalho com cunho official que se conhece [70].

Nessa passagem, depreende-se o quanto o governo de Getúlio Vargas já sinalizava para a institucionalização dos esportes no Brasil, antes mesmo do golpe do Estado Novo em 1937. Os dois parlamentares que representavam os interesses varguistas na Câmara dos Deputados demonstravam posições firmes acerca da oficialização dos esportes no Brasil, especialmente em relação às intervenções do governo no futebol, algo defendido pelos dois parlamentares. Se por um lado Vargas não obteve sucesso em institucionalizar os esportes no Brasil ainda nos anos iniciais da década de 1930, especificamente antes do Estado Novo, por outro lado o seu governo criava as condições para a futura institucionalização dos esportes no Brasil.

Com esses movimentos, Vargas começava a pensar em relação à política desportiva, ou seja, uma organização dos esportes no Brasil, sobretudo uma legislação que passasse a regulamentar todas as práticas esportivas no país. Um corpo jurídico que fizesse profundas transformações nas estruturas desportivas brasileiras, não apenas no que se refere nas relações entre atletas e clubes, mas também na institucionalização do futebol no Brasil.

Diante desse cenário, seria criada uma legislação que fiscalizasse, organizasse e regulamentasse os desportos no país, especialmente o futebol. Portanto, com esses fins, o Decreto - Lei n: 3.199 de 1941 foi instituído, que tem no seu primeiro capítulo: Do Conselho Nacional de Desportos e dos Conselhos Regionais de Desportos, onde é escrito no primeiro artigo os seguintes objetivos, “fica instituído, no Ministério da Educação e Saúde, o Conselho Nacional de Desportos, destinados a orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos

---

[70] O GOVERNO quer apressar a oficialização dos Sports. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1937, Ano, VI, n, 2.228, p, 1.

em todo o país" [71]. Com isso, a institucionalização dos desportos no Brasil, em especial o futebol, dava seus primeiros passos.

Em consonância com esse período marcado por mudanças nas estruturas do futebol brasileiro, foi criada no Piauí a Federação Piauiense de Futebol (FPF)[72], cujo objetivo era formar uma instituição que passasse a organizar o futebol piauiense em meados do século XX. Essa iniciativa em certa medida era uma das maneiras de inserir o Piauí no processo de consolidação e popularização do futebol na sociedade brasileira, levando-se em consideração que cada região tinha sua dinâmica. Assim, em canchas piauienses é relevante "informar que jovens de todas as classes sociais de Teresina ficaram deslumbrados com o futebol"[73]. Esse apreço pelo futebol se tornou um dos pontos na discursão do projeto modernizador de Vargas sobre o futebol.

Os objetivos varguistas para com os esportes brasileiros "era a modernização desportiva e sua utilização para a legitimação do regime. Ou melhor, a modernização esportiva para aquilo que parecia a modernização do Estado e da sociedade"[74]. O governo pretendia modernizar não apenas o ambiente esportista, mas também transformar a sociedade brasileira, formar um novo homem brasileiro. Essa era uma das estratégias utilizadas por Vargas para controlar o campo desportista nacional, especialmente o futebol, que passou a se tornar um dos objetos representativo da nação.

Esse era o cenário em que o futebol brasileiro estava inserido na segunda metade dos anos 1930, período regido sob a égide do Estado Novo. Essa nova face do governo varguista mudou os rumos da política nacional em diferentes aspectos. Antes, o Estado atuava como um ator quase despercebido no que se referia ao seio social, com o Estado Novo, o Estado passa a intervir em diferentes dimensões do corpo social, delineando ações e diretrizes que interfeririam diretamente na vida de diversos segmentos da sociedade brasileira. Desse modo, alguns pontos marcaram esse cenário, tais como, "ideologias políticas de viés autoritário, crescimento e modernização da máquina de Estado, formação de uma burocracia estatal

---

[71] Disponível em. https://www.planalto.gov.br. Acesso em: 22 jan. 2024.

[72] A Federação de Futebol Piauiense foi fundada em 25 de novembro de 1941 com o nome de Federação Piauiense de Futebol em decorrência do decreto nacional n: 3199/1941, do governo de Getúlio Vargas que determinava que os desportos deveriam ter sede única nas capitais. Por esse fato, substituiu as antigas Ligas das cidades de Teresina e Parnaíba, principalmente esta última que era filiada oficial da antiga Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Com a implantação do profissionalismo em 1963, muda seu nome para Federação Piauiense de Desportos. Em razão do seu cinquentenário em 1991, muda de nome outra vez, agora para o atual, Federação de Futebol do Piauí. Disponível em: https://ffp-pi.com.br/conteudo/62/11. Acesso em: 25 Set. 2024.

[73] BARROS, Fransuel, 2015, p, 115.

[74] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 81.

técnica, industrialização, legislação social protetora do trabalho" [75]. Essas e outras ações contribuíram para tornar o futebol ainda mais popular entre os brasileiros.

A participação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo em 1938 na França nos ajuda a reforçar o futebol enquanto objeto da cultura nacional. Esse torneio mundial simbolizou um dos momentos mais eufóricos da História do futebol brasileiro, pois foi a partir desse evento que o futebol começou a fincar suas raízes no seio dos torcedores, nos espaços dos clubes e da Seleção Brasileira. As vitórias do Brasil nos gramados da França ganharam uma tonalidade de festividade em ruas e avenidas do Rio de Janeiro, um verdadeiro encontro de sentimentos coletivos, um frenesi transloucado, assim:

> Houve, de fato, algo de loucura, loucura collectiva, nas manifestações com que a cidade celebrou o triumpho brasileiro. Passeatas, gritarias, ruídos de todos os gêneros, bombas, cantos patrióticos, serpentinas, confeti, folhetos, papel rasgado – eis o que se viu e ouviu, durante horas inteiras, no cenário carioca, e mais: bandeiras desfraldadas em todos os mastros, nas sacadas ou carregadas por grupos e, ainda, recobrindo automóveis. [...] Inédito, apenas inédito, o espetáculo de hontem. Cena que se via, de momento a momento: verdadeiras multidões cantando o hyno nacional[76].

O entusiasmo que entrelaçou os torcedores em ruas e avenidas demonstrava o significado do futebol para os brasileiros, para a autoestima nacional. As conquistas da Seleção Brasileira em canchas internacionais e as inúmeras atuações dos clubes de futebol locais pelos campeonatos estaduais tornaram ainda mais o futebol um esporte popular na sociedade brasileira. Esse momento simbolizava a entrada do futebol brasileiro em uma nova fase, marcada entre outros pontos, pela consolidação desse esporte no seio da comunidade desportista nacional.

Esse é um dos momentos que consolidou o futebol na sociedade brasileira, um cenário marcado por conquista em torneios internacionais por meio da Seleção Brasileira. No que se refere ao contexto nacional, era os clubes de futebol espalhados por diferentes regiões do país que ditavam o ritmo da popularização dessa prática esportiva entre os torcedores.

O futebol se popularizou entre os torcedores a partir da década de 1930 sob a égide do Estado. No entanto, com o limiar dos anos 1990 esse panorama começou a sofrer modificações, tanto na ordem das regras do jogo em si, quanto na tutela do Estado sobre o futebol brasileiro. Essas mudanças refletiam nas maneiras como os clubes organizavam suas gestões fora de campo, nas formas como administravam suas finanças. Esse contexto de

---

[75] FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (org). **O Brasil Republicano**: O tempo da experiência democrática- da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p, 303.

[76] VIBROU o povo brasileiro. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1938, Ano, VIII; n, 2707; p, 2.

transformações na estrutura do futebol nacional possibilitou que clubes de menor expressão começassem a ganhar destaque diante das equipes tradicionais, como foi o caso cenário futebolístico piauiense na década de 1990. Esses pontos é o que vamos discutir no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: O FUTEBOL PIAUIENSE NA DÉCADA DE 1990

Neste capítulo, analisamos o cenário do futebol piauiense durante os anos de 1990. No primeiro momento, tratamos de explicar alguns pontos que nortearam o panorama do futebol brasileiro, tais como a institucionalizações de novas regras do jogo, assim como o estabelecimento de uma legislação que passasse a reger o futebol nacional. No segundo momento, procuramos construir um texto pautado na análise da fase conturbada pelo qual passava os times River e Flamengo no cenário do futebol teresinense, delineando fatos e circunstâncias que levaram esses clubes a mergulhar em crise técnica e financeira. Na terceira parte deste capítulo, centralizamos as discursões na História dos times Picos e 4 de Julho, das suas fundações aos anos 1990, explicando o processo de formações e consolidações no futebol piauiense.

2.1. O Cenário do Futebol Brasileiro nos Anos 1990

O cenário do futebol brasileiro na década de 1990 adentrou na sua terceira fase, marcada pelo marketing esportivo e pelo capital financeiro gerado no mundo futebolístico. Esse novo momento no futebol mundial, e em especial no Brasil, possibilitou a ocorrência de uma série de transformações no futebol brasileiro. Foram mudanças tanto de ordem táticas, técnicas, legislativas, quanto de cunho financeiro e administrativo[77].

Dentre algumas dessas mudanças que ocorreram dentro e fora de campo destacaram-se alguns pontos. O primeiro deles foi à conquista do tetracampeonato mundial da Seleção Brasileira no ano de 1994 nos Estados Unidos. A última vez que a seleção canarinho tinha erguido uma taça de Copa de Mundo foi no México em 1970, isto é, depois de 24 de anos de espera o futebol brasileiro voltava ao topo do futebol mundial. De uma maneira mais ampla, "a conquista da Copa do Mundo dos EUA, em 1994, também contribuiu para a valorização do futebol brasileiro, em todos os aspectos"[78], inclusive em pensar o futebol fora das quatro linhas.

Outro ponto que movimentou o cenário futebolístico brasileiro nesse período foi às conquistas do São Paulo Futebol Clube da Taça Libertadores da América nos anos de 1992 e 1993, e do mundial de clubes da Federação Internacional de Futebol em 1992. Feitos históricos que engrandeceram ainda mais a História do tricolor paulista.

---

[77] MAGALHÃES, Lívia Gonçalves, 2010, p, 119.
[78] PRONI, Marcelo, 2000, p, 178.

No que se refere às regras do jogo, também houve mudanças. Em relação a esse ponto, ganhou destaque a modificação ocorrida no sistema de pontuação dos jogos de futebol. Antes, ao conquistar uma vitória, os clubes adquiriam dois pontos. Com a alteração, as equipes passaram a ganhar três pontos. O principal objetivo dessa transformação feita pela Federação Internacional de Futebol era aperfeiçoar a qualidade do jogo, pois, incentiva os times a buscar as vitórias, a não se abdicar do jogo, em não se satisfazer apenas pelo empate. Portanto, tentava-se privilegiar as equipes que procurassem ser protagonistas durante as partidas[79].

Houve transformações também no âmbito da legislação do futebol brasileiro, com isso, ganhou destaque duas leis. A primeira foi o chamado "Projeto Zico" (8.672/93). Essa proposta foi enviada ao Congresso Nacional no início de 1991. O projeto de lei, apesar de ser elaborado durante o governo de Collor, só foi sancionado em 6 de julho de 1993 no governo de Itamar Franco, esse era vice de Collor, que sofreu o processo de Impeachment. Essa lei trazia como principais objetivos, regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional; rever a participação dos recursos da Loteria Esportiva; extinguir a lei do passe. Desse modo, essa lei visava uma profunda transformação nas estruturas do futebol brasileiro[80].

A segunda lei que se destacou no campo da legislação do futebol brasileiro foi a Lei Pelé, 9.615/98, sancionada em 24 de março de 1998 no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-1998). O ex-jogador do Santos Futebol Clube e da Seleção Brasileira foi nomeado para ser o ministro do esporte desse governo. Foi durante o primeiro mandato de Fernando Henrique que foi criado o Ministério dos Esportes, cujo primeiro sujeito a ocupar essa pasta foi Edson Arantes do Nascimento[81]. Os principais objetivos dessa lei era extinguir a Lei do Passe [82], estabelecer mecanismos de fiscalização pública para com as práticas esportivas dos brasileiros e, por fim, o estímulo (e não mais a obrigação) aos clubes de futebol no Brasil a se tornarem objetos da iniciativa privada.

---

[79] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 117.

[80] PRONI, Weishaupt, Marcelo. **Esporte-espetáculo e Futebol-empresa**. 1998. 275 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p, 44.

[81] Natural de três corações (MG), Pelé nasceu em 23 de outubro de 1940. Ele é o único a ganhar três Copas do Mundo como jogador em 1958, 1962 e 1970. Também é o maior artilheiro da História, com 1282 gols, sendo 95 pela Seleção Brasileira e o milésimo anotado em 19 de novembro de 1969. Atuou por 19 temporadas pelo Santos Futebol Clube, tendo conquistado 26 títulos, dentre eles: 6 Campeonatos Brasileiros, 2 Libertadores da América e Mundiais de Clubes. Encerrou sua carreira como jogador no clube New York Cosmos em 1977. Entre 1995 e 1998, Pelé foi designado para o cargo de ministro do Esporte. Nesse período, foi sancionada a Lei Pelé, que passou a regulamentar o esporte no Brasil, assim como mudando as relações entre clubes e jogadores. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br. Acesso em: 09 set. 2024.

[82] Essa Lei foi sancionada no ano de 1998, cujo intuito era fazer uma série de modificações na estrutura do futebol brasileiro, especialmente no que se refere nas relações entre clubes de futebol e jogadores. Essa Lei proporcionou liberdade aos atletas juntos aos clubes que defendiam. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm. Acesso em: 18 set. 024.

Essas duas ações contribuíram para o projeto de inserção do futebol brasileiro nos rumos da modernidade que estava em curso nos anos 1990 [83]. Esses dois movimentos faziam parte da nova face que esses governantes desejavam apresentar ao futebol no Brasil. Os objetivos desses mandatários eram inserir o futebol brasileiro no rol das principais praças futebolísticas mundiais. Assim, tentava-se aperfeiçoar as relações entre jogadores e clubes, aproximando dessa maneira os times de futebol da lógica comercial que predominava nos anos de 1990 no Brasil. Portanto, todas essas iniciativas visavam introduzir o futebol brasileiro na globalização futebolística em vigência nesse período.

Arthur Antunes Coimbra (Zico)[84] e Pelé assumiram cargos relacionados aos esportes no Brasil. Zico, foi designado para ser Secretário dos Esportes no governo de Collor de Melo, nos de anos de 1990 a 1991. Pelé ocupou a pasta do Ministério dos Esportes durantes os anos de 1995 a 1998 no governo de FHC[85]. Um período marcado pelas diferentes tentativas de inserir o futebol nacional, no seio da iniciativa privada, no processo de privatização que estava em curso nessa época. Esses movimentos foram liderados por Collor de Melo e Fernando Henrique durante os seus respectivos mandatos. A escolha desses dois ex-jogadores para administrar essas pastas não era sem propósitos, pelo contrário, eram sujeitos que representavam os interesses do projeto modernizador do futebol brasileiro[86].

Os anos que abarcam esta pesquisa (1991 a 1998) foram tempos marcados por discursos e práticas que entoavam mudanças nas maneiras como o futebol brasileiro estava sendo conduzido. Eram ações em consonância com seu tempo, pois nesse momento em diferentes países, e no Brasil não foi diferente, se discutiam projetos que alçavam o modelo do Neoliberalismo, especialmente na economia. Com isso, tentava-se minimizar a participação do Estado nas estruturas do futebol nacional, em tornar esse esporte um ambiente

---

[83] Neste trabalho utilizamos a noção de modernidade formulada por Marshall Berman. Segundo Berman, a modernidade é um conjunto de experiências no tempo e no espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida, que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Ainda segundo esse mesmo autor, ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor. Mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

[84] Arthur Antunes Coimbra nasceu no dia 3 de março de 1953 em Quintino, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. É o maior ídolo da História do Clube de Regatas Flamengo, pelo rubro negro carioca, Zico conquistou 7 Campeonatos Cariocas, 4 Campeonato Brasileiros, 1 Taça Libertadores da América, 1 Mundial Interclubes. Obteve cinco vezes o Prêmio Bola de Prata e duas vezes o Bola de Ouro da Revista Placar. Estreou pela Seleção Brasileira no ano de 1976, disputou a Copa do Mundo em 1982, jogou e treinou também em clubes do Japão. Zico encerrou sua carreira como jogador profissional em 1994. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/entrevistados/arthur-antunes-coimbra-zico. Acesso em: 09 set. 2024.

[85] PRONI, Marcelo, 2000, p, 176.

[86] GUTERMAN, Marcos, 2014, p, 230.

fértil a interesses da iniciativa privada, assim o futebol aos poucos foi sendo moldado a partir desses corpos de ideias neoliberais [87].

Essas transformações não eram objetos desgarrados do cenário nacional e internacional no qual estavam inseridas, não eram obras do acaso, estavam mergulhadas em um contexto histórico pelo qual as sementes do Neoliberalismo começavam a se consolidar no seio administrativo do Estado no Brasil. No que tange ao contexto mundial começou a entrar em voga a seguinte ideia, "cada indivíduo buscasse sua satisfação sem restrições, e, qualquer que fosse o resultado, seria melhor que se podia alcançar. Qualquer curso alternativo argumentava-se, implausivelmente, que era pior" [88]. Era a síntese do pensamento neoliberal que chegava a realidade brasileira no limiar da década de 1990. A chegada de Collor ao governo foi um dos pontos que indicaram essa mudança nos rumos da política brasileira. Todas essas práticas pretendiam transformar o futebol brasileiro, tanto no aspecto do jogo em si, quanto nas suas organizações das competições.

Por isso, é bom salientar que o modelo de gestão e os caminhos que o futebol brasileiro seguiu na década de 1990 estavam ligados diretamente ao contexto dessa época e aos interesses das pessoas que ditavam as regras do jogo político e futebolístico no Brasil [89]. Sujeitos que dialogavam com grupos econômicos ligados à iniciativa privada procuravam nesse ambiente festivo maneiras de representar suas visões de mundo. Esses e outros pontos passaram a refletir no futebol piauiense durante os anos de 1990, especialmente nas estruturas dos clubes mais vitoriosos do futebol teresinense.

2.2 Os Times Teresinenses São Jogados Para Escanteio

Durante os anos de 1991 a 1998, os times mais expressivos de Teresina passaram a ser jogados para escanteio pelos clubes de fora da capital. Nesta seção, tratamos apenas do River[90] e Flamengo[91]. A resposta para essa problemática será respondida ao longo do terceiro

---

[87] MAGALHÃES, Lívia Gonçalves, 2010, p, 119.
[88] HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p, 543.
[89] SALLUM, Brasílio. O governo e o Impeachment. In. : FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A.N. (org.). **O Brasil Republicano**. V.5: O tempo da nova República: Da transição democrática a crise de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, p, 59.
[90] O River é um clube de futebol piauiense fundado em 15 de fevereiro de 1948 por estudantes do Colégio Leão XIII, que eram entusiastas por futebol. Dentre esse grupo de estudantes se destacam Afrânio Nunes, Aluísio Soares Ribeiro e Carlos Said. Segundo o historiador Deusdete Barros, a diretoria do River na época do seu nascimento forjou duas datas de fundação, uma datando de 1 março de 1946, a outra de 15 de fevereiro de 1948. O River já conquistou 31 títulos do Campeonato Piauiense. Participou cinco vezes da série A do campeonato nacional ante de 1971, e três vezes da antiga Taça Brasil.
[91] O Esporte Clube Flamengo foi fundado por membros políticos piauienses em 8 de dezembro de 1937. Entre eles destaca-se Raimundo Melo de Área Leão, um dos políticos mais influentes na política piauiense nos anos

tempo desta pesquisa. Nesse momento, procuramos explanar o cenário futebolístico desses dois clubes mais vitoriosos de Teresina durante boa parte da década de 1990. Analisamos suas participações em torneios estaduais, regionais e até mesmo nacionais, com seus fracassos e vitórias nos gramados. O contexto do futebol teresinense nesse período foi marcado por derrotas dentro e fora de campo simbolizado nas imagens do River e Flamengo.

A situação com que se encontrava o River no panorama do futebol piauiense no período que abarca este trabalho se mostrou mais sob o prisma do fracasso do que da face do prestígio. Nesse lapso de tempo, o cenário futebolístico piauiense foi dominado pelos times de fora da capital, especialmente Picos e 4 de Julho, como foi expressado a seguir:

> O campeão piauiense deste ano será mais uma vez um time do interior do estado. Dos últimos sete estaduais disputados desde 1991, seis foram vencidos por equipes de fora da capital, Teresina. Os dois times mais tradicionais e populares do estado, Flamengo e River, ambos da capital, nem sequer disputam o quadrangular decisivo da competição deste ano, iniciado no sábado passado. Estão classificados a Sociedade Esportiva de Picos, cidade da região central do estado; o 4 de Julho, de Piripiri; o Cori-Sabbá, de Floriano; e o estreante Oeiras Atlético Clube, da cidade de mesmo nome, que disputa seu primeiro campeonato estadual [92].

Esse trecho refletia o quanto o futebol da capital estava em descrédito nesse momento. Nota-se que os clubes de fora de Teresina estavam se sobrepondo aos tradicionais times teresinenses. Uma tônica que se perdurou durante boa parte da década de 1990 no futebol piauiense, tanto que, no mapa dos clubes classificados, apenas as comunidades clubísticas menos expressivas se destacaram no certame, colocando para escanteio, River e Flamengo.

Embora toda fonte histórica tenha que passar pelo crivo do historiador, e ser criticada pelas diferentes camadas de discursos que difundem, por outro lado, o documento histórico pode nos revelar dados e informações que se tornam relevantes para o desenvolvimento da pesquisa histórica. Nesse caso, analisando essa passagem que trata do momento de brio dos times menos expressivos no futebol estadual, concluímos que essa seção é uma fotografia do cenário futebolístico piauiense na década de 1990, um período marcado por antagonismo nas correlações de forças dos clubes.

Um contexto caracterizado pelas dificuldades financeiras do futebol teresinense. Dessa maneira, "a desorganização, a falta de profissionalismo dos dirigentes e os interesses político-partidário são alguns dos elementos que arrebentaram com a já frágil estrutura do nosso

---

1930 a 1940. Antes do surgimento do River, o Flamengo já era uma das forças do futebol estadual juntamente com o Botafogo (PI). O Flamengo possui 17 títulos de Campeonato Piauiense ao longo de sua história.

[92] FUTEBOL. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 de maio de 1998, p, 9.

futebol” [93], isso em relação ao cenário nacional e também estadual, especialmente no que tange River e Flamengo de Teresina.

Uma crise de ordem financeira assolou a estrutura futebolística dessas equipes durante a década de 1990. Na temporada do futebol estadual de 1991, o River enfrentou dificuldades em manter suas atividades ligadas ao campo, particularmente nos salários dos jogadores. A questão financeira interferia diretamente no desenvolver do jogo, pois, sem condições financeiras, dificilmente se formava uma equipe forte e competitiva. Isso não significava que esse fator era determinante no desenvolver do processo, mas era um dos ingredientes que contribuía para o evento futebolístico.

Assim, uma das contribuições que os atletas recebiam da direção do River eram os vales alimentações para serem utilizados em hotéis e outros estabelecimentos comerciais da cidade de Teresina em vésperas de jogos. Dessa forma, as participações do time em competições estaduais e nacionais começavam a estar ameaçadas, já que a direção do clube não tinha como arcar os custos financeiros da equipe em dias de jogos. As viagens, as concentrações em pousadas e a alimentação dos jogadores se tornavam mais deficitárias à medida que o clube contraia mais dívidas e não conseguia negociar os débitos anteriores com os atletas e os tributos junto ao governo federal, assim:

> As contas a pagar anteriores chegam a ultrapassar a casa dos 30 milhões de cruzeiros, como afirmam os atuais diretores. “A cada dia que passa o débito aumenta”, diz Geraldo Magno, atualmente respondendo pelo Departamento Financeiro do Galo. “Somente com o INSS, o clube deve mais de 20 milhões”, afirma o cartola riverino. Para liberar os jogadores de outros estados, a diretoria teve que partir para o acordo, onde a maioria dos atletas não chegou a receber 30% do que tinha direito, como disse o lateral Giva, que teria que receber cerca de 300 mil cruzeiros e teve que se contentar com apenas 80 mil[94].

Diante dessa passagem, notamos que o cenário financeiro no o qual se encontrava o River nesse momento era conturbado. Primeiro, as dívidas relacionadas aos impostos do governo consumia boa parte das arrecadações do clube durante as partidas. Eram débitos contraídos em anos anteriores por meio de contratações de jogadores de outros estados, manutenção da estrutura física do clube, assim como direitos trabalhistas em relação aos atletas. Segundo, alguns jogadores, como foi o caso do lateral Giva que atuaram pelo clube, não chegavam a receber seus direitos trabalhistas, tais como, salários e gratificações. Essas ações ao longo do tempo se agravavam ainda mais, minando dessa forma a imagem e o brio

---

[93] CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.22, 1994, p, 49. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26958. Acesso em: 17 dez. 2024.
[94] CRISE financeira atinge River e Mengo. **Jornal O Dia**, Teresina, 27 dez. 1991, p, 16.

da equipe tricolor no cenário do futebol piauiense nos anos 1990. Diante desse panorama, a saúde financeira da equipe teresinense se tornava insustentável, inviável. Portanto, a direção do clube deixava de honrar seus compromissos.

Um dos pontos que chamam a atenção é a escassez de alternativas que o River encontrou para se responsabilizar diante de seus débitos. A diretoria tricolor se mostrava com dificuldades na junção de valores junto à iniciativa privada, em encontrar caminhos que levasse o time a novos horizontes no cenário do futebol piauiense durante boa parte da década de 1990. Entretanto, ao longo da temporada de 1992, a direção do River cogitou colocar a venda uma parcela do patrimônio do clube, especialmente no que se referia aos bens que pertenciam à instituição clubística. Uma dessas propriedades que seriam negociadas era parte da sede social do clube.

A sede social do River era localizada na zona leste de Teresina, mais especificamente na Avenida Homero Castelo Branco, um território da cidade onde o poder aquisitivo de seus moradores era elevado. Desse modo, "a única maneira encontrada pelos dirigentes tricolores para tirar o clube do sufoco é colocar a venda uma parte do patrimônio tricolor, com o que não concorda uma grande parte dos associados"[95].

Portanto, no cenário agitado que se encontrava o River, ainda havia sinais de sobrevivência, isto é, o clube descobria maneiras para honrar suas responsabilidades financeiras junto aos seus credores. A expressividade e tradição dessa equipe em certo modo possibilitava que esse time conquistasse apoio na sociedade teresinense para se reerguer no futebol estadual. Clubes de elite como é o caso do River serviram durante um bom tempo "como modelo de organização para outras instituições do mesmo gênero que se desenvolveram paralelamente"[96]. No entanto, no período de 1991 a 1998 o cenário se apresentou diferente, foram às equipes de futebol menos expressivas fora de Teresina que serviram de modelo de organização administrativa para os times mais tradicionais da capital.

Mesmo inserido nesse cenário conturbado do ponto de vista financeiro, o River conseguiu conquistar o primeiro turno do Campeonato Piauiense de 1991. Essa edição do certame estadual ficou com o Picos. Todavia, a vitória do River na primeira parte desse torneio nos mostrou que o momento de adversidade pelo qual passava o futebol do tricolor teresinense não se resumia apenas as questões financeiras, aos débitos e arrecadações, pelo contrário. Nesse ponto, se a questão financeira fosse um elemento determinante para os

---

[95] SITUAÇÃO financeira no River. **Jornal O Dia**, Teresina, 27 de dezembro de 1991, p, 16.

[96] DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998. 254 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p, 47.

fracassos do clube, dificilmente conquistaria o primeiro turno do certame estadual. Um dos principais motivos passava pela ausência de organização da direção do clube em elaborar planos de caráter administrativos que colocasse esse time da capital em condições de disputar com o Picos e 4 de Julho, (dois clubes que ditaram o ritmo do jogo no futebol piauiense de 1991 a 1998), o prestígio do futebol estadual.

Essa questão nos mostra que, para a compreensão de uma problemática histórica, é necessário levar em consideração não apenas os objetos em si com suas particularidades, mas também os elementos que estão no seu entorno. Os objetos são construções dos historiadores, são elementos configurados em um determinado momento, são peças que precisam ser montadas e desmontadas ao longo da pesquisa. Portanto, os objetos em História estão inseridos "numa dada configuração de forças e saberes e é desta que eles falam" [97], e dialogam. Essas forças podem ser de variadas ordens, conforme o tempo e o espaço que a problemática está inserida, no caso do futebol, passam desde a esfera do jogo em si, aos discursos e práticas que são construídas fora de campo.

Críticas direcionadas aos dirigentes do River e outros clubes de Teresina não vinham apenas dos seus adversários em campo, mas também da imprensa esportiva teresinense. Uma parte da crônica de futebol da capital atribuía boa parte dos fracassos desse clube no certame estadual a ineficiência administrativa, a inoperância das ações dos seus diretores. O corpo de dirigente, na perspectiva dos cronistas que trabalhavam na beira dos gramados, era o principal responsável pela situação que se encontrava o River no futebol piauiense nesse período. Portanto, "se o nosso futebol está nesta situação é por que os dirigentes não querem trabalhar" [98], preferiam atuar na omissão, na incapacidade administrativa.

Ainda sobre essa questão, notamos que as discursões sobre o cenário de crise do futebol da capital na figura do River passava mais pela desorganização administrativa por parte da diretoria do que propriamente pelo viés financeiro. Cobrava-se uma mudança de mentalidade dos dirigentes a frente do clube, transformações que levasse em consideração a realidade com a qual o clube estava inserido, caso contrário o time continuaria mergulhado em déficits financeiros e em fracassos. Assim, "se não houver mudança de mentalidade dos nossos dirigentes, a temporada de 93 está seriamente comprometida em termos técnicos e financeiros a exemplo de 92, onde a maioria dos clubes trabalharam no vermelho"[99]. Especialmente os clubes de Teresina, marcados por vulnerabilidade na condução dos times.

---

[97] ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: EDUSC, 2007, p, 153.
[98] A INCOMPETÊNCIA dos dirigentes. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1992, p, 4.
[99] ATLETAS piauienses irão defender clubes do Ceará. **Jornal O Dia**, Teresina, 16 de dezembro de 1992, p, 4.

O planejamento instável resultava em uma série de fracassos do clube dentro de campo. Entretanto, até mesmo nos momentos de dificuldades, o River mostrava sua resistência diante dos seus adversários, como foi o caso da conquista do primeiro turno do certame estadual de 1992. Desse modo, demonstrava-se que o problema principal que atingia esse clube estava atrelado não necessariamente aos recursos financeiros, mas a ineficácia dos dirigentes em reger os interesses do clube.

Outro ponto que realçava a inabilidade da direção do River em entender a realidade futebolística que estava inserida era tentar colocar sugestões para participar do certame estadual. O clube elaborou planos de trabalhos que seria apresentado junto a Federação de Futebol Piauiense para aperfeiçoar a organização do Campeonato Piauiense, a tornar o certame mais prestigiado. Para tentar reviver seu passado de conquistas junto à comunidade desportista piauiense, a direção do River elaborou uma série de normas para que o clube voltasse a disputar o Campeonato Piauiense de 1993. Estas sugestões funcionavam como uma ação de força do clube teresinense para pressionar a federação a mostrar interesse na volta do time tricolor. Esse movimento demonstrava a resistência da equipe diante da perda de poder no futebol estadual.

Uma das sugestões que a direção do clube tentou citar era limitar a participação dos times fora da capital no certame estadual. Na perspectiva do River, os times menos expressivos deveriam participar apenas um de cada município. Dessa maneira, a proposta apresentada a federação por Geraldo Magno, presidente em exercício no River nesse período não se apresentava democrática do ponto de vista futebolístico, pois visava limitar as participações dos times fora de Teresina no Campeonato Piauiense. O ex-diretor do River:

> Geraldo Magno, presidente em exercício do River, disse que a direção do clube está preparando um plano de trabalho para a próxima temporada que será apresentado aos dirigentes da Federação, com propostas concretas para o retorno do Galo a competição da FFP em 1993. Geraldo afirmou que a ideia inicial é fazer um campeonato com apenas três clubes de Teresina, River, Flamengo e Piauí ou Tiradentes, e um de Parnaíba, Piripiri, Campo Maior, Floriano e Picos. Esta sugestão está difícil de ser aprovada, principalmente pelos clubes de Parnaíba e Campo Maior, que não admitem ficar de fora do campeonato estadual[100].

Diante desse trecho analisamos que essa medida que seria tomada pela direção do River se mostrava frágil e sem perspectiva de ser aprovada, já que dificilmente os clubes fora da capital concordariam com essa ação. O futebol das cidades de Parnaíba e Campo Maior seriam os mais prejudicados com esse movimento orquestrado pelo River. Nesse período,

---

[100] TORCEDOR poderá ter Rivengo de volta. **Jornal O Dia**, Teresina, 24 de dezembro de 1992, p, 4.

Parnaíba tinha dois times que constantemente disputavam o Campeonato Piauiense, Parnahyba[101] e Paysandu[102]. Pelo lado de Campo Maior, duas equipes representavam o município, Caiçara Esporte Clube[103] e Comercial Atlético Clube[104].

As maneiras como esse veículo de comunicação apresentou os fatos é outro ponto que nos chamou a atenção. Pelo que foi apresentado, denota-se que esse jornal entoava os interesses dos times da capital. Essa questão nos alerta para as armadilhas das fontes históricas, dos seus pormenores. Nesse sentido, "a História é, em essência, conhecimento por meio de documentos" [105]. No entanto, isso não significa aceitar o que estar posto nesses documentos, concordar com seus discursos. Pelo contrário, é preciso fazer um exercício de crítica a essas fontes, desnudar sua estrutura material e imaterial.

Sobre as intenções do River, existiam poucas chances desses times aprovarem essa ação, uma vez que não almejavam ficar de fora do torneio piauiense, em deixar de apresentar seu futebol e sua História nos principais gramados do futebol piauiense. Portanto, a possibilidade dessa ideia progredir era menor.

As cidades de Piripiri, Floriano e Picos tinham apenas um representante nessa competição, tais como, 4 de Julho, Cori-Sabbá e Picos. No entanto, isso não significava uma passividade dessas equipes diante dessa questão proposta pelo River, haja vista que todos os times fora da capital seriam prejudicados por essa sugestão. Um dos objetivos do tricolor de Teresina era reduzir a força dos clubes menos expressivos, especialmente 4 de Julho e Picos, duas equipes em ascensão nesse período, isto é, tornar o certame mais favorável ao futebol teresinense.

Portanto, notamos o quanto os dirigentes do tricolor teresinense se mostravam sem direção no cenário do futebol piauiense nos primeiros anos da década de 1990. A ineficiência fora de campo interferia diretamente dentro das quatro linhas, com resultados e atuações que

---

[101] É um time futebol localizado na cidade de Parnaíba no estado do Piauí. Foi fundado em 1 de maio de 1913 por esportista parnaibanos, que contaram com a ajuda de um industrial denominado de José de Moraes Correia. Durante sua história, o Parnahyba conquistou vários títulos da Liga Parnaibana de Futebol, além de alguns vices campeonatos piauienses. Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/131608/o-centenario-do-parnahyba. Acesso em: 14 set. 2024.

[102] Clube de futebol localizado na cidade de Parnaíba no estado do Piauí. Sua fundação se deu em 12 de agosto de 1928. É o principal rival do Parnahyba, ao longo da sua história recebeu o apelido de "Brasinha" pelos seus torcedores. Foi vice - campeão do Campeonato Piauiense de 1992.

[103] Caiçara Esporte Clube é um clube brasileiro de futebol da cidade de Campo Maior, no Piauí. Esse clube de futebol foi fundado no ano de 1954. Disponível em: https://www.gp1.com.br/noticias-sobre/esportes/caicara-esporte-clube/. Acesso em: 03 out. 2024.

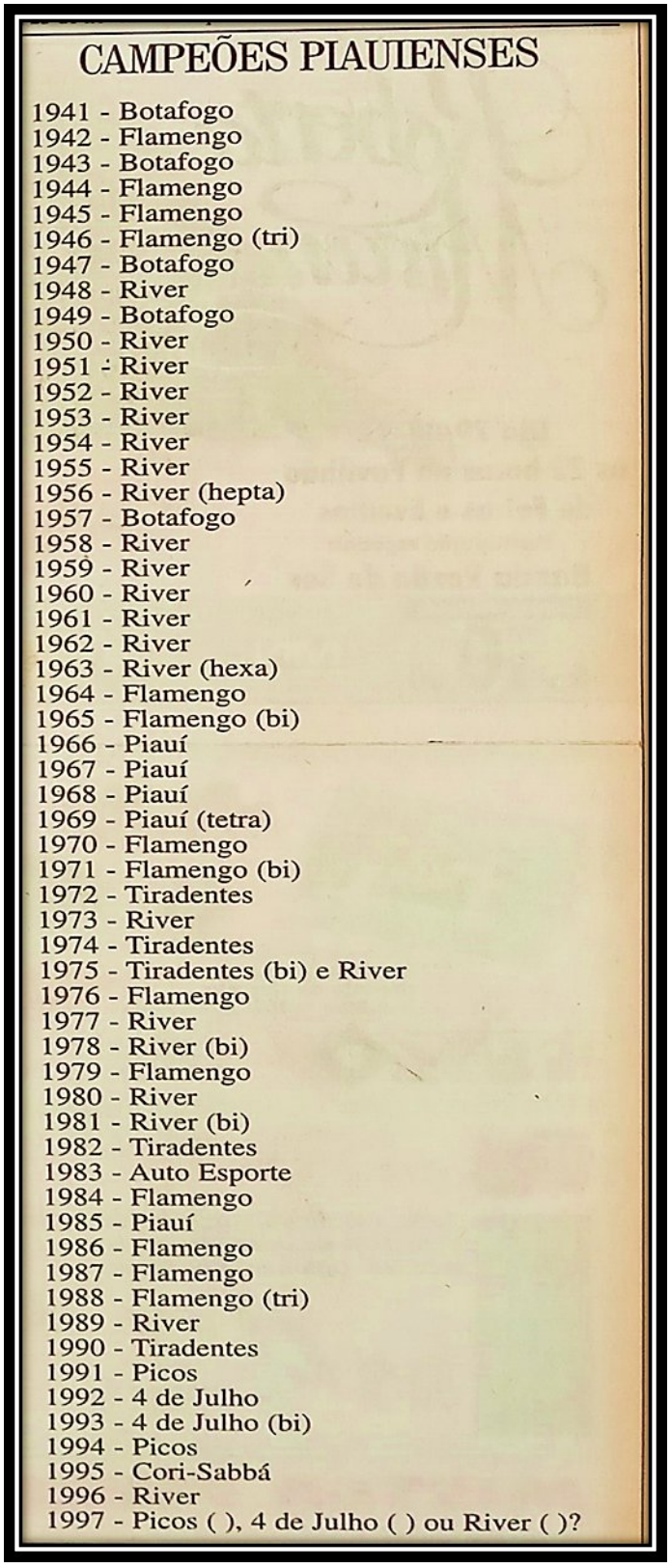
[104] O comercial Atlético Clube é um clube de futebol piauiense da cidade de Campo Maior, no Piauí. Foi fundado no ano de 1945. Disponível em: https://www.gp1.com.br/noticias-sobre/esportes/comercial-de-campo-maior. Acesso em: 03 out. 2024.

[105] VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p, 19.

não condiziam com a História do clube. Durante a temporalidade deste trabalho, 1991 a 1998, o River conquistou apenas um Campeonato Piauiense, no ano de 1996, isto é, no decorrer dessa década, o tricolor de Teresina atuou mais no campo dos fracassos do que das conquistas.

Os passes dados pelos dirigentes se tornavam gols contra na trajetória do clube no futebol piauiense, sobretudo quando se tratava de conquistas estaduais. Desde a fundação da Federação Piauiense de Futebol, depois, Federação de Futebol Piauiense, até o ano de 1997, o River tinha se tornado o time com maior número de títulos de Campeonato Piauiense, embora o Flamengo disputasse também esse posto, como é notório na imagem a seguir.

Figura 1 - Campeões piauienses de 1941 -1997



CAMPEÕES PIAUIENSES

1941 - Botafogo
1942 - Flamengo
1943 - Botafogo
1944 - Flamengo
1945 - Flamengo
1946 - Flamengo (tri)
1947 - Botafogo
1948 - River
1949 - Botafogo
1950 - River
1951 - River
1952 - River
1953 - River
1954 - River
1955 - River
1956 - River (hepta)
1957 - Botafogo
1958 - River
1959 - River
1960 - River
1961 - River
1962 - River
1963 - River (hexa)
1964 - Flamengo
1965 - Flamengo (bi)
1966 - Piauí
1967 - Piauí
1968 - Piauí
1969 - Piauí (tetra)
1970 - Flamengo
1971 - Flamengo (bi)
1972 - Tiradentes
1973 - River
1974 - Tiradentes
1975 - Tiradentes (bi) e River
1976 - Flamengo
1977 - River
1978 - River (bi)
1979 - Flamengo
1980 - River
1981 - River (bi)
1982 - Tiradentes
1983 - Auto Esporte
1984 - Flamengo
1985 - Piauí
1986 - Flamengo
1987 - Flamengo
1988 - Flamengo (tri)
1989 - River
1990 - Tiradentes
1991 - Picos
1992 - 4 de Julho
1993 - 4 de Julho (bi)
1994 - Picos
1995 - Cori-Sabbá
1996 - River
1997 - Picos ( ), 4 de Julho ( ) ou River ( )?

Fonte: Jornal Meio Norte, agosto de 1997, p, 7.

Esse fato realça a expressividade do River nesse lapso de tempo no cenário do futebol piauiense. Durante os anos de 1941 a 1997, o tricolor teresinense conquistou 20 certames estaduais, número significativo levando-se em consideração essa temporalidade. Por outro lado, o Flamengo com 14 títulos de Campeonato Piauiense ao longo desse período,

demonstrando assim o domínio dos dois times mais expressivos do futebol teresinense no campo de jogo no Piauí.

Esse ponto realça outra questão, o significado do feito histórico conquistado pelo Picos ao conquistar seu primeiro estadual em 1991. O título rompeu uma sequência de vitórias dos clubes de Teresina, River e Flamengo, além de mudar a dinâmica do futebol piauiense de 1991 a 1998. Portanto, essa discursão reforça as conquistas do Picos e 4 de Julho sobre as equipes de Teresina, denotando também uma ruptura de forma momentânea no domínio do futebol estadual, em que a centralidade passa aos times fora da capital, as suas atuações, representações no campo e fora dele.

Nessas mudanças de rumo no futebol piauiense, as atuações do Picos e 4 de Julho possibilitaram que novos campos de representação social fossem construídos no seio futebolístico piauiense. Dessa forma, a centralidade em torno Picos e 4 de Julho fazia com que os torcedores se mobilizassem durante os jogos desses times. Prestigiar as partidas nas arquibancadas significava para os adeptos, a comunhão de valores e sentimentos em comuns, algo que o futebol proporciona aos seus praticantes. Em vista disso, "quando se assiste a um jogo de futebol, não é apenas o clímax representado pela vitória da equipe que oferece emoção e prazer" [106], mas também outros elementos que compõem o jogo em si, como são os casos dos fatores fora de campo, que permearam tanto os clubes da capital quanto fora dela.

Diante disso, a centralidade do jogo não passava mais pelas pontas das chuteiras dos jogadores do River e Flamengo, mas sim pelos atletas das equipes de fora da capital, Picos e 4 de Julho. Tais times conseguiam, por meio de uma organização administrativa e um suporte financeiro das prefeituras de Picos e Piripiri, alçar novos caminhos no futebol estadual. Na contramão desse percurso histórico encontrava-se o River, clube tradicional, mas que, por uma série de motivos, passava por um dos momentos mais conturbados da sua História.

Nesse mesmo contexto, o Flamengo de Teresina se encontrava no mesmo cenário conturbado dentro e fora de campo. O rubro negro teresinense, um dos times tradicionais do futebol piauiense, passava por um dos momentos mais árduos de sua História. Diferentemente de outros períodos, em que o clube era uma das referências no futebol estadual, com feitos e títulos históricos, na década de 1990, a situação se mostrava o oposto. No recorte de 1991 a 1998, o ECF se ausentou do Campeonato Piauiense de 1992, e se tornou uma das equipes com déficits financeiros no futebol estadual, incluindo dívidas relacionadas a impostos do governo,

---

[106] ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p, 47.

assim como salários e direitos trabalhistas dos jogadores e uma série de ações ineficazes por parte da direção do clube na questão administrativa.

No período em estudo, o Flamengo foi sendo jogado para escanteio do jogo no futebol piauiense. A força que esse time tinha conquistado décadas anteriores, aos poucos se dilacerava diante das inúmeras dificuldades que o clube encontrava no campo financeiro e também na arena futebolística. Esse cenário se apresentava agitado para o rubro negro da capital, pois, do outro lado da face do futebol estadual, estava os clubes fora de Teresina, Picos e 4 de Julho, dois times que conquistavam corações e mentes de torcedores e desportistas piauienses, equipes que aos poucos se tornavam símbolos e referências no futebol estadual pela suas organizações dentro e fora de campo.

Portanto, o Flamengo, deixava de ser um dos destaques do futebol piauiense, um clube que se mostrava frágil dentro e fora de campo. No que se refere ao extracampo, o time apresentava fragilidades nas relações políticas em Teresina, uma vez que, nesse momento, assim como ocorriam com os clubes fora da capital em que as tramas políticas se entrelaçavam nas estruturas do clube, com os times mais tradicionais de Teresina não era diferente.

No caso do Flamengo, o time rubro negro encontrava dificuldades para dialogar com políticos locais, pois, essas relações possibilitavam que o clube angariasse benesses no campo futebolístico, e um desses privilégios, era convencer a prefeitura de Teresina a conceder ao clube, campos de futebol para o time treinar e manter suas atividades. Durante a década de 1980, o Flamengo mantinha relações próximas com os políticos e construía laços no sentido de buscar benefícios dentro e fora de campo. Esse período foi marcado pelo mandato de Avelino da Rocha Neiva[107] na presidência do Flamengo, uma época de conquista dessa equipe, cenário diferente do que ocorria nos anos 1990:

> O Flamengo tem uma sede bonitinha, mas não tem campo. Nesta semana só teve condição de treinar coletivamente na quarta-feira. Por falta de campo. Já andou pelo Piauí, pelo CEFAP e só se arranja no Parentão. O River treinou na semana passada no Lindolfinho. Será que falta prestígio aos dirigentes para conseguirem um horário no campo da prefeitura? A primeira coisa que o Avelino deveria ter feito era o campo de futebol. Quando tinha as máquinas do governo nas mãos [108].

[107] Político piauiense nascido em 07/04/1943 na cidade de Porto Alegre do Piauí. Durante sua trajetória política ocupou diversos cargos no Piauí, tais como presidente da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF). Além de político foi também desportista piauiense, ocupou a presidência do Esporte Clube Flamengo de Teresina de 1984 a 1988. Disponível em: https://cidadeverde.com/cvplay/v/49120/avelino-neiva-empolgou-a-torcida-do-flamengo-na-decada-de-80. Acesso em: 25 nov. 2024.

[108] SEM campo. **Jornal O Dia**, Teresina, 06 de dezembro de 1991, p, 12.

Notamos, a partir dessa passagem, que o cenário futebolístico e político para Flamengo era desfavorável, especialmente quando se tratava no aspecto espaço para treinamento do time. Esse cenário marcado por disputas fora de campo estava inserido no contexto das semifinais do Campeonato Piauiense de 1991 entre Flamengo e Picos em território picoense. A imprensa esportiva mostrava os preparativos para a final do certame estadual, as estratégias e dificuldades dos clubes para jogo. O clube de Teresina por encontrar obstáculos para dialogar com os políticos locais, não conseguia campos para treinar.

Assim, pelo que foi narrado por esse jornal, concluímos que a direção do Flamengo era oposição ao prefeito de Teresina no ano de 1991, Heráclito de Sousa Fortes[109]. Heráclito Fortes tornava-se nesse período um dos políticos mais elogiados dentro da comunidade futebolística teresinense. Um dos motivos para esses elogios eram as constantes contribuições que esse político destinava para a Federação de Futebol Piauiense manter e aperfeiçoar as competições de futebol estadual, assim como na construção e melhorias das praças de futebol na capital.

Dessa maneira, na final do Campeonato Piauiense de 1992, disputada entre Picos e Paysandu na cidade de Piripiri, o prefeito de Teresina foi homenageado pela federação. O troféu recebeu o nome do prefeito da capital, como forma de retribuição pelos benefícios concedidos ao futebol piauiense. A passagem a seguir reforça essa ideia:

> A presença do prefeito de Teresina, Heráclito Fortes, homenageado com o troféu do campeão estadual, é outro acontecimento de destaque na decisão da competição da Federação. A homenagem da FFP ao prefeito de Teresina prende-se ao fato do executivo municipal ter prestado relevantes serviços ao esporte de maneira geral. No setor do futebol profissional, Heráclito Fortes, além de ajudar diretamente os clubes da capital, ainda recuperou o estádio Lindolfo Monteiro em tempo record para jogos do campeonato estadual, atendendo pedido da diretoria da Federação de Futebol do Piauí [110].

Analisamos, diante desse trecho, as influências que o prefeito de Teresina Heráclito Fortes no ano de 1992 tinha na comunidade futebolística teresinense, especialmente no que se refere à instituição que organiza o futebol piauiense, principal órgão interessado em manter diálogos com o executivo municipal. As teias da política se entrelaçavam nos fios do campo de futebol, os interesses de ambos se conjugavam, caminhavam juntos. Percebemos que, ao falar a mesma língua que o prefeito, a Federação de futebol Piauiense passou a receber uma

---

[109] Político piauiense que por diversas ocasiões, foi deputado federal cinco vezes, 1982-1983; 1995-1999; 1999-2003; 2015-2019, e um mandato como senador. Além disso, foi prefeito de Teresina de 1989-1993. Disponível em: https://www.camara.leg.br/deputados/97707/biografia. Acesso em: 03 dez. 2024.
[110] HERÁCLITO confirma presença em Piripiri. **Jornal O Dia**, Teresina, 02 de dezembro de 1992, p, 16.

série de benefícios, tais como reformas de estádios e ajudas financeiras aos clubes. Isso demonstrava o quanto os dois campos tabelavam no intuito de chutar a bola no gol.

Nessa passagem, notamos que o ex-prefeito contribuía também para a manutenção dos clubes de Teresina. No entanto, essas ações possivelmente eram destinadas a outros clubes da capital, menos o Flamengo, pois, dificilmente Heráclito Fortes ajudaria a direção de um clube de futebol que não falasse a mesma língua que a sua. Assim, o rubro negro não gozava de prestígio junto ao prefeito, diferentemente da federação. Portanto, ao discordar do grupo político que estava no poder, os dirigentes que representavam os interesses da equipe teresinense, era jogado para escanteio não apenas no campo de jogo, mas também na arena política.

A luta por um campo de treinamento por parte do Flamengo foi apenas um dos pontos que nos ajudam a entender o cenário que se encontrava esse time, que aos poucos foi deixando de ser protagonista, para se tornar ator coadjuvante no cenário do futebol piauiense de 1991-1998. O Flamengo além de perder prestígio junto aos políticos de Teresina, passou também a fragilizar suas relações financeiras. Esse time no período em estudo se tornou um dos clubes com situação financeira conturbada. Para tentar sanar boa parte das dívidas que o clube tinha, a diretoria decidiu negociar imóveis que pertenciam ao patrimônio do rubro negro. Os valores adquiridos seriam utilizados para arcar com salários e despesas da equipe em períodos de jogos.

A diretoria do Flamengo na figura de Afrânio Nunes [111] cogitava colocar imóveis ligados ao patrimônio do clube como forma de sanar suas dívidas. Essa tentativa de negociar um dos seus ativos era mais uma das maneiras encontradas pelos dirigentes para honrar suas responsabilidades financeiras mais urgentes. Dessa maneira, "o Flamengo pensa em vender a casa do atleta para sanar suas dívidas. Empréstimos contraídos em bancos, despesas no comércio e dinheiro dentro de alguns diretores"[112]. Notamos, a partir dessa parte, o quanto o clube se apresentava frágil do ponto de vista administrativo, na maneira como se organizava. Todos esses percalços que entrelaçavam questões financeiras e de gestão, se refletiam dentro das quatro linhas. A não participação do time no certame estadual de 1992 foi um desses reflexos.

---

[111] Foi político, advogado professor e desportista piauiense. Foi presidente da Assembleia Legislativa do Piauí, Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado, presidente da UDN (União Democrática Nacional). Além disso, foi presidente do River Atlético Clube, membro da Academia de Letras do Médio Parnaíba e Secretário de Educação nos governos de Chagas Rodrigues (1959-1962), e Tibério Nunes (1963). Disponível em: https://cidadeverde.com/temporeal/35764/morre-ex-deputado-afranio-nunes. Acesso em: 16 dez.2024.
[112] VENDER imóvel. **Jornal O Dia**, Teresina, 22/23 de dezembro de 1991, p, 16.

Esse caso reforça os diferentes meandros pelos quais o Flamengo estava mergulhado, um contexto agitado financeiramente, que para honrar com suas responsabilidades, tinha que negociar uma parte de seu patrimônio. Essa era uma das demonstrações que reforçava o momento que passava o clube, repleto de inquietações e faltas de perspectivas em relação às participações em competições estaduais e nacionais.

No início da temporada de 1991, o Flamengo fez uma série de contratações de jogadores vindos de outros estados, especialmente da Bahia, cujo objetivo do rubro negro teresinense era reforçar seu plantel para disputar as competições que participaria. Esse espírito e mentalidade da diretoria do clube em se manter como referência e uma das principais forças do futebol piauiense entrou em dissonância com a realidade que o time estava inserido na década de 1990, um momento em que os altos investimentos poderiam colocar em questão a saúde financeira do clube, pois:

> No Flamengo, a atual diretoria, que no início da temporada investiu desordenadamente no time de futebol contratando uma carrada de jogadores da Bahia, que na sua totalidade não aprovou, também está as voltas com um débito que não chega a ser igual ao do River, mas vai ter que se desfazer de uma parte de seu patrimônio para liquidá-lo[113].

O imóvel colocado à venda era a casa do atleta, um dos principais espaços do clube, um local de sociabilidade onde os jogadores, diretores, torcedores se encontravam para debater e socializar ideias e projetos para a equipe. No entanto, esse avanço do clube em se mostrar ativo e ousado fora de campo, refletiu na saúde do futebol da equipe. Nesse sentido, devido ao momento que a equipe passava, os diretores cogitavam deixar o Flamengo de fora do Campeonato Brasileiro da série B de 1992, uma vez que, as despesas com viagens e outras atividades, o clube não tinha mais como honrar.

Diante desse panorama, as atuações do time não entusiasmavam os adeptos a prestigiarem o clube no estádio, a apoiar os jogadores em campo. Por fim, diante desse cenário, o Flamengo, sob a égide de Afrânio Nunes, cogitava em não participar do torneio organizado pela Confederação Brasileira de Futebol. Desse modo, de forma gradual o Flamengo se tornava time coadjuvante no futebol estadual, um clube que aos poucos deteriorava seu brilho nos gramados piauienses.

Uma das ações que impulsionaram a degradação da imagem e nome do Flamengo no cenário do futebol piauiense no período em estudo foram as constantes dívidas do clube junto a órgãos públicos, especialmente na esfera federal. Uma das instituições pelos quais o time

---

[113] RENOVAÇÃO de Gaúcho preocupa. **Jornal O Dia**, Teresina, 27 de dezembro de 1991, p, 5.

rubro negro tinha déficits era com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), órgão responsável pela arrecadação de tributos sociais. Com a Previdência Social, o Flamengo, assim como outros clubes de futebol do estado, tinha débitos, eram despesas ligadas diretamente a questões trabalhistas juntos aos jogadores e a outros funcionários. Outro ponto que somava a isso eram os empréstimos bancários realizados pelo clube.

O Instituto Nacional de Seguridade Social passava a ameaçar os clubes devedores com penalidades no campo de jogo e também na área criminal. Uma das propostas levantadas pelo instituto era fazer com que os clubes pagassem suas dívidas com as rendas dos jogos. No caso do Piauí, essa alternativa tornava-se inviável devido ao momento que passava boa parte dos times. As equipes de Teresina não conseguiam mobilizar seus torcedores a frequentarem o estádio Albertão ou Lindolfo Monteiro para prestigiarem o jogo. Essa ação, segundo o órgão, levaria os débitos dos clubes a serem sanados, desse modo:

> O Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), há dois meses vem tentando negociar com os clubes de futebol do Piauí o pagamento da dívida referente às obrigações sociais junto a Previdência. Após várias tentativas de negociações, inclusive de parcelamento das dívidas, apenas 5 clubes compareceram ao órgão para tentar parcelar o débito. Na lista de clubes que negociaram com o INSS estão o Esporte Clube Flamengo de Teresina, o Caiçara Atlético Clube de Campo Maior, o Comercial Atlético Clube, a Associação Atlética Cori-Sabbá de Floriano e o 4 de Julho Esporte Clube de Piripiri [114].

Diante dessa parte é preciso analisar algumas situações que consideramos pertinentes para a compreensão da problemática desta pesquisa. Primeiro, o Flamengo eram um dos clubes da capital que tinha débitos junto ao órgão previdenciário, isso significava dívidas a serem sanadas em caráter de urgências. No entanto, de todos os times de Teresina, o rubro negro foi o único que se mostrou disposto a negociar suas causas, entoando desse modo certo interesse em modificar a situação em que se encontrava. Segundo, o número expressivo de times fora da capital que mantinham pendências financeiras com a previdência social. Dentre esses times, o Picos e o 4 de Julho passaram a ditar o ritmo do futebol piauiense nesse período.

Esse ponto nos ajuda a contrariar a ideia que alguns diretores de clubes da capital divulgavam no meio futebolístico piauiense. Segundo esses sujeitos, apenas os clubes de Teresina passavam nesse período por dificuldades financeiras, por não gozarem de prestígio junto à iniciativa privada. Assim, reforçavam que os clubes fora da capital conquistavam títulos e brios fora de campo devido à estabilidade das suas saúdes financeiras. Entretanto,

---

[114] APENAS cinco equipes em débito foram ao INSS. **Jornal O Dia**, Teresina, 10 de agosto de 1993, p, 8.

percebemos por meio dessa passagem, que tanto o Picos, Cori-Sabbá, Caiçara estavam na mesma situação que o rubro negro teresinense, portanto, esses times não gozavam tanto de prestígio financeiro, sendo assim, as suas vitórias não teve como fatores determinantes as contribuições das prefeituras.

Os diretores dos times mais tradicionais de Teresina, River e Flamengo, relatavam que os principais motivos que possibilitavam que as equipes de fora da capital, especialmente Picos e 4 de Julho, conquistassem títulos e notoriedade futebolística se devia por questões financeira, isto é, as contribuições das prefeituras de Piripiri e Picos. Ao realizar essa observação, os dirigentes denotavam que esse ponto fosse o determinante para as glórias em campo, e como se apenas os times de fora de Teresina recebessem ajudas financeiras do poder público. No entanto, "não só os times do interior que contam com a ajuda da prefeitura. River e Flamengo recebem, mensalmente, R$ 7.500 da prefeitura"[115]. Portanto, esse discurso dos diretores de River e Flamengo difundidos na imprensa esportiva de Teresina durante os anos 1990 são se sustenta, uma vez que, tanto de um lado quanto de outro, recebiam contribuições financeiras por parte do executivo municipal.

Consideramos que nesse cenário do futebol piauiense os clubes do futebol estadual se encontravam em situação financeira conturbada, especialmente os da capital, marcado na imagem inclusive do Flamengo. Mas um dos pontos que diferenciava os times da capital e fora dela era a questão da gestão dos clubes, as maneiras que os interesses das equipes eram administrados e conduzidos. Esse mesmo ponto era realçado por Carlos Said[116], segundo Said, a defasagem do futebol teresinense nesse período era em decorrência da cartolagem, das ineficiências dos dirigentes. Na perspectiva do cronista esportivo piauiense, "a cartolagem estar misturando a política com o futebol, essa mistura transformou o futebol em politicagem"[117], em privilégios privados e financeiros. Portanto, um contexto que na visão de Said, causava malefícios aos clubes locais.

Esse cenário de crise do Flamengo durante os anos de 1990, não afetava apenas a dinâmica do clube, mas também as movimentações da imprensa esportiva que trabalhava nos jogos em Teresina ou fora dela. Um dos pontos que reforça essa ideia foi à ausência do Flamengo no Campeonato Piauiense de 1992, um duro golpe na autoestima dos seus torcedores e da imprensa que divulgava o evento. Dentre os meios de comunicação de

---

[115] INTERIOR domina piauiense nos anos 90. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 de maio de 1998, p, 5.
[116] Um dos principais nomes da crônica esportiva piauiense. Professor, desportista, jornalista e um dos entusiastas do futebol piauiense. Carlos Said trabalhou em diversos órgãos que organizaram o futebol estadual, FAGEP, APCDEP, além de trabalhar como comentarista de futebol. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/carlos-said-o-magro-de-aco. Acesso em: 02 dez. 2024.
[117] SAID, Gustavo. **Como era bom aos domingos**. Teresina: Edufpi/Halley, 2011, p, 269.

Teresina, o rádio se tornou o mais prejudicado com esse momento conturbado que passava o Flamengo dentro de campo. Algumas emissoras de rádio relatavam dificuldades para se deslocarem para as cidades distantes da capital, pois, na perspectiva desses veículos, os jogos dos times fora de Teresina não resultavam em audiências expressivas.

Desse modo, a saída de cena dos clubes de Teresina das principais competições de futebol do estado jogava-se para escanteio não apenas o brio dos times, mas também os interesses da imprensa esportiva, que por uma série de fatores, não se entusiasmava para transmitir os confrontos em outras praças que não fosse Teresina ou não envolvesse o Flamengo. Por isso:

> Se o campeonato estadual de profissionais não foi bom financeiramente para os clubes, a situação não poderia ser diferente para as equipes esportivas das emissoras de rádio AM. A desistência de River, Flamengo e Piauí de não participarem do certame estadual, o futebol da capital ficou resumido no Tiradentes, uma vez que o Auto Esporte teve seus jogos negociados com a prefeitura da vizinha cidade de Altos, onde atuou durante toda sua participação no certame. Para completar, o Tiradentes abandonou a competição, com a mesma em andamento, aí então, as emissoras se viram obrigadas, para cumprirem contratos com seus patrocinadores, a cobrirem jogos em Picos, Floriano, Altos, Campo Maior, Piripiri e Parnaíba [118].

Notamos nessa passagem o quanto uma parcela da imprensa futebolística se mostrava descontente com a situação com a qual se encontrava o futebol teresinense, em especial, com o Flamengo, um dos times mais tradicionais do futebol estadual, clube que mobilizava inúmeros torcedores aos estádios. Um momento que afetava os trabalhadores da bola e os profissionais que colocavam na ponta da caneta todas as cargas de subjetividades dos lances, dos gols e dribles. Uma parte das emissoras de rádio relatavam dificuldades financeiras para não se deslocarem aos estádios nas cidades do interior do estado. No entanto, a causa principal desse descontentamento era que a crônica esportiva não aceitava que os clubes fora da capital se destacassem no cenário do futebol piauiense.

Nesse sentido, para as emissoras, ter que se deslocar para Piripiri para transmitir um confronto que não envolvesse o rubro negro teresinense, seria um fator negativo. Na visão desses, o destaque deveria recair sobre o Flamengo, e não nos times fora da capital, especialmente Picos e 4 de Julho. Portanto, diante desses pontos, reforçamos que a crise pela qual passava o time de Teresina interferia diretamente na dinâmica do futebol estadual, pois se tratava de uma das principais forças do futebol piauiense, com torcida expressiva.

---

[118] BAIXO nível do certame/93 atinge equipes esportivas de rádios. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1992, p, 4.

2.3. Picos e 4 de Julho fazem História

A Sociedade Esportiva de Picos foi fundada em 8 de fevereiro de 1976 na cidade de Picos por um grupo de pessoas que desejavam que o futebol da cidade tivesse uma visibilidade e força no Campeonato Piauiense. A comunidade desportista local mostrava-se inquieta com o quadro futebolístico apresentado na cidade de Picos. No final da década de 1970, o Picos era a principal agremiação futebolística da cidade, tanto no aspecto do amadorismo, quanto no âmbito profissional.

Nesse contexto, de 1976 a 1978 o Picos atuava de forma amadora, "no ano seguinte, 1979, a Sociedade Esportiva de Picos entrava para o Campeonato Piauiense de Futebol Profissional" [119]. Uma mudança significativa que inseria o Picos em uma nova História do futebol piauiense, com isso, mais uma página era escrita.

Entre os sujeitos que contribuíram para a construção do Picos destacaram-se o médico, e que posteriormente se tornaria deputado estadual, Warton Santos, Francisco Messias de Oliveira, Waldemar Moura Santos, Dimas Leles, José Cércio de Macedo, Expedito de Sousa Lima, José Cursino, Raimundo Nogueira e Renã Costa. Francisco de Oliveira se tornou o primeiro presidente do clube, sendo que, anos depois ocuparia vereador pela cidade de Picos.

Dentre esses sujeitos que ajudaram a desenvolver o time Picos, dois ganharam relevo no campo da política local após apresentar seus trabalhos junto a essa equipe, Warton Santos e Francisco de Oliveira. Dessa maneira, "a SEP foi fundada por um grupo de amigos com o intuito de ter um time que representasse a cidade no futebol estadual" [120], em outras palavras, esses sujeitos procuravam inserir um representante local na principal competição do futebol piauiense.

Diante disso, notamos que, desde os primeiros anos de sua fundação, a equipe Picos já se mostrava um ambiente fértil para o desenvolvimento dos interesses políticos de grupos ou instituições sociais. Alguns desses sujeitos que navegavam entre o público e o privado começaram a notar os variados benefícios políticos que poderiam obter ao atrelar seus respectivos nomes e imagens junto ao principal clube de futebol de Picos.

Um time que aos poucos conquistava corações e mentes dos adeptos locais e que se tornava um dos objetos em disputa pelos diferentes grupos políticos da cidade, especialmente ligado a José Neri e Abel de Barros, dois oponentes no campo político local. Nessa

---

[119] SOCIEDADE Esportiva de Picos. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 16.
[120] MENDES, José Paulo. **Urubus x SEP (Sociedade Esportiva de Picos)**: As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos - PI, 2014, p, 25.

perspectiva, o político enquanto sujeito histórico e mutável dialoga constantemente com o futebol, na realidade, "praticamente não há setor ou atividade que, em algum momento da História, não tenha tido uma relação com o político" [121].

Antes da década de 1990, apenas os times de Teresina, em particular River e Flamengo, gozavam de prestígio no certame estadual, se destacando nas vitórias, conquistando títulos, artilharias e notoriedade no cenário futebolístico em âmbito de Piauí. Portanto, ao ser fundado, um dos objetivos do Picos era tentar disputar poder no futebol piauiense, modificar a dinâmica das relações de forças. A História é construída com base em rupturas e continuidades ao longo do processo histórico, sobre essa questão, a História do futebol piauiense na década de 1990 sofreu rupturas momentâneas, especialmente nas correlações de forças entre os clubes. Mudanças que o Zangão do Piauí contribuiu para construir no campo de jogo, e que estão representados nos símbolos do clube de Picos.

O time Picos recebeu o apelido de "Zangão do Piauí", uma espécie de abelha sem ferrão, cuja única função é fecundar a rainha. Essa denominação foi em referência a uma das principais características econômicas da cidade de Picos, a apicultura[122]. A decisão da direção do Picos em escolher esse inseto para se tornar mascote do clube se justifica pelo fato do município piauiense se transformar nesse período uma das cidades estaduais referência na produção de mel de abelha na época de fundação da equipe. A força física do Zangão é para mostrar a potência do Picos diante dos seus adversários, mascote que tentava impor temor nos concorrentes nas beiras dos gramados locais. O seu escudo tem nas suas cores tons que representam a cidade de Picos, ao seu povo, cultura e economia, como é visto a seguir:

---

[121] RÉMOND, René. Do político. In. : RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p, 444.

[122] O início da atividade Apicultura na cidade de Picos remonta a década de 1970 com a chegada da família Wenzel, imigrantes vindos de São Paulo. No entanto, essa atividade comercial só passa a se tornar um dos motores da economia local a partir do final da década de 1980 e início dos anos 1990. Atualmente, a cidade de Picos é um dos principais produtores de mel do Brasil. Disponível em: https://www.pi.gov.br/noticia/em-10-anos-piaui-triplica-producao-de-mel-e-passa-do-6-para-o-2-maior-produtor-do-brasil. Acesso em: 23 set. 2024.

Figura 2 - Escudo da SEP



Figura 3 - Mascote da SEP



Fonte: https://ge.globo.com/pi/futebol/times/picos/. Acesso em: 03 out. 2024.

Durante os seus primeiros anos de fundação, o Picos participava apenas de torneios amadores, como foi o caso do Torneio Intermunicipal promovido pela Associação Profissional dos Cronistas Desportivos do Estado do Piauí (APCDEP) no ano de 1978. Foi a partir de 1979 que o Picos começou a jogar competições de caráter profissional no futebol piauiense. No primeiro Campeonato Piauiense de futebol profissional organizado pela Federação Piauiense de Desportos, o Picos já começava a ocupar as primeiras posições nesse torneio, realçando assim a força e a organização do futebol dessa equipe, e o quanto esse clube da cidade de Picos poderia alçar novos rumos no cenário do futebol piauiense, assim como tentar modificar o panorama do futebol estadual, pautado principalmente pelos times da capital.

Nas temporadas do futebol piauiense de 1981 e 1982, esse clube ocupou lugares intermediários na tabela do Campeonato Piauiense, algo que chamava atenção dos clubes expressivos do futebol estadual, especialmente River e Flamengo. No certame profissional de 1981 o time Picos “conseguiu se manter sempre nestas posições (4 e 5 lugar) no certame

piauiense, que tinha cerca de 10 clubes participantes" [123]. Essas ocupações de espaços do Picos no principal campeonato de futebol profissional do Piauí nesse momento demonstrava a ascensão de uma nova força no futebol piauiense, um clube que se candidatava a ofuscar o prestígio das equipes teresinenses.

Um time local, considerado pequeno pelos seus adversários em Teresina que em determinado momento se sobrepôs aos tradicionais clubes teresinenses. Quando trabalhamos essa denominação de equipes pequenas no futebol, nos referimos aos clubes que disputam "segundas ou terceiras divisões, limitando-se geralmente as competições locais e regionais, esquadras na prática, muito distantes dos holofotes da mídia e das importantes relações de jocosidade (rivalidade) com torcedores de outras equipes de futebol" [124]. Algo que fazia parte das estruturas do clube Picos nesse período. No âmbito futebolístico, o time menos expressivo, Picos, começava a se destacar no cenário do futebol piauiense, e de forma gradual se tornava uma das ameaças ao futebol da capital.

No limiar da década de 1980, o Campeonato Piauiense era composto por River, Piauí Esporte Clube, Flamengo, Parnahyba, Sociedade Esportiva Tiradentes, Picos, Comercial Atlético Clube, Auto Esporte Clube. Essas equipes juntamente com outras, formavam o certame estadual de futebol nos primeiros anos da década de 1980. Durante esse lapso de tempo, os clubes de Teresina se destacavam sobre os times fora da capital. River e Flamengo ditavam o ritmo do jogo, controlavam o futebol piauiense, denotando assim um desequilíbrio de forças entre as instituições clubísticas.

Durante o ano de 1982 até os primeiros meses de 1991 o time Picos ficou desativado. As razões que permitiram essa desativação não serão analisadas neste trabalho, já que o objetivo nesta pesquisa é procurar analisar os motivos que levaram as equipes fora de Teresina (Picos e 4 de Julho) a se destacarem sobre os clubes da capital, algo que será mais detalhado no terceiro capítulo desta pesquisa.

Em relação ao processo de reativação da equipe Picos nesse período, destaca-se a força e a organização com que essa equipe retornou as competições de futebol profissional no Piauí. A sua volta aos torneios estaduais realçava os diferentes jogos de interesses políticos e sociais envolvidos. Esse desejo em reativar o clube se explica em parte por se tratar de um dos símbolos da cidade de Picos, por tornar-se um dos objetos representativos que poderia alçar o nome e a imagem da cidade para o território nacional. Mas também possibilitava que

---

[123] A HISTÓRIA da SEP. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 16.

[124] MITTMANN, Daniel. **Pensar um futebol menor**: o Clube Esportivo Aimoré como expressão da comunidade de São Leopoldo, RS. 2021. 142 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021, p, 53.

determinados sujeitos navegassem nas ondas de popularidade desse time, sobretudo em períodos eleitorais. Por fim, a decisão em tornar essa equipe ativa no futebol piauiense não era sem propósito, isto é, houve uma junção de forças. Dessa maneira, a estrutura futebolística do Picos foi reativada em 1991:

> Quando a pretensão dos dirigentes da Federação Piauiense de Desportos em incutir mais clubes do interior no campeonato estadual foi bem recebida pelos desportistas do município modelo. Com grande apoio do prefeito municipal e presidente de honra do clube, José Nery, a SEP formou uma equipe a base do time campeão do intermunicipal do ano passado – primeira conquista na competição da APCDEP. Mas, foram contratados atletas de clubes da capital, como Valdemar (Ex- River), Etevaldo (Ex-Flamengo) e outros [125].

Observamos a partir desse trecho que antes da década de 1990 os clubes de futebol de Teresina dominavam nas participações no Campeonato Piauiense. Esse fato nos permite inferir que as chances dos times da capital conseguirem êxito nessa competição ampliavam significativamente, uma vez que, as condições físicas e financeiras contribuíam para isso. Notamos também nessa passagem que a equipe Picos nos seus primeiros anos de existência, já construía seus lances em direção aos interesses políticos locais, especialmente sob a figura do ex-prefeito de Picos, José Neri.

Esse entrelaçamento se materializava quando analisamos que parte dos sujeitos que contribuíram para a formação do Picos tinha almejado adentrar na política, alguns passando a ocupar cargos de vereador, outros, de deputado estadual. Isso demonstrava o significado dessa equipe para as pretensões dos políticos locais na sociedade de Picos, pois, a aproximação com os brios desse clube, possibilitava ganhos eleitorais e notoriedade na política do município.

Ao adentrar nos anos de 1990, o Picos passou a se destacar nos gramados estaduais e nacionais. As conquistas mais prestigiadas foram os títulos do certame piauiense de 1991, 1994, 1997 e 1998. Esses feitos tornaram-se expressivos, levando em consideração a História do futebol piauiense, historicamente dominado pelos times de Teresina. No que se refere ao âmbito nacional, o Picos disputou as edições da Copa do Brasil nas temporadas de 1992 e 1998, contra equipes tradicionais do futebol brasileiro, tais como, o Fluminense (RJ) e Vasco da Gama (RJ) respectivamente [126]. O período de 1991 a 1998 é considerado pela crônica esportiva e também por seus torcedores um período marcante na História do time Picos, um

---

[125] UM título inédito. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 16.

[126] A exploração desses feitos da Sociedade Esportiva de Picos no futebol local e nacional será analisada mais detalhadamente no próximo capítulo deste trabalho, onde mostraremos imagens, públicos dos jogos, tabelas dos placares, artilheiros.

tempo de euforia que enalteceu e simbolizou a bola praticada por essa agremiação futebolística da cidade de Picos.

O clube Picos desde os seus primeiros passos no futebol piauiense tentou minar o brio dos times mais vitoriosos de Teresina, River e Flamengo. Entretanto, todas as tentativas foram fracassadas por uma série de fatores que passavam desde a diferença administrativa a estrutura futebolística. Assim como o Picos, outras equipes fora da capital também almejaram se destacar no futebol estadual, a exemplo do Caiçara e Parnaíba que tentavam conquistar o Campeonato Piauiense pela primeira vez, desse modo:

> A Sociedade Esportiva de Picos tenta domingo aquilo que Caiçara e Parnaíba e Quatro de Julho não conseguiram durante os 50 anos de fundação da FPD: levar o título de campeão estadual para interior. O clube campo-maiorense teve esta oportunidade em duas ocasiões, em 1963 quando disputou o título com o Tiradentes. À exemplo do Caiçara, o Quatro de Julho da cidade de Piripiri também chegou a disputar o título máximo por duas vezes contra Flamengo em 88 e River em 1989. Em 1973, o Parnaíba teve a grande chance de ser campeão estadual, porém foi derrotado pelo Flamengo no jogo final pelo placar de 2 x1 no estádio Albertão [127].

Notamos a partir dessa passagem as diferentes tentativas dos times fora de Teresina em conquistar pela primeira vez o Campeonato Piauiense. Diante disso, não foram apenas o Picos e o 4 de Julho que procuravam ofuscar o futebol do rubro negro e tricolor teresinense, mas também o Parnaíba e Caiçara, equipes tradicionais que em diversas oportunidades colocaram a bola no gramado e o coração na ponta da chuteira e mostraram suas credenciais ao futebol piauiense.

Esse ponto nos mostra que os dois objetos em estudo (Picos e 4 de Julho), faziam parte de um cenário futebolístico em que os clubes com menos visibilidades começavam a se destacar. Nessa questão, tanto o time Picos quanto o 4 de Julho foram os que mais se destacaram, mas outros times também contribuíram para essa ascensão dessas equipes piauienses, tais como, Cori-Sabbá, Caiçara e Comercial.

Partes desses clubes tentaram quebrar o tabu de 50 anos, mas apenas Picos e 4 de Julho conseguiram esse feito. Esse fato enaltece ainda mais a História dessas equipes na temporalidade em análise. Esse período de glória das equipes menos expressivas teve início com a primeira conquista do clube Picos do certame estadual em 1991 quando venceu o River pelo placar de 1x0 no estádio Albertão, em Teresina, "o gol da vitória de Picos foi anotado por Natin aos 28 minutos do primeiro tempo, aproveitando uma falha da zaga tricolor"[128].

---

[127] NA briga pelo título de campeão, River leva vantagem na experiência. **Jornal O Dia**, Teresina, 13 de dezembro de 1991, p, 14.
[128] SEP vence River e conquista título inédito. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 15.

O clube, cuja sede é em Picos, realizou atos históricos, façanhas para o futebol dessa cidade. Desse modo, mais uma página foi escrita na História do clube Picos. Desde que a Federação de Futebol Piauiense, foi criada em 1941, nenhum time de futebol fora da capital tinha conquistado o Campeonato Piauiense. O primeiro time a romper com essa sequência do futebol de Teresina foi o Picos, pois:

> A conquista do título de campeão estadual pelo time de Picos, com certeza, marca uma nova fase do futebol profissional piauiense. Desde a fundação da Federação Piauiense de Desportos (antes futebol), em 25 de novembro de 1941, nunca um time interiorano havia ganhado a competição. Vale lembrar que os clubes do interior só começaram a participar do campeonato em 1954. Nesse ano, celebrando os 50 anos de FPD, a conquista da SEP, com a quebra desse tabu, simboliza também a volta da credibilidade ao futebol profissional piauiense [129].

O time Picos se tornou nesse período um dos símbolos do futebol local, tanto pelo que apresentou em campo, quanto pelas suas representações fora das quatro linhas. Esse clube conquistou algo que nenhuma outra equipe fora de Teresina tinha conquistado durante os 50 anos de existência da federação de futebol. Portanto, o Picos escreveu mais uma página na sua História no futebol piauiense. Essa vitória nos gramados locais realçou mais que uma conquista futebolística, significou também um ato histórico e simbólico. Nesse sentido, o feito de levantar a taça por esse time permitiu que determinadas mudanças no cenário do futebol piauiense fossem realizadas, tanto que, de 1991 a 1998, apenas um clube da capital teve êxito no Campeonato Piauiense, o River em 1996, reforçando assim as transformações nesse contexto.

No ano de 1992, o 4 de Julho se tornou campeão do estadual também pela primeira vez ao derrotar o Paysandu de Parnaíba por 1x0, reforçando dessa forma, os indícios de transformações no cenário do futebol piauiense que já vinha ocorrendo desde o início da década 1990. No que se refere à temporada de 1991, o Picos teve que driblar todas as adversidades que encontrava pelo caminho para conquistar essa competição. Portanto, diante desse panorama, consideramos que o Picos, de certa forma, funcionou como um guia para outros clubes fora de Teresina encontrar as trilhas das conquistas no principal torneio do estado. Essa rota de vitórias e brios da equipe Picos no virar do século XX para o XXI começou a sofrer alterações.

Diferentemente do período de glórias dos anos 1991 a 1998, o Picos nos dias atuais se encontra nas últimas posições no ranking da Confederação Brasileira de Futebol[130]. O lugar

---

[129] A FÉ que anima o futebol. **Jornal O Dia**, Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 16.

[130] Pelo ranking atualizado da CBF a Sociedade Esportiva de Picos ocupa a posição 192, no total de clubes de 239. Disponível em: https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/2023/12/08/fla-segue-lider-pelo-quarto-ano-

ocupado no ranking é um dos reflexos do futebol atual do clube de Picos. Uma realidade oposta daquela vivida durante boa parte da década de 1990, em que o time com a ajuda do poder público municipal tinha se tornado uma das representações do futebol piauiense nos gramados nacionais por meio de suas atuações dentro de campo, conquistando títulos e realizando feitos históricos para a História do clube.

O futebol na imagem dos clubes era e continua sendo um dos espaços onde representações sociais são formadas na medida em que as percepções de mundo são elaboradas pelos sujeitos que compõem determinados segmentos futebolísticos, isto é, torcedores, clubes, jogadores e dirigentes. Dessa maneira, as equipes de futebol ao longo de sua História, pode ser uma via que possibilita que determinados sujeitos sejam inseridos em variados espaços no corpo social, que suas imagens sejam atreladas aos times que torcem. No caso do Picos, as representações sociais construídas durante o período de 1991 a 1998 no cenário do futebol piauiense são diferentes das representações apresentadas na atualidade.

Atualmente a situação é diferente. O Picos disputa competições da terceira divisão do futebol estadual, com menos visibilidade, prestígios e incentivos por parte do poder público e também privado. Com base nessa questão, não podemos compreender os traços históricos desse clube de futebol de maneira profunda, sem historicizar, removendo do seu contexto, das condições históricas ao qual estava inserido.

Dificilmente se entende um cenário futebolístico sem levar em consideração a sociedade da época, as condições históricas do período. Nesse caso, "tentar demonstrar que os estudos do desporto que não sejam simultaneamente estudos da sociedade, são análises desprovidas de contexto" [131], isto é, são estudos deslocados da História, pois, assim como outros elementos da sociedade, o futebol também estar inserido em contexto histórico, faz parte de uma sociedade.

É necessário analisar o passado, mas também seu presente, já que essas duas camadas de temporalidades dialogam entre si na busca da construção do conhecimento histórico. Um passado recente de glórias e conquistas do Picos e um presente marcado pelos fracassos e derrotas, questões que motiva o historiador a buscar respostas a esses pontos. Esse entrelaçamento entre o passado e o presente, "é, pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência histórica" [132]. É uma das maneiras dos historiadores nos dias atuais tentarem tecer uma narrativa histórica, problematizar seus objetos.

---

seguido-no-ranking-da-cbf-e-palmeiras-vira-segundo-veja-lista.ghtml. Acesso em: 11 set. 2024.
[131] ELIAS, Norbert, 1992, p, 48.
[132] LE GOFF, Jacques, 1990, p, 203.

Essa questão realça a dicotomia entre o passado e um presente recente, camadas de temporalidades marcadas por uma série de condições históricas que fizeram com que esse time conquistasse brio durante boa parte dos anos 1990, e em pouco tempo mergulhasse em águas turvas no futebol estadual. Nesse caso, o presente se entrelaça no passado com diferentes nuances e tonalidades que caracterizam o período em questão. Nesse diálogo entre o passado e presente para a compreensão de um contexto, faz-se necessária a utilização da História do tempo presente nas análises dos historiadores, pois, "a epistemologia da história do tempo presente consiste, portanto, em interrogar a história a fim de propor novos dados que aumentarão sua capacidade de explicitação e de sugestão" [133]. Isso se refere tanto ao Picos quanto ao clube 4 de Julho.

A partir dessa parte começaremos a apresentar a História do clube 4 de Julho Esporte Clube no futebol piauiense. Analisamos sua fundação, títulos e os feitos conquistados por essa equipe. O 4 de Julho foi fundado no início de 1975 ainda na fase amadora pelo médico Luiz Cavalcante e Menezes. Entusiasta por futebol, Menezes, "encontra em dois amigos - o casal Curiquinha (Antônio Evangelista de Sousa) e Marlene (Maria Marlene de Resende Sousa) - o apoio para fundar um time de futebol"[134], o 4 de Julho.

Nesse período, Luiz Menezes tinha chegado de Recife (PE), onde se formou em medicina, quando desenvolveu a ideia em construir um time de futebol na cidade de Piripiri. Esse projeto foi bem recebido pelo casal Antônio e Marlene, pessoas próximas a Menezes. Curiquinha era ex-jogador de futebol, no qual tinha atuado pelo time Caiçara Esporte Clube de Campo Maior. Dessa maneira, a junção de um médico entusiasta pelo futebol e um ex-jogador que se desenvolveu em gramados locais, possibilitou a formação da equipe 4 de Julho no cenário do futebol piauiense na década de 1970[135].

A sede do colorado[136] de Piripiri durante os seus primeiros anos de existência se encontrava na residência do Curiquinha. Ao longo de um bom tempo esse espaço funcionou como a estrutura oficial da equipe, onde se planejava os interesses do time. Nesse local se debatia os rumos do futebol do clube 4 de julho, tais como as contratações de atletas, a montagem da equipe de treinamento, a comissão técnica e sua organização de trabalho. Portanto, o domicílio de Curiquinha e Marlene se tornou um dos primeiros lugares que

---

[133] CHAUVEAU, Ágnes; PHILIPPE, Tétart, 1999, p, 36.
[134] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memória do futebol piauiense**. Teresina, v, 9, 2023, p, 13.
[135] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes, 2023, p, 13.
[136] Essa denominação foi em decorrência da frequência com que o time 4 de Julho utilizava a cor vermelha no seu uniforme. O vermelho se tornou o tom predominante no uniforme do clube, assim o termo colorado passou a caracterizar essa equipe.

contribuíram para a construção da História desse clube. A imagem a seguir mostra dois sujeitos já idosos que ajudaram a construir a História do colorado de Piripiri.

Figura 4 - Curica e Marilene, o casal que acolheu a ideia de Luiz Menezes



Fonte: Arquivo pessoal de Severino Filho

Em 1991, a Fundação de Assistência Geral aos Desportos (FAGEP) homenageou Antônio Evangelista de Sousa (Curiquinha) durante o Campeonato Piauiense. A forma que a FAGEP encontrou para enaltecer a História desse sujeito junto ao futebol de Piripiri foi atribuindo o nome ao troféu do jogo. A Taça Antônio Evangelista de Sousa foi disputada entre Flamengo e 4 de Julho no estádio Helvídio Nunes na cidade de Piripiri em jogo único. O 4 de Julho venceu o confronto pelo placar de 2 x 0, demonstrando desse modo a força que o futebol local conquistava diante de um dos clubes mais tradicionais da capital.

A conquista e todo o ato simbólico de levantar a taça por parte do vencedor tornava-se um momento eufórico que contribuíam na construção da História desse sujeito que apoiou a ideia em formar um clube de futebol na cidade de Piripiri. Esse torneio futebolístico ao longo do tempo se transformará em um dos objetos históricos desse desportista no seio da comunidade colorada. A ação de ajudar a erguer o troféu tornava Curiquinha um ator símbolo no cenário de formação da equipe 4 de Julho.

Nesse período, o clube 4 de Julho funcionava na fase amadora, mas a sua estrutura futebolística atuava no sistema semiprofissional, uma vez que alguns atletas profissionais que

estavam sem clubes, eram acolhidos no 4 de Julho e passavam a receber salários. Desse modo, a face amadora não era em caráter total no time de Piripiri, já que a remuneração de jogadores para defender "o time do Dr. Luiz" [137] minava as bases do amadorismo nos quadros do 4 de Julho. Foi no início dos anos 1960 que "encontram-se os primeiros indícios do profissionalismo no futebol do estado do Piauí, levando-se em conta o estabelecimento de contratos de trabalho entre jogadores e clubes" [138].

Em consonância com essa época, na década seguinte, o 4 de Julho é formado, e em anos posteriores se torna time profissional, isto é, o colorado começava a ganhar corpo enquanto time em processo de consolidação na arena futebolística piauiense, e em participar dos certames profissionais. Essa nova fase demonstrava o quanto a institucionalização do profissionalismo nos clubes e nas suas relações com os atletas impulsionava a solidificação e o surgimento de novas equipes.

O time 4 de Julho nesse período era a base da seleção de futebol da cidade de Piripiri nas edições do Torneio Intermunicipal, competição organizada pela Associação Profissional dos Cronistas Desportistas do Estado do Piauí. Durante a realização desse certame, a seleção local chegava a conquistar feitos expressivos dentro de campo, inclusive chegando a derrotar times profissionais do Piauí e Maranhão. Diante desse cenário, o profissionalismo começava a se consolidar nas estruturas da equipe 4 de Julho, haja vista a adesão de atletas no quadro do clube.

No que se refere às cores e escudo do time, foi uma inspiração no Clube Náutico Capibaribe de Recife [139], cidade onde Menezes cursava medicina, e também acompanhava o futebol pernambucano. O Náutico era o time de futebol que Menezes se entusiasmava em Recife, e não por acaso, os novos símbolos que passariam a representar o 4 de Julho seriam influenciados nas cores do Náutico, a exemplo do escudo e as tonalidades do clube. A cor vermelha e branca denotam essas influências na equipe pernambucana.

O mascote do time 4 de Julho é um gavião, em referência ao um dos seus fundadores, Luiz Menezes, que durante as década de 1980 e 1990, disputava eleições e ganhava do seu opositor, o médico José Pinto de Mesquita, apelidado pelos seus correligionários de pinto. Pinto é uma das presas do gavião, assim, a torcida e a direção do clube inspirados nesse fato

---

[137] Era uma expressão que a imprensa esportiva utilizava para se referir ao clube 4 de Julho no início do processo de sua fundação. Uma expressão que enaltecia o nome e a ação de Luiz Menezes ao criar esse clube em Piripiri.
[138] BARROS, Deusdete Rocha, 2018, p, 48.
[139] Oficialmente, o Clube Náutico Capibaribe foi fundado em 7 de abril de 1901. A era profissional do futebol alvirrubro, por sua vez, só chegou à década de 1930. Em 1934 o clube conquistou o primeiro dos seus 24 títulos pernambucanos, vencendo os rivais Sport e Santa Cruz. Dentre os principais títulos conquistados pelo Clube Náutico Capibaribe, estão os 24 estaduais e a série C de 2019, além do vice - campeonato brasileiro de 1967. Disponível em: https://www.nautico-pe.com.br/. Acesso em: 02 set. 2024.

adotaram o gavião para ser mascote do time em alusão a uma conotação política na cidade de Piripiri.

Figura 5 - Escudo do 4 de Julho



Figura 6 - Mascote do 4 de Julho



Fonte: Disponível em: https://ge.globo.com/pi/futebol/times/4-de-julho/. Acesso em: 03 out. 2024.

Ao adentrar na década de 1980, o 4 de Julho aos poucos foi abandonando o sistema amador e passou a aderir ao profissionalismo. Nesse momento, os times tradicionais de Teresina começaram a entrar em um processo de reestruturação administrava e futebolística. E "foi exatamente nesse momento de sensíveis alterações que começaram a sobressair no contexto local os times que apresentavam uma nova proposta de gestão e de administração clubística"[140]. E foi na esteira desse movimento que se destacou o time 4 de Julho, uma equipe da cidade de Piripiri que surgiu com uma nova proposta de gestão, com outras maneiras de gerir os clubes.

[140] SAID, Gustavo, 2011, p, 226.

Essa nova fase na História do clube 4 de Julho teve início quando essa equipe se associou a Federação de Futebol Piauiense em 1987. Nesse ato registrou-se o estatuto do clube e a data da fundação, 4 de julho de 1987, em homenagem ao processo de emancipação política de Piripiri [141]. Notamos que houve uma tentativa dos fundadores em associar o nome do clube a História da cidade, isto é, a criar vínculos entre a equipe e a comunidade desportista local, algo que foi se concretizando ao longo de 1991 a 1998, período que abarca esta pesquisa.

O ano de 1988 marca dois pontos importantes na História do clube 4 de Julho. Primeiro, foi à estreia dessa equipe em torneios oficiais no futebol piauiense. O certame disputado foi o Torneio Governador Alberto Silva. Nessa competição, o 4 de Julho realizou sua primeira partida na fase profissional em 6 de março de 1988. O jogo foi contra a equipe Comercial de Campo Maior, cujo placar foi 1 x 1. Nesse mesmo torneio, o colorado de Piripiri conquistou sua primeira vitória como clube profissional e venceu o Paysandu de Parnaíba por 1 x 0[142].

Além disso, foi a primeira vez que o 4 de Julho participou do Campeonato Piauiense, um feito histórico. Uma comunidade clubística que em pouco tempo de existência já começava a se destacar no futebol estadual, a jogar para escanteio as equipes mais expressivas de Teresina, que nesse momento iniciava perda de poder na correlação de forças do futebol piauiense. Assim foi o 4 de Julho, que nos seus primeiros toques na bola nos gramados locais se apresentava como sendo uma possível ameaça ao futebol da capital. Portanto, esses resultados e conquistas nos primeiros anos de trajetória do time 4 de Julho no campo de jogo possibilitaram que esse clube ditasse o ritmo do futebol no Piauí no início da década de 1990.

Na temporada de 1988, o colorado de Piripiri chegou à final do Campeonato Piauiense para ser disputada com Flamengo. O jogo foi marcado pelo envolvimento com que as duas equipes trataram o confronto, pelo lado do time 4 de Julho, a instituição clubística de Piripiri desejava conquistar seu primeiro título de expressão no futebol estadual, se apresentar ao cenário futebolístico piauiense, conquistar prestígio. Pelo lado rubro negro, o clube teresinense almejava manter sua força e ampliar ainda mais sua galeria de títulos no certame piauiense. Duas faces opostas que buscavam nos gramados, maneiras de construírem suas respectivas Histórias, no qual a temporada de 1988 é um dos marcos históricos dessa trajetória, pois:

---

[141] Piripiri em 1874 passou a categoria de Vila, e em 1910 finalmente foi emancipada politicamente.
[142] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memórias do futebol piauiense**. Teresina. Vol. 4, 2015, p, 16.

> Foi à quebra de um curto, mas penoso jejum. Desde que começou a disputar o Campeonato Piauiense, em 1988, o 4 de Julho, da cidade de Piripiri, amargava a fama de sempre morrer na praia. Apesar de ser um clube modesto, chegou as finais dos estaduais de suas duas primeiras temporadas, mas teve que se contentar com vice-campeonato. Em 1992, a história parecia se repetir. O time foi o segundo colocado no primeiro turno, mas deu a volta por cima e arrebatou finalmente seu primeiro título. A conquista, mas do que da pequena Piripiri, a 171 km de Teresina, foi do interior do Piauí. Afinal, pelo segundo ano seguido a capital, Teresina, assistiu a um desfile de eficiência dos clubes de fora de seus limites (em 1991, a vitória foi do Picos) [143].

Por esse trecho notamos alguns pontos a ser destacados. Primeiro, a força do time 4 de Julho já nos seus primeiros anos no futebol piauiense. Assim, a eficiência do colorado de Piripiri era enaltecida para além do território estadual, demonstrando dessa maneira, a visibilidade que esse clube conquistou na comunidade desportista. Por mais que esse destaque seja marcado por tonalidades localizadas, por outro lado, o reconhecimento do feito da equipe 4 de Julho na beira dos gramados através de um veículo de comunicação esportivo de expressão nacional, significava a vitória da eficiência e da organização na gestão dessa equipe em detrimento da inoperância administrativa dos principais clubes de Teresina. Portanto, o destaque em outras praças futebolísticas era uma certidão de eficácia do clube de Piripiri.

Analisamos que antes mesmos dos anos 1990, esse time começava a apresentar suas credenciais no futebol estadual. O feito em disputar duas finais seguidas contra os times tradicionais de Teresina, River e Flamengo, simbolizava um novo momento na História do futebol fora da capital, assim como significava também mudanças nos rumos do campo futebolístico piauiense, tendo em uma de suas representações, a figura do clube 4 de Julho.

O estigma atribuído ao clube 4 de Julho como time sem força nas fases finais dos torneios se explica em parte pela pouca pujança que essa equipe tinha no futebol estadual, em não saber sair dos percalços que o jogo em si poderia proporcionar. Outra resposta a essa questão era as diferenças entre os times 4 de Julho e Flamengo no que se refere aos atletas, as condições físicas e financeiras com que cada instituição clubística se encontrava.

O segundo ponto a ser analisado trata-se do ato histórico e simbólico do primeiro título estadual em 1992. Essa vitória sobre o Paysandu de Parnaíba é um dos marcos no percurso histórico dessa equipe, dentro e fora de campo. A conquista da taça pelo clube 4 de Julho realçou algo que já vinha sendo construído desde o final da década de 1980, isto é, os esforços nas duas participações nas finais das temporadas de 1988 e 1989, em certa medida, contribuiu para o título de 1992.

---

[143] O time de Piripiri quebra o jejum e Teresina, pelo segundo ano seguido, só aplaude. **Revista Placar**, São Paulo, Janeiro de 1993, p, 70.

A eficiência e a organização do colorado de Piripiri acabaram se sobrepondo às desorganizações administrativas dos clubes River e Flamengo. As gestões desses clubes da capital realizavam ações irracionais que resultavam em perdas dentro e fora das quatro linhas, pois, "as decisões não são racionais e nem baseadas em premissas concretas e no planejamento, o que leva a muitos erros e prejuízo, dentro e fora do campo" [144]. Portanto, no que toca ao futebol, as ações tomadas fora de campo podem interferir diretamente no que é produzido dentro dos gramados, tanto nos fracassos quanto nas vitórias.

Dessa forma, os êxitos da direção do time 4 de julho fazia com que o time angariasse novos caminhos no futebol estadual. Por outro lado, os dirigentes do River e Flamengo por meio de suas ações irracionais, contribuíam para que esses dois clubes tivessem resultados inexpressivos nos gramados. Assim, a parte administrativa de uma instituição clubística, conforme os seus resultados, pode influenciar no desempenho dos jogadores no campo. No caso das conquistas, o ambiente se tornava propício para ocorrências de inúmeros interesses, especialmente dos políticos.

Esse momento de euforia era utilizado por diferentes maneiras pelo político Luiz Menezes como forma de construir laços junto ao time. Nesse período, Menezes era uma figura que procurava em todas as circunstâncias atrelar sua imagem ao lado das conquistas do time 4 de Julho. Na sua perspectiva, esse movimento poderia construir uma imagem positiva de si e dos seus feitos enquanto político de Piripiri. A imagem a seguir exemplifica esses jogos de interesses que envolviam a equipe colorada e os objetivos de Menezes.

---

[144] VÍDERO SANTOS, Luiz Marcelo. **A evolução da gestão no futebol brasileiro**. São Paulo: EAESP/FGV, 2002, 127 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) - Fundação Getúlio Vargas; Escola de Administração de Empresas de São Paulo, São Paulo, 2002, p, 21.

Figura 7 - 4 de Julho campeão piauiense de 1992



Fonte: Revista Placar, Janeiro de 1993, p, 71.

Essa busca constante em entrelaçar o futebol com a política foi um dos pontos que marcaram o cenário do futebol na cidade de Piripiri no decorrer da década de 1990. A conquista do primeiro certame estadual do time 4 de Julho funcionou como uma ferramenta nas mãos de Luiz Menezes. Menezes procurou manusear esse evento conforme os seus interesses, à medida que seus objetivos políticos fossem avistados. Nesse sentido, procurar ser fotografado junto aos campeões significava para esse sujeito construir uma ligação entre o time e a sua imagem enquanto líder político local. Desse modo, tentava-se aproximar desse símbolo do futebol de Piripiri no intuito de angariar novos redutos eleitorais, conquistar outros espaços de poder e de influências. Esse ponto reforça o quanto os fios que constituem o futebol se entrelaçam nas urdiduras políticas, no qual determinados sujeitos buscam chegar e permanecer no poder.

Portanto, essa imagem acentua o que outras fontes analisadas no corpo deste trabalho reafirmam, isto é, as constantes relações entre essa equipe e o político Menezes. Essas aproximações contribuíram na construção da História do clube 4 de Julho no período em estudo, ressoando assim o quanto o futebol tinha se transformado nesse momento em uma das

ferramentas nas mãos dos políticos, que desde que se tornou popular entre os brasileiros, em um ambiente massificado, se transformou numa espécie de "brinquedo que sempre foi usado pela política" [145] em diferentes contextos e características variadas. O ato de formar um time é um dos exemplos.

A primeira escalação do clube 4 de Julho na fase profissional no futebol piauiense foi: Guará, Roberto, Paulo César, Carlos Alberto, Edmilson, Adalberto, Derica, Sabará, Cabo Rei, Flávio e Ronaldinho. Esses foram os jogadores que ajudaram a dar os primeiros passos do time 4 de Julho no futebol profissional piauiense, atletas que ajudaram a escrever mais uma página na História do colorado de Piripiri nos gramados estaduais e nacionais, especialmente no período de 1991 a 1998, quando o 4 de Julho se tornou bicampeão, 1992 e 1993, ofuscando assim o futebol de River e Flamengo de Teresina.

Portanto, citar todos esses sujeitos é torná-los personagens centrais na História da equipe 4 de Julho, é ressaltar que a trajetória histórica do clube é construída pelos jogadores. Esses ex-jogadores foram os principais responsáveis pela escrita desses feitos nos gramados locais. Sujeitos que por meio das suas pontas de chuteiras contribuíam para a construção da História desse clube para o enaltecimento da imagem do time no cenário do futebol piauiense durante os anos que abarca este trabalho.

A final foi disputada no formato de três partidas no estádio Albertão. O 4 de Julho conquistou o direito de disputar a final "ao derrotar o próprio Flamengo no primeiro turno do certame estadual pelo placar de 5 x 0 em Piripiri" [146]. No jogo final, um ponto se destacou, a expressiva torcida do time 4 de Julho no estádio Albertão em Teresina. No todo, esse confronto recebeu um público de 25 mil pessoas, algo marcante, levando-se em consideração o cenário de crise financeira e técnica que os clubes passavam.

O 4 de Julho foi derrotado pelo Flamengo, mas contou com o artilheiro da competição, o jogador Sabará[147] com 11 gols marcados. O colorado de Piripiri saiu de campo elogiado pelo público presente no Albertão, que reconheceram na ponta da chuteira de cada jogador a força e a persistência de uma equipe fora da capital que tentava ofuscar o brilho do Flamengo, de Teresina, em tentar construir sua História no futebol piauiense. Essa demonstração de pujança do time 4 de Julho nos gramados funcionava como uma mensagem aos clubes

[145] MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Revista Estudos Avançados - USP**, São Paulo, v.13, n37, set-dez, 1999, p, 187.
[146] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memórias do futebol piauiense**. V.4, Teresina, 2015, p, 28.
[147] José Sérgio Nunes Padilha, mas conhecido entre o meio futebolístico de Sabará, ex-jogador que nasceu em 12 de maio de 1959 em Fortaleza (CE). Seu momento de glória foi na década de 1980 quando enfrentou o Corinthians (SP), jogando pelo time Tiradentes (PI) pelo Campeonato Brasileiro de 1983. Além de ter jogado no Tiradentes, Sabará jogou também no River (PI), Flamengo (PI), 4 de Julho e Piauí. Disponível em: https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/sabara. Acesso em: 05 set. 2024.

teresinenses, um indício de novas mudanças nas correlações de forças do futebol estadual, já que antes do limiar dos anos 1990 apenas os clubes de Teresina conquistavam o Campeonato Piauiense.

Esse cenário de conquistas e brios das equipes teresinenses começou a mudar com o entrar da década de 1990, quando os times Picos e 4 de Julho passam a ditar o ritmo do futebol piauiense durante boa parte dos anos 1990. As maneiras e as condições históricas que levaram esses dois clubes fora da capital a se destacarem no cenário do futebol piauiense nesse período serão discutidas no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3: "O INTERIOR VENCE MAIS UMA"

Neste capítulo, analisamos os principais motivos que levaram os clubes Picos e 4 de Julho a se destacarem no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. No primeiro momento, tentamos explicar as tramas políticas e suas interfaces nas estruturas desses dois times de fora da capital. Na segunda etapa, tratamos de analisar as disputas pelo prestígio no futebol estadual por essas duas equipes juntamente com Flamengo e River de Teresina. Por fim, estudamos a trajetória de três jogadores que fizeram História atuando por Picos e 4 de Julho, e como suas atuações em campo contribuíram para construir representações na comunidade desportista local. De um lado, as conquistas e brio dos clubes Picos e 4 de Julho, times sediados fora de Teresina, do outro lado as frustrações das principais equipes de Teresina, River e Flamengo.

3.1 Futebol e Política no Campo de Jogo

Procuramos tratar nesta seção as relações entre futebol e política que marcaram as equipes Picos e 4 de Julho no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Nesta parte, não intencionamos tecer uma narrativa centrada no enaltecimento do político em detrimento dos clubes de futebol, pois consideramos que esses dois campos dialogavam entre si na busca de atingir seus respectivos objetivos.

Desenvolvemos uma discussão pautada nas relações construídas historicamente entre a bola e o poder. Em determinados momentos, essas questões adentravam na dimensão das subjetividades, das emoções, dos sentimentos que contribuíam para as relações entre clube e torcedor, assim, "sugerir novos problemas ao estudo do futebol e do político, como o de pensá-lo a partir não apenas da objetividade e da razão, mas também das subjetividades das emoções e dos sentimentos" [148], isto é, uma gestão das paixões políticas.

O entrelaçamento entre futebol e política possibilitava que as diferentes camadas de torcedores que fazem parte desses campos confrontassem entre si na busca de influências dentro e fora das quatro linhas, ou até mesmo juntando-se uns aos outros para que determinados objetivos fossem alcançados. Nessas duas áreas se constroem lutas internas entre os sujeitos que tentam produzir relações simbólicas, construir representações de si e das suas ações enquanto políticos.

---

[148] RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. **História: questões & debates**, Curitiba, n, 57, jul/dez, 2012, p, 22.

Durante o período analisado neste trabalho, os interesses políticos adentravam nas redes de sociabilidades do campo de jogo através de variadas maneiras. Uma dessas formas era por meio da capitalização política das conquistas dos clubes de futebol Picos e 4 de Julho. Essas duas comunidades clubísticas se tornaram símbolos da junção de interesses políticos e futebolísticos no cenário do futebol piauiense durante boa parte da década de 1990. Esses clubes se credenciaram a entrar no quadro dos principais times de futebol piauiense. As suas atuações se tornaram insígnias de um tempo de euforia que frisaram a História dessas equipes no futebol estadual.

O time Picos e 4 de Julho marcaram território no futebol pelo que construíram nos gramados locais, pelo seus traços de representatividade junto a comunidade desportista nas cidades de Picos e Piripiri. Os seus feitos em canchas piauienses e em outras praças esportivas foram utilizados em diferentes momentos na década de 1990 para enaltecer as imagens dos ex-prefeitos José Neri de Sousa [149] em Picos e Luiz Menezes [150] em Piripiri, dois personagens que simbolizaram o entrelaçamento entre política e futebol no cenário do futebol piauiense.

Os dois ex-prefeitos procuravam se ancorar nas conquistas e glórias dessas duas equipes. Ao realizarem essas práticas, buscavam maneiras de reforçarem suas teias de influências na política local, e até mesmo em nível estadual. Dessa maneira, desejavam emitir imagens de apoiadores do futebol estadual. Portanto, Neri e Menezes tentavam se colocar como torcedores número um do futebol do Picos e 4 de Julho, para com isso, expandirem suas redes de interferências no campo futebolístico.

A agremiação esportiva Picos, clube que estampava o futebol da cidade de Picos nas manchetes futebolísticas nacionais, foi durante o período em estudo neste trabalho utilizado de todas as formas possíveis por José Neri, político que capitalizava as vitórias do time local no cenário futebolístico estadual. Esse sujeito teve como uma de suas principais bandeiras de propagandas no seu primeiro governo municipal (1989 a 1991), o futebol, especialmente procurando se associar a imagem da instituição clubística Picos. Essa equipe se tornava uma arena de disputas políticas, um time que despertava o interesse político em Picos, assim o Picos funcionava como um objeto propulsor que alçava o nome e o mandato de Neri na arena política de Picos. Dessa forma:

---

[149] É um político e empresário piauiense. José Neri de Sousa foi prefeito da cidade de Picos/PI por três ocasiões, entre 1989-1993; 1997-2001; 2001-2005. Além disso, foi deputado estadual e federal. Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/368837/meu-lugar-e-aqui-diz-ze-neri-sobre-filiacao-ao-pt. Acesso em: 22 nov. 2024.

[150] É um médico e político piauiense. Luiz Menezes foi prefeito de Piripiri nos primeiros anos da década de 1990. Além de exercer cargos públicos, Menezes foi durante muito tempo médico em hospitais públicos e privados do Piauí.

> Fica comprovado que a S.E. de Picos é o grande trampolim político de Picos, ficamos de fora da Copa do Brasil – uma vergonha para os políticos e empresários picoenses. Em 96 a SEP volta com toda força, afinal é época de eleições e os políticos querem aparecer no cenário esportivo, a fim de utilizarem mais uma vez o selecionado picoense como uma arma de voto para se elegerem [151].

Nesse ano, José Neri planejava voltar ao cenário político local para disputar as eleições contra seu principal adversário Abel Barros [152]. O ex-prefeito procurava navegar nas ondas de popularidades conquistadas pelo Picos no campo de jogo. Por mais que essa fonte reforçasse a constante utilização desse time com viés eleitoral, por outro lado, essa estratégia do ponto de vista eleitoral não significava aquisição de votos de forma instantânea, de maneira abrupta, já que os sujeitos que atuam tanto no campo político quanto na arena do futebol são atores que lutam por espaço, por poder no seio social. Portanto, as relações entre a Picos e José Neri eram tecidas no sentido dos usos políticos, na busca de atrelar os feitos desse time à imagem desse sujeito junto à sociedade local.

As relações construídas historicamente entre esse político e o clube de futebol foram sendo moldadas dentro de uma trama social onde os interesses privados se emaranhavam na dimensão pública. Nesse cenário futebolístico na cidade de Picos, José Neri se apresentava em todos os espaços destinados ao Picos no campo de jogo, seja nas fotos ao lado dos jogadores para serem divulgadas nas páginas de futebol, ou seu nome estampado no principal espaço do uniforme do time Picos, isto é, na parte central da camisa como forma de enaltecer sua imagem junto à comunidade desportista.

---

[151] Trampolim político. **Tribuna de Picos**, Picos, 23 de fevereiro de 1995, p, 7.

[152] Ex-prefeito de Picos durante dois mandatos (1982-1988) e (1992-1996). Além de político, Abel também foi médico. Durante algum tempo chegou a trabalhar na cidade, mas seu destaque principal foi no campo político. No decorrer da década de 1990 disputou com José Neri o domínio do poder político local. Disponível em: https://portalodia.com/noticias/piaui/picos-ex-prefeito-abel. Acesso em: 25 out. 2024.

Figura 8 - Equipe da SEP campeã do Campeonato Piauiense de 1998



Fonte: Jornal Meio Norte, 12/10/1998, p, 14.

Essa ação era mais uma tentativa de José Neri de se inserir no rol de visibilidade conquistada pelo Picos, um movimento cujo objetivo era associar seu nome junto ao um dos símbolos do clube, o uniforme. Ao tentar fincar raízes ao lado dos feitos desse clube, Neri desejava construir uma imagem positiva de si e do seu governo.

Analisamos o quanto esse sujeito por meio das suas estratégias políticas desejava tornar privado um objeto público, entrelaçar seus interesses junto ao colorado de Piripiri. Na sua perspectiva, esse movimento poderia se transformar em um ambiente fértil para conquistar novos eleitores na cidade de Picos, bem como enaltecer seu governo, e apresentar seus feitos e projetos sociais a população dessa urbe.

As aproximações entre futebol e política em canchas locais possibilita analisar a temática em questão em suas variadas dimensões. O político pode dialogar com diferentes campos sociais, inclusive o futebolístico. Portanto, o político não é algo isolado e estático no espaço e nas diversas camadas de temporalidades. Como afirma René Rémond, "o político não tem fronteiras naturais. Ora ele se dilata até incluir toda e qualquer realidade" [...] [153] que atendesse aos seus interesses políticos no jogo do poder. O político José Neri buscava por meio das conquistas da equipe Picos, maneiras de enaltecer a imagem de seu mandato.

As ações orquestradas por José Neri pretendiam por diferentes caminhos associar seu mandato aos feitos do Picos nos gramados. Com esse intuito, se empenhava em forjar um

[153] RÉMOND, René, 2003, p, 442.

espírito de liderança, em construir uma aparência de apoiador do futebol local, postulando, assim, um lugar de destaque no cenário futebolístico piauiense. A matéria, a seguir, do jornal O Dia nos ajuda na análise a respeito dessa tentativa do ex-prefeito em modelar uma imagem positiva de si e do seu governo, assim:

> José Neri de Sousa realizou um trabalho arrastão com o seu time. Vestiu a camisa do clube onde era dono e o entregador de gelo. Levou o futebol de Picos a um lugar nunca dantes atingido. Valorizou o homem picoense e hoje sua cidade é manchete nacional sendo campeã estadual. Agora que começou a projeção de Picos no cenário esportivo nacional. Seus adversários agora contarão até dez antes de falarem dele em praça pública. Ele deu a alegria do povo [154].

Nesse trecho do jornal O Dia, alguns pontos nos chamaram atenção durante as análises. Primeiro, os elogios que esse veículo de imprensa efetua as ações do político José Neri junto ao Picos. Notamos que esse meio de comunicação tentava alçar esse sujeito ao panteão do futebol na cidade de Picos, transformando esse político em líder, no homem que alavancou a autoestima e o futebol dessa urbe para além do território piauiense. O ex-prefeito de Picos é elevado por esse jornal à categoria de patrono [155] do futebol de Picos, algo que precisa ser problematizado, questionado e passar pelo crivo de criticidade dos historiadores. Essa aproximação entre imprensa e política não é algo recente na História do Brasil, pelo contrário, são duas áreas que caminham juntas há muito tempo, isto é, essa relação tem a sua historicidade.

Os entrelaçamentos entre imprensa e política é um dos pontos que percorreram a História do Brasil. Muitas vezes os jornais eram tratados como partidos políticos, funcionando como veículos de mensagens políticas partidárias. Dessa maneira, "num país de frágil estrutura partidária, como o Brasil, a imprensa desempenha, em muitas circunstâncias, papel semelhante ao dos partidos, chegando a sobrepujá-los"[156]. No caso da temporalidade analisada neste trabalho (1991 a 1998), não foi diferente. As forças presentes nos discursos dos meios de comunicação e nos meios políticos dialogavam entre si na procura de realçar seus interesses econômicos na sociedade piauiense, reforçando, assim, não apenas suas pujanças na cidade de Picos, mas também no cenário político e futebolístico estadual.

O segundo ponto a ser analisado é a utilização de pronomes possessivos que o jornal O Dia usava para se referir a José Neri, a exemplo de "seus" e "sua", denotando assim uma ideia

---

[154] ARRASTÃO. **Jornal O Dia**. Teresina, 19 de dezembro de 1991, p, 16.
[155] Esse é um dos pontos pertinentes quando analisamos as fontes deste trabalho, tanto José Neri (Sociedade Esportiva de Picos) e Luiz Menezes (4 de Julho Esporte Clube) eram tratados como patronos desses respectivos clubes. Esses dois sujeitos que atuavam na arena futebolística e política eram vistos como presidentes de honra desses clubes como se fossem os principais nomes que representavam os interesses dessas equipes.
[156] CAPELATO, Maria Helena. **História e imprensa**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p, 37.

de posse, de propriedade, como se a cidade de Picos e o clube local fossem ferramentas do seu domínio. Essas e outras artimanhas discursivas são algumas das estratégias empregadas por diferentes jornais para lograr novos leitores e consumidores de seus produtos, de suas visões de mundo, interesses econômicos e políticos.

Diante disso, "a meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos" [157]. Portanto, na busca de poder político e financeiro, a imprensa, especialmente os jornais impressos, se apropriam de artifícios para reforçarem suas influências no seio social ao qual estão inseridos. Nesse caso especificamente, tratamos do cenário do futebol piauiense no período em estudo.

Notamos nessa passagem, que além da imprensa enaltecer o time Picos, engrandecia-se também o fato da cidade de Picos "virar manchete nacional". Em vista desse fato, inserir esse município piauiense em pauta nacional significava nesse contexto evidenciar o nome e a imagem de Neri no noticiário. Observamos que a face futebolística dessa urbe atuava em determinados momentos como uma ferramenta de propaganda de José Neri, exercendo assim uma função de objeto privado. O ex-prefeito de Picos tratava esses dois instrumentos como suas insígnias no cenário do futebol local. Desse modo, como afirma Waldenyr Caldas (1994), "os governantes usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética"[158], como foi o caso de Neri junto ao Picos.

A imagem a seguir exemplifica as relações entre o ex-prefeito de Picos José Neri e a equipe Picos no futebol piauiense. A figura em forma de sátira foi construída na coluna do cronista esportivo Deusdete Nunes no jornal O Dia. Nessa ilustração o ex-presidente da Federação Piauiense de Desporto, Luís Joaquim Lula Ferreira se lamentava pela ausência de Neri junto ao Picos, já que no ano de 1993, Neri não era mais prefeito de Picos, assim não tinha mais força política e financeira para destinar a direção desse clube. A frustração da federação se explicava em parte pelo fato de que quando esse sujeito estava atrelado a equipe local o clube conseguia se destacar no futebol estadual e nacional, com isso, a federação também era beneficiada, pois os feitos do Picos passava uma aparência que o Piauí tinha um futebol organizado.

---

[157] CAPELATO, Maria Helena, 1988, p, 37.
[158] CALDAS, Waldenyr, 1994, p, 46.

Figura 9 - Luís Joaquim Lula Ferreira e José Neri discutem o cenário do futebol piauiense



Fonte: Jornal O Dia, 01/09/1993, p, 16.

O ex-prefeito tentava por essas e outras ações inserir seu nome na História e na memória do futebol piauiense, atribuindo a si todas as conquistas do futebol local. O político José Neri procurava pautar as lembranças coletivas e individuais que engrandecesse sua imagem e seu governo. Desse modo, esse sujeito desejava destacar as lembranças ditas positivas, e fincar no esquecimento as memórias que causavam desconfortos à imagem de seu governo.

Esse sujeito trabalhava a memória para tentar combater os possíveis esquecimentos que atormentavam os seus principais legados no futebol local. No que se refere ao esquecimento definitivo, "ele é vivido como uma ameaça: é contra esse tipo de esquecimento que fazemos trabalhar a memória, a fim de retardar seu curso, e até mesmo imobilizá-lo" [159] para que suas raízes não se desenvolvessem e seus rastros fossem apagados, dilacerados. O esquecimento permanente ao se tornar uma ameaça para a perenidade das memórias dos sujeitos, passa a ser combatido com todas as forças possíveis.

A partir dessas relações entre lembrar e esquecer se construíram as bases da memória coletiva dos torcedores do Picos e as lembranças individuais atribuídas a José Neri nas arenas política e futebolística. As recordações que evocavam a imagem positiva de Neri era o que interessava a esse sujeito. Assim, quando tratamos de analisar as memórias, realçamos que as

[159] RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007, p, 435.

lembranças individuais são os pontos de influências da memória coletiva, uma vez que "acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões" [160]. Em vista disso, Neri pretendia evocar memórias individuais que sobrepunha às memórias coletivas, como se as lembranças dos grupos não contribuíssem na construção das memórias de si.

Em relação a esse diálogo entre memórias coletivas e individuais, a prefeitura de Picos passou a apoiar as mobilizações dos torcedores do time local que se deslocavam para outros municípios para prestigiarem o clube. Essa medida tomada em conjunto do poder público municipal e a diretoria do clube se tornava ainda mais presente à medida que Picos conquistava êxito nas competições que participava, seja em âmbito estadual ou nacional. Na transição da temporada de 1995 para 1996, José Neri tentava retornar ao cenário político de Picos. Uma das suas principais bandeiras defendidas na campanha eleitoral era voltar o investimento financeiro ao Picos, assim como fez [...] "em seu primeiro governo, quando a SEP conquistou o título estadual e concorreu no campeonato brasileiro" [161].

Durante o primeiro mandato desse político, o Picos conseguia disputar com os times da capital o prestígio no futebol piauiense. A contribuição financeira do poder público tornava-se um dos alicerces da equipe de Picos, especialmente no que se referia na aquisição e manutenção dos atletas no clube. Dessa forma, o apoio que o executivo municipal destinava a esse time, funcionava como uma forma de incentivar torcedores e outros entusiastas a apoiarem o clube nas arquibancadas. No entanto, a direção da instituição clubística em determinados momentos mostrava-se insatisfeita com os valores que a prefeitura concedia ao time, pois, analisavam a contribuição baixa. Um desses momentos ocorreu na temporada de 1995, quando os dirigentes relatavam que "a municipalidade apenas deu R$ 2.500" [162] ao time Picos.

Denota-se a partir desse trecho que a prefeitura de Picos demonstrava interesse em movimentar a comunidade desportista para acompanhar o time local em outras praças futebolísticas do Piauí. Com a indecisão da Federação de Futebol Piauiense sobre o local da final do certame estadual de 1991, o poder público se mostrava entusiasmado em deslocar uma significativa quantidade de torcedores do Picos para o Albertão, em Teresina. A prefeitura em ação conjunta com os dirigentes dessa equipe planejava mobilizar diferentes

---

[160] HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990, p, 47.
[161] Sopão. **Jornal Tribuna de Picos**, Picos, 06 de Julho de 1996, p, 14.
[162] SEP não disputará o certame de 1996. **Jornal O Dia**, Teresina, 02 de dezembro de 1995, p, 16.

grupos de torcedores que desejavam apoiar o clube. Segundo o ex-prefeito José Neri, "temos a condição de trazer para Teresina cerca de 3 mil torcedores contando com a colônia picoense residente na capital"[163], isto é, a municipalidade tentava construir uma dinâmica que beneficiasse o time local. Mas também esse ato significava uma tentativa de Neri em se mostrar presente nos momentos de glórias do clube.

Diante desses movimentos, o político se postulava ser um dos principais entusiastas do futebol local ao se apresentar nas atividades do clube, isto é, na organização da instituição clubística. Atuava dessa forma como torcedor número um do Picos, prática essa realizada por uma série de políticos na História do Brasil que tentavam se aproximar do futebol como forma de conquistar prestígio eleitoral[164]. Durante as viagens, as condições pelas quais os torcedores do Picos se encontravam eram muitas vezes insalubres, precárias, e chegava às vezes a ameaçar a própria integridade física dos aficionados. Os caminhões que transportavam os torcedores para Teresina e outras cidades eram denominados de paus de araras [165], uma espécie de caminhão utilizado em diferentes estados nordestinos para transportar pessoas e mercadorias da zona rural para a urbana.

Os caminhões paus de araras comportavam no seu interior inúmeras tábuas de madeiras para acomodar os passageiros que ficavam lado a lado. As partes laterais desses caminhões não possuíam proteções contra quaisquer imprevistos que poderiam ocorrer durante o trajeto. O teto era coberto por um material de plástico para proteger os torcedores contra os raios solares e possíveis chuvas ao longo do percurso, como é mostrado na imagem a seguir.

---

[163] RIVER x Flamengo confirmado para domingo no Albertão. **Jornal O Dia**. Teresina, 11 de dezembro de 1991, p, 14.

[164] Getúlio Vargas na década de 1930, Juscelino Kubitschek nos anos 1950, João Goulart no limiar da década de 1960 e Emílio Garrastazu Médici nos anos 1970.

[165] Nos dias atuais esse meio de transporte ainda é muito utilizado em diferentes municípios piauienses e maranhenses. A população com menor poder aquisitivo tenta buscar nas capitais, serviços de saúde e educação, além de outras modalidades de consumo. Muitas vezes, esses caminhões pau de arara se tornavam um dos únicos meios de transportes coletivos dessas pessoas, devido à facilidade de acesso e os preços das passagens.

Figura 10 - Veículos que transportavam torcedores da SEP para outras cidades



Fonte: Jornal O Dia, 04/11/1993, p, 15.

A imagem acima mostra grupos de romeiros que se deslocavam para outros estados próximos do Piauí para cultuarem sua fé e manter acesas as chamas de suas espiritualidades. Os caminhões utilizados para transportar esses sujeitos eram os mesmos que levavam os torcedores do Picos ao estádio Albertão ou a outras praças de futebol no Piauí. Partes desses veículos pertenciam ao empresário e ex-prefeito de Picos José Neri, que desde o ano de 1975 tinha a prática de organizar caravanas de peregrinos em direção a Canindé (CE) e Juazeiro do Norte (CE) para enaltecer as imagens de São Francisco e Padre Cícero. Essa ação se perpetuou nas décadas seguintes.

Essa prática do ex-prefeito se consolidava na sociedade local. Campanhas políticas eram realizadas nas vésperas dos festejos em homenagens a São Francisco e Padre Cícero. Durante as viagens eram preparadas refeições para alimentar os romeiros. Essas alimentações eram denominadas de sopão[166], se tornando uma das ações que marcou essas romarias organizadas pelo ex-prefeito José Neri na cidade de Picos. As caravanas de cunho religioso tinham se tornado também uma das marcas desse sujeito, tanto que os seus adversários no campo político ao notarem a força dessa ação, passaram a destinar inúmeras críticas sobre essa relação entre o político e a religião, assim Neri diz que:

[166] Era uma alimentação que o ex-prefeito de Picos José Neri oferecia aos romeiros que se deslocavam de Picos ao Ceará. Funcionava como uma forma das pessoas se mobilizarem para as romarias, pois, com essa prática, as despesas com alimentação eram menores.

> Fica indignado quando vê outras pessoas associando a sua prática de romarias com a política. Segundo Neri, muito antes de estar à frente da política partidária já era comum, na sua vida, juntar os homens de sua empresa e levá-las gratuitamente para estes dois importantes centros de romarias do Nordeste. "Uma vez disputando cargos eletivos não tinha porque acabar com essa prática", disse. O ex-prefeito não coloca apenas a disposição os seus carros para a romaria, mas ele mesmo se torna no meio dos outros mais um romeiro, quando o interesse mesmo é apenas a romaria em si, independentemente de cor, agremiação política ou qualquer outro fator de distinção [167].

Notamos, a partir dessa passagem, que o político José Neri procurava trabalhar a dimensão emotiva para atingir corações e mentes das pessoas que pretendiam atingir com sua mensagem. A demonstração de indignação por parte desse sujeito sobre as críticas dirigidas a respeito dessas relações entre política e religião é um indicativo de como essa questão foi explorada. José Neri buscava contradizer a versão de seus adversários que mencionavam que o ex-prefeito explorava a fé em detrimento de seus objetivos políticos, como se essas romarias fossem extensões de redutos eleitorais. No entanto, Neri desejava por meio desse jornal adentrar no campo das subjetividades políticas para persuadir seus eleitores a apoiarem suas ideias enquanto um dos auxiliares dos romeiros.

Verificamos também o quanto José Neri se apresentava mais um romeiro entre tantos outros, tanto que, nesse período, era denominado de Romeiro do Nordeste por realizar constantemente esse evento. Essa era uma das estratégias utilizadas por esse político para se aproximar das diferentes camadas sociais que constituíam essas romarias, assim como construir apoio entre os romeiros. Portanto, ao manifestar interesse em explorar essa mensagem de Neri aos seus opositores, esse jornal almejava participar dos jogos de interesses que envolviam as tramas da política local.

Assim, como todo meio de comunicação visa atingir algo ou alguém, com o jornal O Dia não foi diferente. Dessa maneira, "todo jornal, seja de informação ou de opinião, participa da gestão desses sentimentos, produz informações que objetivam provocar o interesse, a desconfiança ou a indignação" [168], isto é, os jornais também fazem parte de determinadas redes de discursos que o político pode dirigir a sociedade ao qual estar inserido. Essas mensagens muitas vezes são atreladas a cargas emotivas, ao jogo dos sentimentos políticos, as subjetividades que compõem a arena política.

Os caminhões paus de arara eram utilizados também para conduzir os grupos de torcedores que se mobilizavam para assistirem os jogos do Picos fora dos gramados de Picos. Esses transportes funcionavam como espaço de construção de redes de sociabilidades

---

[167] Tradição é mantida em romaria para Canindé. **Jornal O Dia**, Teresina, 04 de novembro de 1993, p, 15.
[168] ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Ed. UFPR, 2009, p, 11.

torcedoras. Nesses ambientes, os adeptos do Picos dialogavam entre si, compartilhavam sentimentos e interesses em comuns no campo de jogo. Portanto, os caminhões pau de araras se tornavam uma espécie de extensão das arquibancadas. Um espaço representativo da coletividade futebolística. Assim, esses segmentos sociais que se reuniam para torcer e vibrar pelo Picos em dias de jogos transformavam os assentos dos caminhões em lugares de concentrações dos torcedores.

Os adversários políticos de José Neri percebendo as relações desse sujeito com o time Picos passaram a torcer pelo fracasso desse time nas competições que disputava. Na visão de seus opositores, uma das vias pelas quais se poderiam combater a imagem e o nome desse político era torcer pela derrota dessa equipe. Diante disso, os oponentes de José Neri desejavam a derrocada desse clube. Na perspectiva de alguns deles, isso possibilitaria que as relações entre o ex-prefeito e a comunidade desportista local fossem abaladas no campo esportivo e político, já que a imagem de um se apresentava atrelada a do outro, assim:

> A Sociedade Esportiva de Picos terá vitualmente toda à cidade torcendo por uma vitória do time picoense. Da boca pra fora, todo mundo. Alguns políticos, adversos do atual prefeito, claro que estão torcendo por uma derrota do clube. Intimamente estão querendo ver a caveira de Zé Neri. Mas não podem torcer contra claramente. Zé Neri sabe disso e conhece os abraços sinceros e os de tamanduá [169].

Analisamos a partir dessa passagem que os oponentes de José Neri tiveram receio em não torcerem explicitamente para a derrota do Picos durante os jogos do Campeonato Piauiense na temporada de 1991. Se essas críticas ocorressem de formas explícitas poderiam prejudicar a própria imagem da oposição de Neri, uma vez que não estariam torcendo contra o clube local, mas também a um dos símbolos que elevava a autoestima dos torcedores do Picos, isto é, da comunidade desportista local. Em vista disso, a equipe Picos representava vários interesses coletivos e individuais no cenário do futebol e da política na cidade de Picos de 1991 a 1998, haja vista as constantes relações de forças que se digladiavam por espaço na estrutura futebolística dessa equipe.

Em diversos momentos as conquistas do Picos foram utilizadas pelo ex-prefeito de Picos para neutralizar boa parte das críticas e denúncias que seus oponentes direcionavam ao seu governo. Sobre esse ponto, no seu primeiro mandato em 1991, Neri foi indiciado pela Polícia Federal por desvios de verbas públicas da educação. As acusações foram sobre a educação do município de Picos, em que "o prefeito de Picos, José Nery de Sousa, do PFL, e

---

[169] TORCIDA contra. **Jornal O Dia**. Teresina, 5 de dezembro de 1991, p, 15.

o empresário Pedro Alves foram indiciados em inquérito policial da Polícia Federal, por desvios de verbas do Ministério da Educação e Cultura- MEC" [170].

Acusações como essas faziam parte do governo desse político, e uma das maneiras que encontrava para afastar seu mandato das páginas policiais era procurar navegar nas águas do futebol de Picos simbolizado nas conquistas do time Picos. Os títulos dessa equipe eram utilizados como ferramenta desse governante para construir uma imagem positiva junto à sociedade local. Ressaltamos que não utilizamos neste trabalho a concepção do futebol como objeto alienante, pois acreditamos que os sujeitos e instituições envolvidos nas relações entre futebol e política disputavam poder e interesses, seja de ordem política ou futebolística, como defende também a autora Lívia Gonçalves (2010).

Portanto, os feitos do clube Picos funcionavam como um dos instrumentos para engrandecer seus mandatos e sua imagem enquanto apoiador do futebol local. No entanto, é preciso reforçar que nesse processo a instituição clubística Picos não era peça alheia a essas relações de forças na busca de visibilidade. O clube na figura de seus dirigentes atuava também em atingir seus objetivos no aspecto do jogo.

Os atores que compõem o campo do futebol atuam muitas vezes movidos pela defesa de seus interesses, suas interpretações de mundo, sejam no diálogo ou no conflito com seus oponentes. Portanto, não podemos analisar essa trama como se apenas um lado fosse beneficiado, pelo contrário, os participantes desses dois campos compartilhavam privilégios entre si.

Construiu-se uma falácia ao longo do tempo que trata o futebol como sendo um ambiente alheio aos interesses políticos, um espaço marcado por passividades por parte dos seus praticantes. Dessa maneira, se formou "uma ideia de que neste âmbito os interesses políticos, seja de ditaduras ou de democracias, não teriam sucesso, e de certa forma construiu-se um tabu no que diz respeito ao futebol como ferramenta política" [171], pois a História nos mostrou que esses campos caminham juntos, mas com objetivos diferentes.

Essas lutas se tornavam ainda mais presentes à medida que os clubes Picos e 4 de Julho passavam a confrontar diretamente com os clubes Flamengo, River e Piauí, pelo domínio no futebol piauiense. De um lado tinha os dois times que mais conquistava o certame estadual na década de 1990, Picos e 4 de Julho, do outro se encontrava as duas principais equipes da capital que mergulhavam em frustrações na beira do campo. As disputas ocorriam

---

[170] POLÍCIA Federal indicia prefeito de Picos por desvio de verbas do MEC. **Jornal O Dia**, Teresina, 18 de dezembro de 1991, p, 7.
[171] MAGALHÃES, Lívia Gonçalves, 2013, p, 34.

dentro e fora dos gramados, seja pelos movimentos futebolísticos ou políticos e em alguns casos discursivos, denotando assim o quanto a busca por poder entre os times de menor expressão versus o de maior expressão no futebol estadual poderia mover diferentes relações de forças entre sujeitos e instituições.

No que se refere ao time 4 de Julho houve algo assemelhado. Assim como José Neri se apresentava como patrono do clube Picos, Luiz Menezes tentava realizar o mesmo feito em Piripiri. O ex-prefeito Menezes se colocava como sendo o principal responsável por representar os interesses da equipe 4 de Julho, especialmente a respeito da questão financeira. Portanto, Menezes se mostrava ser o detentor do clube 4 de Julho, sobretudo em momentos que o time tinha dificuldades, como foi o caso da temporada do futebol piauiense de 1994, quando a direção do colorado de Piripiri cogitava desativar o departamento de futebol do clube em decorrência da crise financeira que assolava essa instituição clubística. Na passagem a seguir, Menezes narra sua versão:

> O deputado Luiz Menezes declarou que o 4 de Julho não desativará seu plantel e que ele continuará sendo o responsável pelo clube como vendo de fato. "Ora, meu amigo, eu sou o dono do time, sou eu quem gasta, não estou pedindo colaboração dos tais conselheiros porque eles ficam se esquivando e para não me aborrecer eu mesmo estou bancando todas as despesas. Sou o dono do time e ele vai continuar e dane-se quem quiser", disse o ex-prefeito de Piripiri [172].

Analisamos nesse trecho em forma de desabafo do ex-prefeito Luiz Menezes o quanto esse sujeito se apresentava como líder desse clube, principalmente no que se referia ao aspecto fora de campo. Diante disso, alguns pontos precisam ser ressaltados de maneira mais atenta. Primeiro, a forma como esse político se posicionava como peça central no jogo de interesses dentro das estruturas do time 4 de Julho.

Um dos elementos que reforça essa ação é a constante utilização do termo "dono", expressão que passa a ideia de posse, de proprietário de algo ou de alguma coisa. Desse modo, Menezes tentava demonstrar que era o responsável em manter a estrutura física e futebolística da equipe 4 de Julho. Ao realizar esse movimento, o ex-prefeito de Piripiri realçava para a sociedade local que o colorado de Piripiri tinha proprietário.

Luiz Menezes almejava construir sua História junto a esse clube pelas vias da imposição dos seus interesses em detrimentos das causas do clube 4 de Julho. O segundo ponto a ser explanado é a maneira como esse sujeito se apresentava nesse cenário, se mostrando a única salvação que o colorado de Piripiri poderia se agarrar. Ao mencionar que

---

[172] LUIZ Menezes desabafa e declara que é o dono do 4 de Julho. **Jornal O Dia**, Teresina, 23 de novembro de 1994, p, 16.

os conselheiros ou empresários locais não desejavam contribuir com essa agremiação esportiva, Menezes procurava isolar as vozes que discordavam de suas visões dentro do clube, visando com isso, construir uma imagem positiva de si no futebol local. Portanto, esses movimentos orquestrados pelo ex-prefeito de Piripiri e de Picos funcionavam como estratégias para que os seus respectivos objetivos políticos fossem alcançados no cenário do futebol piauiense.

Sobre essa questão, o futebol, na imagem dos clubes, se tornou ao longo do tempo um ambiente de lutas por espaços e poder. Sujeitos e instituições que buscavam representar suas visões de mundo, impor seus desejos, uma vez que "longe de ser apolítico, o futebol serviu em diferentes contextos contra os poderes opressivos quanto como veículos para ações revolucionárias" [173]. Desse modo, o futebol se transformou em uma ferramenta nas mãos de diversos políticos, dos opressores aos oportunistas. No entanto, não realçamos a ideia do futebol ser um ambiente passivo nas relações com o campo político. As duas dimensões buscam atingir seus respectivos interesses, demarcar território de poder, assim, são áreas que se beneficiam entre si. Desse modo, não se estabelece hierarquia nesses entrelaçamentos entre futebol e política.

Esse cenário político marcado por tramas e jogos de interesses estava em consonância com as disputas futebolísticas que ocorriam no campo de jogo entre os times Picos e 4 de Julho contra as expressivas equipes de Teresina, Flamengo e River. As buscas pelo prestígio nos gramados piauienses se tornaram uma das tônicas que marcaram o contexto do futebol estadual no período em análise.

3.2 O Prestígio em Disputa

Durante os anos de 1991 a 1998, os clubes de futebol Picos e 4 de Julho sobrepuseram aos times mais vitoriosos do futebol teresinense, especialmente River e Flamengo. Esse período se notabilizou pelas constantes disputas pelo prestígio do futebol piauiense entre os times Picos e 4 de Julho e os dois principais clubes de Teresina River e Flamengo. Durante esse contexto, as equipes de Teresina assistiram o tetracampeonato do Picos e o bicampeonato do colorado de Piripiri.

As conquistas dessas duas equipes marcaram a História e a memória do futebol piauiense na temporalidade analisada neste trabalho. Portanto, analisar essas disputas e correlações de forças no futebol estadual, será o objetivo desta seção. Dessa maneira, esse

---

[173] AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002, p, 254.

lapso de tempo se caracterizou pelo destaque dos clubes Picos e 4 de Julho e pela crise técnica e financeira que assolava os clubes River e Flamengo, equipes de maiores expressões do futebol de Teresina.

Esse fato nos chamou atenção durante as pesquisas nas fontes, pois, na maioria das vezes quando se analisa a História do futebol piauiense, os clubes com mais prestígios no campo de jogo acabavam se sobrepondo aos times menos tradicionais no futebol estadual. No cenário piauiense, "a grande realidade vivida no futebol do Piauí, é a superioridade dos times do interior do estado em relação aos clubes da capital, Teresina, que apenas rememoram saudosos, os bons tempos em que comandaram o nosso futebol" [174]. Tempos que começaram a mudar nos anos 1990, se tornando um período histórico e eufórico para os clubes fora da capital.

A euforia no cenário futebolístico piauiense em torno dessas equipes foi causando uma série de insatisfação entre os clubes mais vitoriosos de Teresina. Um dos momentos em que esses descontentamentos se tornaram explícito foi quando a equipe 4 de Julho conquistou o Campeonato Piauiense de 1992. Na fase final desse torneio o colorado de Piripiri derrotou os dois principais times de Teresina, River e Flamengo, resultados que mostraram a força do futebol local sobre a capital. Desse modo, sob a égide de títulos e feitos do colorado de Piripiri, "uma nova história foi escrita e o 4 de Julho arrebatou o bi. Com direito a vitórias sobre River e Flamengo nas finais. Para calar de vez a oposição"[175]. O bicampeonato ocorreu na temporada de 1993.

A ascensão do Picos e 4 de Julho, vistos como clubes de menor expressão no futebol estadual, foi um golpe na autoestima do futebol teresinense, representado pelas equipes River Flamengo, equipes consideradas grandes de Teresina. Entretanto, um clube de futebol não é visto como grande pelo fato da torcida numerosa, ou inúmeras conquistas.

Em determinadas conjunturas históricas, a expressividade de um clube de futebol não é estabelecida apenas pelo que construiu dentro dos gramados, mas pelo que representa fora das quatro linhas, isto é, equipes que carregavam a imagem, o nome, a cultura e hábitos de um lugar. São clubes que passam imagens de objetos ausentes e presentes na sociedade local, e que tentam representar algo, alguém ou uma ideia, conforme os interesses envolvidos, uma vez que, "a representação como dando a ver uma coisa ausente, o que supõem uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado" [176].

---

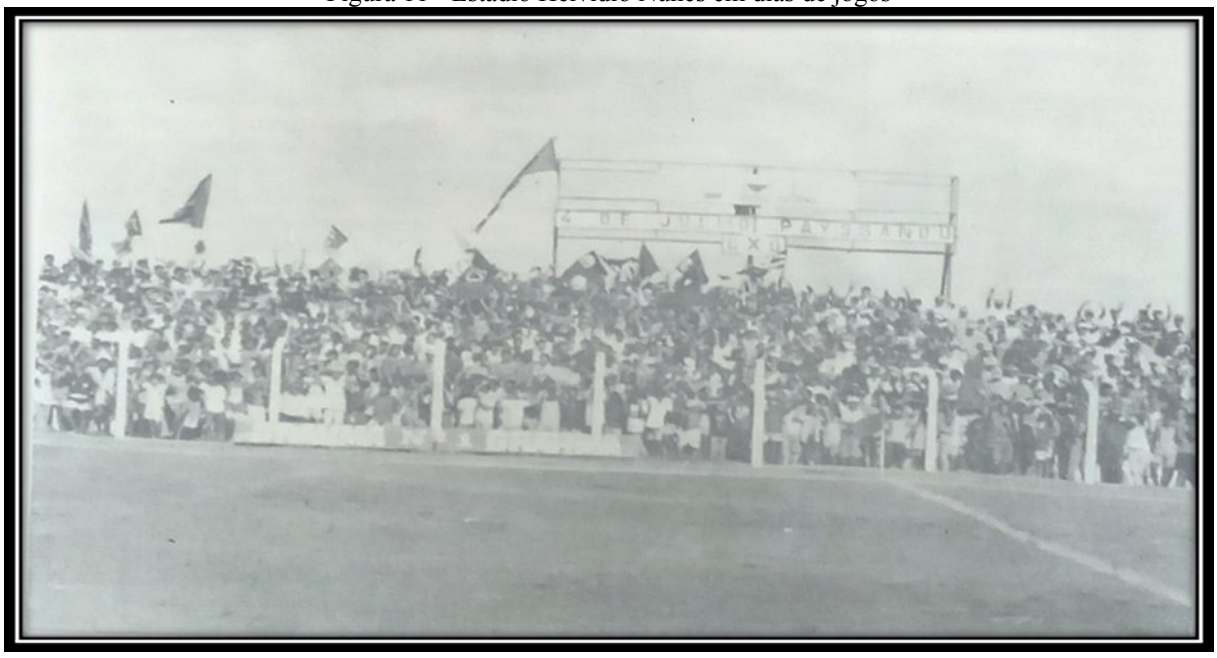
[174] Realidade. **Tribuna de Picos**, Picos, 7 de dezembro de 1995, p, 4.
[175] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes, 2021, p, 16.
[176] CHARTIER, Roger, 2002, p, 20.

Assim, “grandes para os torcedores é, antes de tudo, uma noção da ordem do simbólico: “grande” é um grande predicado atribuído ao clube na medida em que este é capaz de suscitar “grandes” emoções, “grandes” conflitos, grandes tradições”[177]. Mas essas cargas de subjetividades podem ser atribuídas também aos clubes de menor expressão, pois, o ato de torcer a um time é algo que se constrói historicamente em diferentes temporalidades e espacialidades, não é algo natural ou obra do acaso.

Um dos espaços de sociabilidades torcedoras na cidade de Piripiri durante a década de 1990 era o estádio Helvídio Nunes, palco de jogos memoráveis na História do clube 4 de Julho. Essa praça futebolística se tornou nesse período um dos ambientes em que as diferentes cargas de subjetividades torcedoras ocorriam em relação ao time. Nesse estádio os adeptos apoiavam e se mobilizavam em torno da equipe 4 de Julho antes, durante e depois dos confrontos, especialmente em jogos decisivos do Campeonato Piauiense. A imagem a seguir mostra a final do certame estadual de 1992, entre 4 de Julho e Paysandu, no estádio Helvídio Nunes. O placar foi de 1x0 para o time de Piripiri.

Nesse caso, notamos o entusiasmo e a presença marcante da torcida local no espetáculo, demonstrando dessa forma o significado que o 4 de Julho tinha no seio da comunidade desportista de Piripiri.

Figura 11 - Estádio Helvídio Nunes em dias de jogos



Fonte: Jornal O Dia, 09/11/1994, p, 16.

[177] DAMO, Arlei Sander, 1998, p, 40.

Nesse espaço, as sociabilidades torcedoras ocorriam entre as arquibancadas e gramado, cujo objeto a ser visualizado e festejado era o 4 de Julho. Nota-se, a partir dessa imagem, a expressividade e a diversidade de faixas etárias dos torcedores no estádio, crianças, jovens e adultos na comunhão de sentimentos em comuns junto a um dos objetos de representatividade da cidade de Piripiri no cenário do futebol estadual e nacional. Sujeitos que almejavam serem representados no campo de jogo, buscavam nos jogadores maneiras de representarem seus interesses e expressões.

É no espaço das arquibancadas que as diferentes relações jocosas entre jogadores, clubes e torcedores se constroem. O ambiente à beira dos gramados impulsionam muitas vezes os trabalhadores da bola a tomarem decisões dentro de campo que em determinados momentos fogem a lógica do futebol. Cada torneio disputado era uma possibilidade para que novos circuitos de sociabilidades torcedoras ocorressem no seio dos jogos, e adentrassem no estádio e fora dele. Diante disso, "a sociabilidade estabelecida em torno do consumo coletivo de jogos de futebol e a tematização dos fatos do jogo em interações sociais cotidiana, evidenciadas em performances ocorrentes nos locais" [178] onde ocorrem os eventos futebolísticos permitem o encontro entre os jogadores e torcedores.

Todos torciam pelo mesmo time, mas cada um apoiava a sua maneira, com base nas suas características de torcedores. Na área futebolística isso se explica em parte pelo fato de que os campos de representações do futebol é um ambiente de disputas, de confrontos, isto é, se compete dentro e fora dos gramados. Representações que ultrapassam as fronteiras das arquibancadas, "por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação" [179].

Os prestígios dos clubes Picos e 4 de Julho no futebol piauiense no período em estudo, despertaram descontentamentos por parte de sujeitos ligados diretamente ao Flamengo. Um desses dirigentes foi Leal Júnior [180], ex-presidente do clube que, ao perceber o momento de dificuldades pelo qual passava o Flamengo, expressou a seguinte declaração ao jornal O Dia:

---

[178] GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Estado e sociedade**, Brasília, n, 3, p,3, julho/outubro de 2006. Disponível em http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/. Acesso em: 24 out. 2024.

[179] CHARTIER, Roger, 2002, p, 17.

[180] Político, desportista e advogado piauiense. Leal Júnior ocupou por diversas ocasiões o cargo de deputado estadual, função que ocupou de 1997 – 2006. No campo desportivo, foi presidente do Flamengo (PI) no final da década de 1970. Disponível em: https://cidadeverde.com/noticias/61535/leal-junior-dem-desiste-de-candidatura-a-deputado-estadual. Acesso em: 02 dez. 2024.

> O Flamengo é um clube de massa e por isso não pode ficar de fora de uma competição como o campeonato estadual. Tá certo que as coisas estão difíceis para se manter um plantel de profissionais, porém com trabalho e um planejamento adequado tudo funciona. Quando Teresina tinha 400 mil habitantes, colocamos 43 mil torcedores no Albertão na decisão de 77 entre River e Flamengo. De lá pra cá, o público vem se afastando dos estádios. Algumas coisas tem que ser feita para que tenhamos boas rendas nos jogos do certame regional [181].

Depreendemos que essa versão do ex-presidente do Flamengo ocorreu em um contexto histórico agitado do ponto de vista futebolístico e financeiro. O relato desse sujeito estava inserido em um cenário eleitoral dentro do clube marcado por consonâncias e dissonâncias de interesses na gestão do time. Assim, ao rememorar o passado de conquistas dessa equipe enquanto era diretor, Leal demonstrava com isso reforçar sua liderança e influência política dentro da instituição clubística. A narrativa do ex-prefeito do Flamengo ao jornal O Dia, além de realçar seu papel histórico na trajetória da comunidade rubro negra, nos mostra também outros pontos pertinentes que requer uma análise mais profunda a respeito da situação que se encontrava o clube teresinense no cenário do futebol piauiense nos primeiros anos da década de 1990.

O primeiro ponto a ser abordado é a questão financeira pela qual o Flamengo passava nesse período. Nessa passagem, o ex-diretor do time reconhecia que esse fator tinha contribuído para a inserção do time na crise técnica. Contudo, esse sujeito não empregava esse elemento como sendo o determinante para que essa agremiação esportiva chegasse a essa crise no seu departamento de futebol, mas apenas um ponto dentre outros. Portanto, segundo Leal, existiam outros elementos que passavam por um planejamento eficiente e muito trabalho. Na perspectiva desse sujeito, se o clube Flamengo seguisse esse caminho, poderia mergulhar em águas mais serenas no futebol piauiense.

O segundo ponto a ser destacado nesse trecho é a maneira como esse sujeito procurava se agarrar a memória para manter acesa a chama das suas relações ao Flamengo. Passava-se a evocar fragmentos de lembranças seletivas de um passado glorioso desse clube como forma de reforçar seu vínculo. No entanto, nota-se que Leal Júnior se esforçava apenas em lembrar-se dos fatos que provocavam conforto e alegria a sua imagem, deixando-se no escanteio da memória os momentos que causavam tristeza e dor.

O passado é utilizado em diferentes momentos para moldar uma ideia de presente baseada nos desejos dos sujeitos históricos, inclusive dos historiadores, que por uma série de fatores, buscam nos objetos de estudos respostas para se entender questões do presente. O

---

[181] ELEIÇÃO para escolher o novo presidente do Flamengo. **Jornal O Dia**, Teresina, 24 de dezembro de 1992, p, 4.

historiador antes de ser um analista, é um testemunho, um homem ligado ao seu tempo com problemas e ideias, pois, o historiador, "reivindica ou reconhece cada vez mais seu próprio pertencimento a história" [182], seja nos estudos sobre o passado ou presente.

Cada sujeito atribui sentido ao mundo que está inserido, à realidade da qual faz parte. Essas buscas por sentidos passam pelos sistemas de linguagens que cada sujeito faz parte, pelos signos que sentem pertencentes, pelos dialetos que cortam suas feições enquanto sujeitos históricos e atuantes. Dessa forma, "se deslocarmos para os jogos de futebol repletos de cartazes, bandeiras e slogans, rostos e corpos pintados de certas cores ou escritos com certos símbolos, podemos também considera-los como uma linguagem" [183]. Um campo que transmite diferentes mensagens corporais e linguísticas, onde os sujeitos que jogam e torcem buscam maneiras de fincar raízes com o passado de glórias, seja pelo clube ou jogador.

As mudanças e as permanências dependem das suas referências do passado, das lembranças que enaltecem sua autoestima e existência no evento ocorrido. Os membros de uma determinada cultura, especificamente futebolística, compartilham uma série de conjuntos, conceitos, imagens e ideias que permitem sentir, refletir e interpretar o mundo de forma semelhante, embora cada um dentro das suas realidades.

O descontentamento com o prestígio dos clubes de menor expressão no futebol piauiense não ocorreu apenas entre o corpo dos dirigentes dos times teresinense, mas também na imprensa esportiva de Teresina. Os principais jornais da capital teciam várias críticas aos brios conquistados das equipes Picos e 4 de Julho, assim como outros clubes que começavam a minar o prestígio de River e Flamengo. Um dos meios de comunicação que se destacou em conter o avanço das equipes fora da capital foi o jornal O Dia, como é notado na passagem a seguir:

> O futebol piauiense está em baixa. O River não conseguiu classificar-se para o Campeonato Brasileiro da segunda divisão de 94. O time tricolor disputou a vaga com o Moto Clube, representante do Maranhão, e acabou sendo eliminado pelo time Timbira. Perde o futebol piauiense a grande oportunidade de retornar a competição da CBF. [...]. Enquanto isso, em 94, o torcedor piauiense terá que se contentar mais uma vez com o certame estadual onde clubes como o Comercial, Caiçara e Parnaíba, entre outros, nada tem a acrescentar [184].

Notamos, a partir desse trecho, o quanto a imprensa esportiva teresinense se mostrava insatisfeita com o momento conturbado com qual se encontrava os clubes mais vitoriosos de Teresina. Nesse caso, a não participação do River na competição organizada pela

---

[182] CHAUVEAU, A; TÉTART, P, 1999, p, 28.
[183] HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora. PUC-Rio: Apicuri, 2016, p, 25.
[184] RIVER foi eliminado do Seletivo da CBF. **Jornal O Dia**, Teresina, 14 de dezembro de 1993, p, 16.

Confederação Brasileira de Futebol significava uma derrota não apenas ao clube tricolor, mas também ao futebol da capital que desde o início da década de 1990 se mostrava sem forças e prestígios para competir com os clubes 4 de Julho e Picos, que são equipes fora de Teresina.

As diferentes maneiras como esse documento histórico trata a questão é outro ponto que desperta atenção. Sobre essa questão, esse jornal tentava moldar o comportamento dos torcedores em relação ao ato de torcer, as formas de apoiar os times. Por meio de estratégias de linguagens, esse jornal procurava passar uma imagem à comunidade desportista piauiense de que os clubes de Teresina independentemente do contexto que estavam inseridos, se sobressaia aos times fora da capital, uma vez que, por serem equipes menos expressivas no futebol estadual, não contribuía para o espetáculo futebolístico.

Os veículos de imprensa, nesse caso, jornais, conforme o cenário histórico que estava inserido procura modelar a realidade social de acordo com seus interesses políticos e econômicos. São causas muitas vezes ambíguas e que podem em determinados momentos históricos divergir com outras forças. Dessa maneira, "as ambiguidades e hesitações que marcam os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes, a venalidade sempre denunciada, o peso dos interesses publicitários e dos poderosos" [185] confluem na busca do poder. Nesse ponto, ao tratar de minimizar as participações dos clubes de futebol fora da capital em detrimento dos times teresinenses, esse jornal procurava defender seus interesses.

Concluímos que, ao apresentar certa insatisfação com o cenário do futebol teresinense, a crônica esportiva também relatava menosprezo aos clubes de fora da capital que disputavam nesse período o Campeonato Piauiense. Os clubes menos expressivos eram jogados para escanteio pela crônica esportiva teresinense.

Nesse sentido, Comercial, Parnaíba e Caiçara são tratados como clubes sem expressão no futebol estadual, equipes que não contribuiriam ao espetáculo futebolístico. No entanto, analisando o cenário futebolístico piauiense de 1991 a 1998, notamos o oposto do que narrou à imprensa do futebol de Teresina, isto é, os clubes fora da capital fortaleceram mais ao futebol estadual do que os tradicionais clubes de Teresina representados nas figuras do River e Flamengo.

Um dos momentos que representaram o fracasso dos clubes teresinenses nesse contexto foi a não participação no Campeonato Piauiense na temporada de 1992, por fatores financeiros e organização administrativa. No certame estadual de 1992, "três dos principais

---

[185] DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. : PINSKY, Carla Bassanezi. (Org). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p, 130.

clubes da capital deixaram de disputar o campeonato profissional, os tradicionais River, Piauí e Flamengo" [186]. Portanto, concluímos que, diante desse cenário, os clubes de fora da capital ajudaram o futebol piauiense a alçar novos caminhos no futebol nacional e regional. Desse modo, se de um lado River, Piauí e Flamengo deixaram de participar do certame estadual, por outro lado, Picos, 4 de Julho e Cori-Sabbá se tornavam as referências no futebol estadual, conquistando títulos e prestígios dentro de campo. Assim, a desvalorização da crônica futebolística de Teresina aos clubes de fora da capital não se justificava, mostrava frágil, não se sustentava.

O enaltecimento que Leal Júnior faz da sua atuação na direção do clube Flamengo torna-se mais presente a partir do momento em que esse sujeito tece elogios a torcida do clube pelo seu histórico em lotar o estádio Albertão em dias de clássicos com o River, o Rivengo [187]. A tentativa de dirigentes de se aproximarem da História e da memória das equipes de futebol como forma de se destacar no meio do futebol e também social é uma das características que marca a relação entre sujeitos e clubes em diferentes temporalidades em questão. Nessa perspectiva, "o dirigente pode afigurar-se como o líder salvador ou carismático, aquele que aparece, em momentos de crise, como dotado de poderes mágicos e que transitam entre o céu e o inferno ao dissabor das profecias que se realizam (ou não)" [188].

O dirigente nesse caso tentava se aproximar da História da equipe, associar sua imagem aos momentos de conquistas e feitos históricos. Essa prática pode ocorrer por variadas maneiras, seja pela omissão dos fracassos em campo ou pela distorção do passado do clube. O jogo de torcer e distorcer no campo futebolístico ocorre em certa medida em decorrência dos torcedores desejarem ser inseridos na História do time, de fazer parte da trajetória da instituição clubística, isto é, conquistar um espaço futebolístico ao lado da equipe.

O ato de torcer se torna peça central na construção da História do clube, na existência da equipe enquanto instituição futebolística, uma vez que, "torcer é sempre distorcer, portanto. E não apenas o presente, a partida que se tem diante dos olhos, no estádio ou na televisão. É também adulterar o passado"[189] em suas variadas dimensões. As conquistas e

---

[186] O INTERIOR vence mais uma. **Revista Placar**, São Paulo, Janeiro de 1993, p, 70.
[187] Essa expressão é atrelada ao jornalista piauiense Arimatéia Moreira no ano de 1969. José de Arimatéia Moreira, que também utilizava o pseudônimo Jerimozil, criou o termo Rivengo em julho de 1969. Esse jogo é considerado o maior clássico do futebol piauiense. Disponível em: https://sitedobuim.blogspot.com/2013/02/criador-do-termo-rivengo. Acesso em: 28 out. 2024.
[188] ROCHA, L.G.B.S.P. **A outra razão**: os presidentes de futebol entre práticas e representações. 2013. 232 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013, p, 153.
[189] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 292.

frustrações dos clubes são modificadas conforme os interesses dos torcedores, de acordo com as suas perspectivas enquanto sujeitos atuantes no seio das equipes.

Modificar o passado em detrimento do presente é algo que muitas vezes caracterizam as relações entre torcedor e clube de futebol. Uma relação pautada na comunhão de valores e sentimentos em comuns, que buscam no passado da equipe maneiras de serem representados em campo, de fortalecer seus apoios junto ao time. Assim, diferentes grupos de torcedores procuram adulterar fatos históricos da equipe para atender seus objetivos enquanto torcedores.

Figura 12 - Torcedoras do 4 de Julho comemoram nas ruas de Piripiri a vitória do time



Fonte: Jornal O Dia, 30/11/1993, p, 16.

Cada clube de futebol constrói sua História e memória no campo de jogo atrelada as narrativas construídas pelos torcedores sobre o passado do clube. Os traços deixados pelo passado podem colidir com as marcas do presente, isto é, a perspectiva histórica do clube pode entrar em dissonância com o prisma do torcedor do presente. O passado e o presente são duas cargas de temporalidades que caminham juntas, que dialogam entre si. As marcas deixadas pelo passado muitas vezes divergem dos traços trabalhados no presente, ou também podem convergir. Nesse sentido, “o historiador não pode ignorar o presente que o cerca, precisa olhar em torno, ter sensibilidade histórica de seu presente para, a partir dele, interrogar

e explicar o passado" [190]. Portanto, analisar a História dos clubes em questão é se debruçar com nuances que inquietam o historiador ainda no presente.

Em distintos contextos a trajetória de um time de futebol pode ser alterada pelos seus torcedores. Nesse caso, os adeptos atuam como narradores que passam a ditar o ritmo do jogo da História do clube, desviando em alguns momentos a historicidade que marcam a trajetória da agremiação esportiva em variadas camadas de temporalidades, sendo assim:

> [...] Cada clube tem sua própria história marcada por grandes conquistas, vitórias e derrotas inesquecíveis, enfim, um conjunto de fatos e circunstâncias recorrentes na memória dos torcedores. Tais fatos e circunstâncias são invariavelmente identificados com determinada época, local e inúmeros personagens, dentre os quais o narrador - no caso o torcedor - sempre ocupa um lugar de destaque [191].

Analisamos o quanto Leal Júnior, ex-presidente do Flamengo, tentava se colocar na História e na memória desse clube, como se suas atuações dentro do clube fossem fundamentais para as glórias desse time no cenário futebolístico piauiense na década de 1970. Notamos que esse sujeito tentava entrelaçar os fatos ocorridos, já que buscava no passado uma maneira de refletir sobre as inquietações do presente.

Esse é um dos pontos que caracterizam a História do tempo presente, uma História pautada na incompletude, na tentativa de aproximação do passado/presente, assim, "a história do tempo presente estar em constante movimento, refletindo as condições que se desenrolam diante de nós e sendo, portanto, objeto de uma renovação sem fim" [192]. Diante desse cenário, as investidas de Leal em se promover enquanto personagem histórico no clube refletia não apenas a dimensão torcedora que carregava, no desejo em ver o clube voltar aos caminhos das vitórias, mas, além disso, visava também externar seus interesses na política da equipe teresinense.

Ao apresentar caminhos que o clube poderia seguir, Júnior buscava reforçar seus vínculos ao Flamengo, uma ação que passou a ganhar outras tonalidades no momento em que se tornou dirigente do clube. Essas movimentações demonstravam o quanto esse sujeito se mobilizava para deixar suas raízes na estrutura do clube, nos interesses da equipe. Notamos a partir dessas observações que o ex-diretor visava entrelaçar suas ambições pelo poder junto às causas do Flamengo.

---

[190] REIS, José Carlos. **Teoria e história**: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p, 27.
[191] DAMO, Arlei Sander, 1998 p, 60.
[192] BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. 8 edição. In. : AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org). **Usos e abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p, 229.

Uma parte dos dirigentes dos clubes de futebol de Teresina atribuíam exclusivamente as conquistas dos clubes Picos e 4 de Julho no futebol piauiense as constantes ajudas financeiras que recebiam das prefeituras de Picos e Piripiri. De fato, o executivo municipal tinha uma assiduidade nas estruturas futebolísticas desses dois clubes. As contribuições das prefeituras eram destinadas na maioria das vezes para manter e fortalecer as estruturas desses clubes, desde a parte física à contratação de atletas para participarem dos torneios que esses times disputariam ao longo da temporada. Esses auxílios financeiros, por parte do poder público municipal, pode ser exemplificado no trecho a seguir que trata da conquista do certame piauiense de 1992 do time 4 de Julho:

> Contou, para isso, com o apoio da Prefeitura de Piripiri e foi acumulando vitórias até chegar à partida decisiva, contra o Paysandu. [...] A partir de agora, a diretoria, sempre com o apoio da prefeitura, pretende reforçar o elenco, para, ao menos, não fazer feio na Copa do Brasil de 1993 e honrar o nome da pequena Piripiri nos noticiários de todo o Brasil [193].

Esse fragmento reforça a versão da direção do River e Flamengo a respeito dos principais motivos que levaram o 4 de Julho e Picos a se destacarem nos gramados estaduais e até mesmo nacionais. Ainda segundo o ponto de vista desses dirigentes, a ajuda das prefeituras de Picos e Piripiri se mostravam fundamentais para as vitórias em campo. Notamos também nessa passagem o cuidado em não menosprezar a imagem da cidade de Piripiri, pois, na visão dos sujeitos envolvidos nesse processo, o desempenho positivo do time 4 de Julho nos gramados tinha chances de refletir na autoestima local, na imagem da cidade para o Piauí e outras praças de futebol pelo Brasil. Entretanto, se o desempenho da equipe fosse um desastre, isso poderia minar o noticiário futebolístico dessa urbe em cadeia nacional.

As contribuições financeiras que as prefeituras de Picos e Piripiri destinavam aos clubes Picos e 4 de Julho permitiram, em certa medida, a inserção dessas duas instituições clubísticas no cenário estadual e nacional, alavancando assim o nome e a imagem dessas equipes. Ao lado desses benefícios financeiros surgiam também as oportunidades de políticos locais navegarem nas ondas de popularidades desses clubes, como foi o caso do ex-prefeito de Piripiri Luiz Menezes na decisão do segundo turno do Campeonato Piauiense de 1993, disputado no estádio Lindolfo Monteiro, em Teresina.

Nessa ocasião, esse sujeito buscou associar sua imagem as conquistas do time 4 de Julho sobre o Flamengo. Esse político percebeu na vitória do colorado de Piripiri uma oportunidade para engrandecer seus feitos diante do futebol local. No ato da conquista, Luiz

---

[193] CONTRIBUIÇÕES financeiras ao 4 de Julho. **Revista Placar**, São Paulo, Janeiro de 1993, p, 70.

Menezes tentava inserir seu mandato junto ao time 4 de Julho, tanto que ele "ficou muito contente com a vitória. Foi o último a deixar o estádio. Deu entrevistas a todas as emissoras e gravadores que encontrou pela frente" [194]. Menezes, dessa maneira, demonstrava que apoiava um dos símbolos da cidade, o 4 de Julho, realçando assim os laços entre o poder público municipal, e esse clube que representava o futebol de Piripiri nas diferentes praças futebolísticas brasileiras.

Portanto, pelo o que foi analisado nessas fontes, o Picos e 4 de Julho tiveram ajuda financeira das prefeituras de Picos e Piripiri para seguirem seus respectivos caminhos de conquistas no futebol piauiense de 1991-1998. Contudo, não podemos mencionar o fator financeiro como sendo o elemento determinante para esse prestígio do Picos e 4 de Julho no campo de jogo, como afirmavam os dirigentes de River e Flamengo.

Sobre essa questão, a compreensão de uma trama histórica no seu âmago requer do historiador uma visão panorâmica dos fatos e dos sujeitos nas suas variadas realidades, uma vez que, "o panorama do passado apresenta certos traços relevantes que são muito mais amplos do que outros" [195]. Tentar resumir o passado de conquistas dessas equipes no futebol piauiense apenas a questão financeira é fechar os olhos para a amplitude do processo histórico, para as suas centelhas que fazem ascender às luzes dos fatos, dos discursos proferidos que norteiam os acontecimentos.

Em relação a essa amplitude na compreensão do passado, afirmamos que os dois clubes mais vitoriosos do futebol teresinense, River e Flamengo também gozavam de contribuições financeiras por parte do poder público municipal. Os benefícios financeiros que essas equipes recebiam da prefeitura de Teresina eram destinados boa parte deles para preservar a saúde física e esportiva dessas equipes. No ano de 1998, o executivo municipal sob a égide do ex-prefeito de Teresina Firmino Filho [196] repassou recursos expressivos para as direções do tricolor e ao rubro negro.

Segundo consta nesse documento, o ex-prefeito tentava encontrar maneiras de a prefeitura de Teresina contribuir para o avanço do futebol teresinense, para elevar a qualidade do futebol da capital. Os contratos a seguir assinados entre Flamengo, River e prefeitura de Teresina é um dos pontos que endossam essa discursão acerca da problemática deste trabalho.

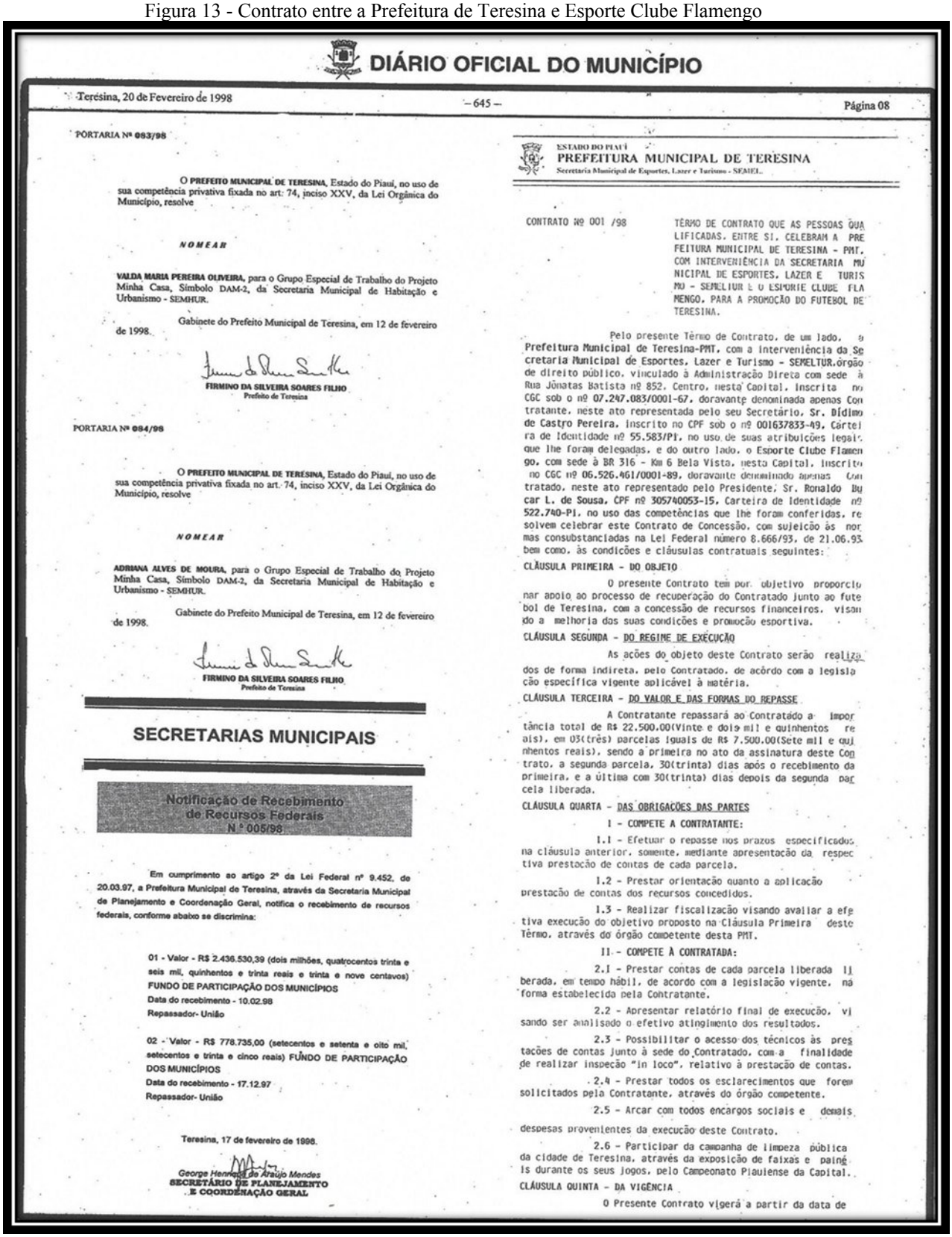
---

[194] Piripiri veio firme. **Jornal O Dia**, Teresina, 03 de setembro de 1993, p, 16.

[195] VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p, 93.

[196] Natural de Teresina, Firmino Filho nasceu no dia 16 de dezembro de 1963. Formado em economia, ocupou a Secretaria Municipal de Finanças de Teresina na administração de Wall Ferraz. Ingressou na carreira política ao ser eleito prefeito da capital pela primeira vez em 1996. Firmino foi eleito outras três vezes, em 2000, 2012 e 2016. Disponível em: https://g1.globo.com/pi. Acesso em: 13 jun. 2024.

Figura 13 - Contrato entre a Prefeitura de Teresina e Esporte Clube Flamengo



DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

Teresina, 20 de Fevereiro de 1998 — 645 — Página 08

PORTARIA Nº 083/98

O PREFEITO MUNICIPAL DE TERESINA, Estado do Piauí, no uso de sua competência privativa fixada no art. 74, inciso XXV, da Lei Orgânica do Município, resolve

NOMEAR

VALDA MARIA PEREIRA OLIVEIRA, para o Grupo Especial de Trabalho do Projeto Minha Casa, Símbolo DAM-2, da Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo - SEMHUR.

Gabinete do Prefeito Municipal de Teresina, em 12 de fevereiro de 1998.

FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO
Prefeito de Teresina

PORTARIA Nº 084/98

O PREFEITO MUNICIPAL DE TERESINA, Estado do Piauí, no uso de sua competência privativa fixada no art. 74, inciso XXV, da Lei Orgânica do Município, resolve

NOMEAR

ADRIANA ALVES DE MOURA, para o Grupo Especial de Trabalho do Projeto Minha Casa, Símbolo DAM-2, da Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo - SEMHUR.

Gabinete do Prefeito Municipal de Teresina, em 12 de fevereiro de 1998.

FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO
Prefeito de Teresina

SECRETARIAS MUNICIPAIS

Notificação de Recebimento de Recursos Federais N.º 005/98

Em cumprimento ao artigo 2º da Lei Federal nº 9.452, de 20.03.97, a Prefeitura Municipal de Teresina, através da Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral, notifica o recebimento de recursos federais, conforme abaixo se discrimina:

01 - Valor - R$ 2.436.530,39 (dois milhões, quatrocentos trinta e seis mil, quinhentos e trinta reais e trinta e nove centavos) FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
Data do recebimento - 10.02.98
Repassador- União

02 - Valor - R$ 778.735,00 (setecentos e setenta e oito mil, setecentos e trinta e cinco reais) FUNDO DE PARTICIPAÇÃO DOS MUNICÍPIOS
Data do recebimento - 17.12.97
Repassador- União

Teresina, 17 de fevereiro de 1998.

George Henrique de Araújo Mendes
SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

ESTADO DO PIAUÍ
PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA
Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Turismo - SEMEL.

CONTRATO Nº 001 /98 — TÊRMO DE CONTRATO QUE AS PESSOAS QUALIFICADAS, ENTRE SI, CELEBRAM A PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA - PMT, COM INTERVENIÊNCIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, LAZER E TURISMO - SEMELTUR E O ESPORTE CLUBE FLAMENGO, PARA A PROMOÇÃO DO FUTEBOL DE TERESINA.

Pelo presente Têrmo de Contrato, de um lado, a Prefeitura Municipal de Teresina-PMT, com a interveniência da Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Turismo - SEMELTUR,órgão de direito público, vinculado à Administração Direta com sede à Rua Jônatas Batista nº 852, Centro, nesta Capital, inscrita no CGC sob o nº 07.247.083/0001-67, doravante denominada apenas Contratante, neste ato representada pelo seu Secretário, Sr. Dídimo de Castro Pereira, inscrito no CPF sob o nº 001637833-49, Carteira de Identidade nº 55.583/PI, no uso de suas atribuições legais que lhe foram delegadas, e do outro lado, o Esporte Clube Flamengo, com sede à BR 316 - Km 6 Bela Vista, nesta Capital, inscrito no CGC nº 06.526.461/0001-89, doravante denominado apenas Contratado, neste ato representado pelo Presidente, Sr. Ronaldo Bucar L. de Sousa, CPF nº 305740053-15, Carteira de Identidade nº 522.740-PI, no uso das competências que lhe foram conferidas, resolvem celebrar este Contrato de Concessão, com sujeição às normas consubstanciadas na Lei Federal número 8.666/93, de 21.06.93 bem como, às condições e cláusulas contratuais seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETO

O presente Contrato tem por objetivo proporcionar apoio ao processo de recuperação do Contratado junto ao futebol de Teresina, com a concessão de recursos financeiros, visando a melhoria das suas condições e promoção esportiva.

CLÁUSULA SEGUNDA - DO REGIME DE EXECUÇÃO

As ações do objeto deste Contrato serão realizados de forma indireta, pelo Contratado, de acôrdo com a legislação específica vigente aplicável à matéria.

CLÁUSULA TERCEIRA - DO VALOR E DAS FORMAS DO REPASSE

A Contratante repassará ao Contratado a importância total de R$ 22.500.00(Vinte e dois mil e quinhentos reais), em 03(três) parcelas iguais de R$ 7.500.00(Sete mil e quinhentos reais), sendo a primeira no ato da assinatura deste Contrato, a segunda parcela, 30(trinta) dias após o recebimento da primeira, e a última com 30(trinta) dias depois da segunda parcela liberada.

CLÁUSULA QUARTA - DAS OBRIGAÇÕES DAS PARTES

I - COMPETE A CONTRATANTE:

1.1 - Efetuar o repasse nos prazos especificados na cláusula anterior, somente, mediante apresentação da respectiva prestação de contas de cada parcela.

1.2 - Prestar orientação quanto a aplicação prestação de contas dos recursos concedidos.

1.3 - Realizar fiscalização visando avaliar a efetiva execução do objetivo proposto na Cláusula Primeira deste Têrmo, através do órgão competente desta PMT.

II - COMPETE À CONTRATADA:

2.1 - Prestar contas de cada parcela liberada liberada, em tempo hábil, de acordo com a legislação vigente, na forma estabelecida pela Contratante.

2.2 - Apresentar relatório final de execução, vindo ser analisado o efetivo atingimento dos resultados.

2.3 - Possibilitar o acesso dos técnicos às prestações de contas junto à sede do Contratado, com a finalidade de realizar inspeção "in loco", relativo à prestação de contas.

2.4 - Prestar todos os esclarecimentos que forem solicitados pela Contratante, através do órgão competente.

2.5 - Arcar com todos encargos sociais e demais despesas provenientes da execução deste Contrato.

2.6 - Participar da campanha de limpeza pública da cidade de Teresina, através da exposição de faixas e painéis durante os seus jogos, pelo Campeonato Piauiense da Capital.

CLÁUSULA QUINTA - DA VIGÊNCIA

O Presente Contrato vigerá a partir da data de

Fonte: Diário Oficial do Município, Teresina, n, 645, p, 8-9, fev, 1998.

Figura 14 - Contrato entre a Prefeitura de Teresina e River Atlético Clube



DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO

Teresina, 20 de Fevereiro de 1998 — 645 — Página 09

sua assinatura, pelo prazo de 90(noventa) dias, com início em 20 de janeiro de 1998 e término em 20 de abril de 1998.

CLÁUSULA SEXTA - DA PUBLICIDADE

A Contratante, no prazo legal estabelecido por lei,após a assinatura deste Têrmo, providenciará a sua publicação junto ao Diário Oficial do Município, como também, encaminhará, trinta dias após sua assinatura, ao Tribunal de Contas do Estado-TCE, visando garantir eficácia do ato contratual.

CLÁUSULA SÉTIMA - DA VINCULAÇÃO LEGAL

Fica estabelecido que não haverá qualquer vínculo empregatício jurídico entre a Contratante e os empregados da Contratada que, como tal, tenha ou venha a ter relação com os servicos objeto de que trata este Contrato.

CLÁUSULA OITAVA - DA RESCISÃO

Este Contrato será rescindido de pleno direito, independente de interpelação judicial ou extrajudicial,por inexecução de quaisquer das Cláusulas anteriores, sujeitando a Contratada, a exclusivo juízo da Contratante, no pagamento de multas compensatórias equivalentes à importância integral do período não realizado ou conforme determinações da Lei Federal nº 8.666/93, sem prejuízo das demais sanções previstas em Lei.

CLÁUSULA NONA - DO FORO

Fica eleito o foro da cidade de Teresina, Estado do piauí, como o competente para dirimir as questões decorrentes das execuções deste Contrato, preterindo outros por mais especiais e privilegiados que sejam.

E, por estarem de acordo, lavrou-se o presente instrumento, em 03(três) vias de igual teor e forma, as quais foram lidas e assinadas pelas partes contratantes na presença de duas testemunhas.

Teresina(PI), 20 de janeiro de 1998

FIRMINO DA SILVEIRA SOARES FILHO
Prefeito Municipal

DÍDIMO DE CASTRO PEREIRA
Secretário da SEMELTUR

RONALDO BUCAR L. DE SOUSA
Presidente do Flamengo

TESTEMUNHAS:

CONTRATO Nº 002 /98

TERMO DE CONTRATO QUE AS PESSOAS QUALIFICADAS, ENTRE SI, CELEBRAM A PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA - PMT, COM INTERVENIÊNCIA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, LAZER E TURISMO -SEMELTUR E O RIVER ATLÉTICO CLUBE, PARA A PROMOÇÃO DO FUTEBOL DE TERESINA.

Pelo presente Termo de Contrato, de um lado, a **Prefeitura Municipal de Teresina-PMT**, com a interveniência da **Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Turismo-SEMELTUR**,órgão de direito público, vinculado à Administração Direta com sede à Rua Jonatas Batista nº 852, Centro, nesta Capital, inscrita no CGC Nº 07.247.083/0001-67, doravante denominada apenas Contratante, neste ato representada pelo seu Secretário, Sr. Dídimo de Castro Pereira, inscrito no CPF Nº 001637833-49, Carteira Identidade nº 55.583-PI, no uso de suas atribuições legais que lhe foram delegadas, e do outro lado, o **River Atlético Clube**, com sede à Av. Senador Arêa Leão nº 306, bairro dos noivos, nesta Capital, inscrito no CGC Nº 06.872.865/0001-24, doravante denominada apenas Contratado, neste ato representado pelo Presidente Robert de Sousa Ferro, Identidade nº 91.997 - Pi, inscrito no CPF sob o Nº 047.398.253-68, no uso das competências que lhe foram conferidas, resolvem celebrar este Contrato de Concessão, com sujeição às normas consubstanciadas na Lei Federal nº 8.666/93, de 21.06.93, bem como às condições e cláusulas contratuais seguintes:

CLÁUSULA PRIMEIRA - DO OBJETIVO

O Presente Contrato tem por objetivo proporcionar apoio ao processo de recuperação do Contratado junto ao futebol de Teresina, com a concessão de recursos financeiros, visando a melhoria das suas condições e promoção esportiva.

CLÁUSULA SEGUNDA - DO REGIME DE EXECUÇÃO

As ações objeto deste Contrato serão realizados de forma indireta, pelo Contratado, de acordo com a legislação específica vigente aplicável à matéria.

CLÁUSULA TERCEIRA - DO VALOR E DAS FORMAS DO REPASSE

A Contratante repassará ao Contratado a importância total de R$ 22.500,00(vinte e dois mil e quinhentos reais) em três parcelas de R$ 7.500,00(Sete mil e quinhentos reais),sendo a primeira no ato da assinatura deste Contrato, a segunda parcela, 30(trinta) dias após o recebimento da primeira, e a última com 30(trinta) dias depois da segunda parcela liberada.

CLÁUSULA QUARTA - DAS OBRIGAÇÕES DAS PARTES

I - COMPETE À CONTRATANTE:

1.1 - Efetuar o repasse nos prazos específicos na cláusula anterior, somente, mediante apresentação da respectiva prestação de Contas de cada parcela.

1.2 - Prestar orientação quanto a aplicação e prestação de contas dos recursos concedidos.

1.3 - Realizar fiscalização visando avaliar a efetiva execução do objetivo proposto na Cláusula Primeira deste Termo, através do órgão competente desta PMT.

II - COMPETE À CONTRATADA

2.1 - Prestar contas de cada parcela liberada, em tempo hábil, de acordo com a legislação vigente, na forma estabelecida pela Contratante.

2.2 - Apresentar relatório final de execução, vindo ser analisado o efetivo atingimento dos resultados.

2.3 - Possibilitar o acesso dos técnicos às prestações de conta junto à sede do Contratado, com a finalidade de realizar inspeção "in colo", relativo à prestação de contas.

2.4 - Prestar todos os esclarecimentos que forem solicitados pela Contratante, através do órgão competente.

2.5 - Arcar com todos os encargos sociais e demais despesas provenientes da execução deste Contrato.

CLÁUSULA QUINTA - DA VIGÊNCIA

O presente Contrato vigerá a partir da data de sua assinatura, pelo prazo de 90(noventa) dias, com início em 20.01.98 e término em 20.04.98.

CLÁUSULA SEXTA - DA PUBLICIDADE

A Contratante, no prazo legal estabelecido por lei, após a assinatura deste Termo, providenciará a sua publicação junto ao Diário Oficial do Município, como também,encaminhará, trinta dias após sua assinatura, ao Tribunal de Contas do Estado-TCE, visando garantir eficácia do ato contratual.

CLÁUSULA SÉTIMA - DA VIGÊNCIA LEGAL

Fica estabelecido que não haverá qualquer vínculo empregatício jurídico entre a Contratante e os empregados da Contratada que, como tal, tenha ou venham a ter relação com os serviços objeto de que trata este Contrato.

CLÁUSULA OITAVA - DA RESCISÃO

Este Contrato será rescindido de pleno direito , independente de interpelação judicial ou extrajudicial, por execução de quaisquer das Cláusulas anteriores, sujeitando a Contratada, a exclusivo juízo da Contratante, no pagamento de multas compensatórias equivalentes à importância integral do período não realizado ou conforme determinações da Lei Federal nº 8.666/93, sem prejuízo das demais sanções previstas em Lei.

CLÁUSULA NONA - DO FORO

Fica eleito o foro da cidade de Teresina, Estado do Piauí, com o competente para dirimir as questões decorrentes das execuções deste Contrato, preterido outros por mais especiais e privilegiados que sejam

E por estarem de acordo, lavrou-se o presente instrumento, em 03(três) vias de igual teor e forma, as quais foram lidas e assinadas pelas partes contratantes na prsença de duas testemunhas.

Teresina, 20 de janeiro de 1998

Fonte: Diário Oficial do Município, Teresina, n, 645, p, 8-9, fev, 1998.

Antes de adentrar na análise desse documento, entendemos ser importante explicar a importância dessa categoria de fonte para o conhecimento histórico. Esse avanço no campo da História em abarcar diversos documentos tornou-se fundamental para a atividade do historiador nos dias atuais. Antes, a fonte para o historiador se limitava aos documentos oficiais, já com os Annales e a História Nova esse panorama começou a mudar, isto é, houve uma necessidade de ampliar a noção de documento. Segundo os Annales, "a história faz-se com documentos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se com documentos escritos, quando não existem" [197]. Nesse sentido, o historiador passou a trabalhar com uma diversidade de fontes que possibilitou que o oficio dos historiadores se ampliassem para outras análises sobre o passado e presente.

Portanto, a utilização de contratos ou outros documentos históricos fazem parte desse movimento de renovação na escrita da História. A noção e as maneiras de analisar as fontes foram sendo modificadas nas últimas décadas. Assim, a História Nova ajudou a ampliar o campo do documento histórico, isto é, "uma história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais" [198], demonstrando assim a diversidade de fontes e as condições que os historiadores podem trabalhar.

Esse contrato pelas suas cargas de significados se tornou uma fonte histórica. No entanto, como todo documento histórico precisa passar pelo crivo de criticidade dos historiadores, com esse vestígio não poderia ser diferente. Esse texto enquanto pegada do passado necessita ser desnudado na sua totalidade, detalhar cada parte que compõem seu corpo, suas páginas e seu formato. Ou seja, "é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos" [199], pois as produções dos documentos históricos são resultados da maneira como determinada sociedade trata a realidade social.

No que se refere ao corpo desse documento, analisamos que o River e Flamengo gozavam também de privilégios financeiros da prefeitura de Teresina. Os valores expressos nesses contratos funcionavam como uma espécie de apoio de recuperação aos clubes mais expressivos do futebol de Teresina, como forma de atenuar a crise financeira e técnica que esses dois times passavam no cenário futebolístico piauiense durante o período que abarca esta pesquisa.

---

[197] LE GOFF, Jacques, 1990, p, 540.
[198] LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p, 28.
[199] LE GOFF, Jacques, 1990, p, 549.

As contribuições dirigidas a esses clubes reforçam um dos pontos abordados durante o corpo deste capítulo, que o fator financeiro não foi o determinante para que o Picos e 4 de Julho ditassem o ritmo do futebol piauiense de 1991 a 1998, pois, se assim fosse, Flamengo e River tinham logrado êxito nos gramados estaduais, uma vez que também recebiam ajudas financeiras por parte do poder público municipal sob a figura de Firmino Filho, prefeito de Teresina nesse período. Nesse cenário, é necessário analisar outros elementos, além desses, tais como o planejamento, organização e o sentimento de repulsa ao futebol teresinense, aos clubes expressivos da capital.

Os dirigentes de Flamengo e River ao atribuírem o prestígio dos clubes Picos e 4 de Julho apenas as contribuições das prefeituras de Picos e Piripiri, tentavam com isso desviar as atenções dos principais problemas que atingiam o futebol teresinense nesse período, principalmente a desorganização administrativa dos clubes. Dessa maneira, resumir essa questão ao fator financeiro seria enfraquecer os debates acerca dessa problemática que acometia os clubes expressivos do futebol teresinense durante boa parte da década de 1990. As dificuldades passavam mais pelo fator fora de campo do que propriamente pelo o que ocorria dentro das quatro linhas.

Outro ponto pertinente que esse documento nos revela é a narrativa contraditória tecida pelos dirigentes de River e Flamengo. Em determinados momentos os dirigentes desses dois clubes relatavam que não gozavam de privilégios financeiros da prefeitura de Teresina. No entanto, esse contrato nos mostra o contrário, isto é, tanto River quanto Flamengo recebiam apoio financeiro do poder público municipal. Em certa medida, essas contribuições eram destinadas para que os clubes contratassem novos atletas para representar as agremiações esportivas nas competições estaduais e regionais.

Constatamos, por meio de análises, que a narrativa utilizada pelos diretores do River e Flamengo para minar o prestígio do Picos e 4 de Julho não se sustentava, se mostrava frágil. Analisando sobre outra perspectiva, "não podemos subestimar o impacto da crise econômica sobre as atividades futebolísticas profissionais" [200]. O impacto ocorre de forma direta e indireta, mas esse fator não é determinante para as vitórias dos times em campo, assim, Picos e 4 de Julho se destacaram no futebol piauiense especialmente pela organização administrativa, êxito na gestão dos times.

As contribuições das prefeituras foram apenas um dos motivos, não o único, pois, a análise de uma problemática histórica requer do historiador uma visão mais ampla sobre o

[200] PRONI, Marcelo, 2000, p, 150.

objeto em estudo. É preciso levar em consideração outros fatores, outras condições, uma vez que, apenas o fator financeiro não era o suficiente para as equipes Picos e 4 de Julho se destacassem no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Desse modo, as complexidades que constituem um fato histórico se tornaram peças fundamentais para os historiadores e também para os sujeitos envolvidos nesse processo.

Portanto, a inserção de ex-jogadores que atuaram nesses clubes se tornam objetos representativos desse período. O papel desempenhado por estes trabalhadores da bola símbolos de um tempo de euforia do futebol dos times fora da capital passa a ser a temática discutida na próxima seção.

3.3 Os Trabalhadores da Bola Como Objetos de Representação

Nesta seção, trataremos de analisar a trajetória de três atletas que simbolizaram a História de glórias do Picos e 4 de Julho no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Esses sujeitos históricos foram Leonardo Pereira da Silva [201], José Mendes de Morais Neto [202] (Guará) e José Gonçalves Lopes de Sousa Filho [203] (Brinquedo). Cada um desses atletas se tornaram símbolos da autoestima do futebol local sob as pontas das chuteiras e as veias do coração. Por meio das suas atuações, diferentes formas de representação foram construídas no seio do futebol nas cidades de Picos e Piripiri.

Esses três trabalhadores da bola foram nesse período objetos de envergaduras representativas dentro dos gramados estaduais e nacionais. Sujeitos que utilizaram a principal ferramenta do futebol, a bola, para fazer representar inúmeras subjetividades compostas no seio dos clubes e torcedores. Ex-jogadores que buscavam através das suas habilidades futebolísticas enaltecerem o futebol dos clubes fora da capital em detrimentos das equipes de Teresina.

Portanto, foram atletas que contribuíram de certa maneira para que tanto a SEP quanto o 4 de Julho se destacassem no cenário do futebol piauiense durante boa parte da década de

---

[201] De família pobre e com tradição no futebol, Leonardo Pereira da Silva nasceu em 13 de junho de 1974 no bairro Malva, em Picos. Jogou por diversos clubes no futebol brasileiro, tais como Sport (PE), Vasco (RJ), Corinthians (SP). Dentre esses clubes, teve mais destaque no time pernambucano, tornando-se ídolo do clube. Leonardo faleceu aos 41 anos de idade em março de 2016 em Recife. Disponível em: Jornal Tribuna de Picos, 27 de julho de 1995, p, 7.

[202] Ex-jogador de futebol piauiense que atuou pelos clubes Sociedade Esportiva de Picos, 4 de Julho Esporte Clube, Sport Club Recife. No futebol piauiense teve um dos seus momentos mais gloriosos durante a década de 1990 jogado por SEP e 4 de Julho, tornando-se campeão por esses duas equipes.

[203] Ex-jogador de futebol natural de Campo Maior no Piauí. Durante a sua trajetória no futebol atuou pelos seguintes clubes, Caiçara (PI), SEP e 4 de Julho, entre outras equipes pela região Nordeste. Disponível em: https://ge.globo.com/pi/noticia/2013/07/estreante-filho-de-brinquedo-defende-caicara-e-revela-marcacao-em-casa. Acesso em: 26 out. 2024.

1990. Um período marcado por conquistas dessas duas equipes no Campeonato Piauiense, e que encontravam nos pés desses trabalhadores da bola, a força em estimular os torcedores a frequentarem os estádios Helvídio Nunes, em Picos, e Arena Ytacoatiara [204], em Piripiri, dois recantos onde os jogadores procuravam dissimular seus adversários e produzirem novas representações no campo de jogo.

As possíveis modificações nas construções das representações[205] nesses ambientes festivos aconteciam na medida em que as conquistas, os feitos, mas também os fracassos ganhavam destaque em âmbito local. Esses feitos poderiam interferir nas mobilizações dos seus adeptos em dias de jogos. Cada vitória da equipe funcionava como um propulsor que elevava a autoestima dos torcedores nas arquibancadas. As atuações dos jogadores dentro de campo em momentos festivos e de glórias se tornavam ambientes férteis para a construção de novas representações sociais no campo futebolístico.

Nesse período, Leonardo, Guará e Brinquedo eram trabalhadores da bola que buscavam em outras praças futebolísticas êxitos nos gramados e no seio social. As conquistas dos jogadores ganhavam mais relevo no futebol quando esses trabalhadores da bola vinham de clubes de menores expressões. Dessa maneira, "esta imagem do jogador-trabalhador que vence por méritos da humildade profissional pode ser reforçada quando este vem de time pequeno do interior e consegue o sucesso da grande cidade, reduto dos grandes clubes" [206]. Ao se destacar em âmbito nacional, Leonardo passava a representar o nome e a imagem do futebol local sob o prestígio do Picos, tanto na sua formação enquanto jogador profissional, quanto time que contribuiu para alçar seu futebol para outras praças futebolísticas.

O ex-jogador Leonardo foi um dos nomes do futebol piauiense durante os anos de 1991 a 1998 que procurou mergulhar no ambiente futebolístico na busca de crescimento pessoal e profissional. Esse sujeito foi formado nas estruturas do time Picos, clube que moldou sua personalidade dentro de campo para brilhar em times expressivos do futebol brasileiro, tais como, Vasco da Gama, Corinthians, Sport Recife, além de atuar pela Seleção Brasileira no ano de 1995. Diante disso, Leonardo se tornou:

---

[204] Os dois estádios, em Picos e Piripiri tinham o mesmo nome, Helvídio Nunes até 2008, quando a prefeitura de Piripiri por meio de uma reforma no estádio, passou a denominar esse palco de Arena Ytacoatiara.

[205] Por Representação Roger Chartier entende algo como dando a ver uma coisa ausente, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou de alguém. No primeiro sentido, a representação é um instrumento de um conhecimento mediado que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é.

[206] FLORES, Luiz F.B.N. Na Zona do agrião: algumas mensagens ideológicas do futebol. In. : DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio Janeiro: Pinakotheke, 1982, p, 47.

> O atleta mais importante do futebol piauiense no momento, Leonardo Pereira da Silva, 22 anos. [...] O atleta piauiense tem consciência da sua importância para os novos jogadores piauienses e disse que está fazendo o melhor, e isto quer dizer, esforço, pontualidade nos treinamentos, dedicação nos jogos, gols, estes últimos voltarão a ser marcado de acordo com a preparação, ele vem normalmente, confessa o atleta [207].

De origem na cidade de Picos, o jovem Leonardo tinha se transformado em um dos orgulhos do futebol local, uma das revelações do futebol piauiense na temporada de 1994, não apenas de Picos, mas também do futebol estadual. Brilho conquistado pelo que apresentava dentro das quatro linhas, bem como pelo que representava fora dos gramados. As suas atuações por diferentes clubes tradicionais do futebol brasileiro demonstrava a força do futebol do Picos em âmbito estadual. A tomada de consciência desse trabalhador da bola realçava sua importância para outros jovens jogadores que tentavam prestígio jogando em outras praças do futebol nacional, esse era um dos pontos que caracterizou a trajetória de Leonardo no futebol piauiense.

A sua trajetória no campo tornou-se uma das referências para outros jogadores piauienses, diferentes atletas que atuavam no Picos passaram a se inspirar no caminho percorrido por Leonardo. Esse, de forma lenta e gradual foi se transformando um dos objetos de representação do futebol de Picos sob a imagem do clube Picos. O ex-jogador representava desejos e visões de mundo incutido na comunidade desportista local, que se mobilizavam e frequentavam os estádios, ruas e avenidas na cidade de Picos.

O enaltecimento desse sujeito dentro dos gramados piauienses não significa elevar esse ex-jogador ao panteão do futebol estadual, absolvido de críticas e defeitos, pelo contrário, "o jogador é, antes de tudo, um homem e que, nessa base, a condição está implicada em todos os seus defeitos e virtudes" [208]. Um trabalhador da bola passível de erros no seu percurso nos gramados, atleta movido por sensibilidades que cortam espírito humano.

Ao se destacar no futebol piauiense, especialmente ajudando a minar o prestígio dos clubes de Teresina, Leonardo se tornou objeto de disputa de clubes expressivos do futebol brasileiro, que por uma série de fatores, passaram a se interessarem por esse ex-jogador. Assim, "vários clubes brasileiros demonstraram interesse em adquirir o passe de Leonardo por empréstimo, entre eles o Flamengo do Rio, Palmeiras e Portuguesa de Desportos" [209]. Nessas e outras equipes, Leonardo atuou junto a jogadores de destaque no futebol nacional, a

---

[207] Leonardo: um piauiense em São Paulo. **Jornal O Dia**, Teresina, 17 de junho de 1996, p, 14.
[208] RODRIGUES, Nelson, 1993, p, 46.
[209] Leonardo deve acertar com o Nagoya do Japão. **Jornal Tribuna de Picos**, Picos, 26 de Janeiro de 1996, p, 7.

exemplo de Edmundo e Marcelinho Carioca[210], dois trabalhadores da bola que se destacaram no futebol brasileiro na década de 1990 e início dos anos 2000.

Esses e outros movimentos reforçavam ainda mais Leonardo como sendo um dos principais objetos de representação do futebol de Picos, e até mesmo piauiense. Esse sujeito histórico, assim como outros jogadores que mostraram suas habilidades dentro de campo, é um dos pontos que nos ajudam a entender os motivos que levaram os clubes Picos e 4 de Julho a se destacarem no futebol estadual, se sobrepondo aos times River e Flamengo da capital. Isso se explica em parte pelo fato desses jogadores em diversos momentos liderarem esses dois times nos gramados, possibilitando assim que títulos e notoriedade fossem conquistados, algo que as equipes de Teresina não dispunham nessas circunstâncias.

O futebol de Leonardo passou a ganhar destaque na imprensa nacional, suas atuações pelo Sport Recife receberam elogios da crônica futebolística do eixo Rio de Janeiro e São Paulo. Algo histórico para o futebol piauiense, pois, inseriu a imagem e os feitos do Picos nas principais páginas dos jornais que tratam do futebol brasileiro, permitindo desse modo que essa equipe conquistasse visibilidade e força no cenário do futebol nacional. A passagem a seguir reforça esse momento:

> Vinte minutos de jogo somente foi suficiente para o jogador Leonardo do Sport de Recife, encher os olhos da crônica desportiva carioca. O picoense Leonardo, ex-SEP teve duas boas oportunidades desperdiçadas de gol e uma delas foi destaque no Jornal Nacional da TV Globo. Para o jogo desta noite, contra o Corinthians, no Pacaembu, o técnico Givanildo do Sport deve escalar Leonardo logo no primeiro tempo da partida [211].

Ao se tornar manchete do Jornal Nacional, em um dos principais veículos de comunicação do Brasil, a Globo, em um horário nobre, significava uma vitória profissional para Leonardo, mas também foi uma conquista do futebol local. O ex-jogador proporcionava orgulho e êxtase à comunidade desportista de Picos, sua trajetória dentro de campo se transformou em um modelo a ser seguido por outros trabalhadores da bola piauiense. A torcida percebia nesse sujeito, um objeto pelo qual suas representações sociais poderiam canalizadas, construídas e reformuladas no campo de jogo.

---

[210] Ex-jogador formado pelo Flamengo (RJ) em 1988, fazendo parte de uma das gerações de jovens mais promissoras do clube carioca. Pelo Flamengo, Marcelinho conquistou a Copa São Paulo de Futebol Júnior (1990) e fez parte dos elencos que conquistaram a Copa do Brasil em 1990 e o Campeonato Brasileiro de 1992. No entanto, foi no Corinthians que Marcelinho se credenciou a entrar no rol dos principais meio campista do futebol brasileiro na década de 1990. No time paulista, foram 433 jogos e 206 gols marcados, conquistou 10 títulos. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/futebol/corinthians/marcelinho-carioca. Acesso em: 16 out. 2024.

[211] LEONARDO é destaque no jogo Sport x Flamengo. **Tribuna de Picos**, Picos, 18 de agosto de 1994, p, 12.

Observando as condições históricas pelas quais esse sujeito estava inserido, analisamos que as suas atuações desempenhadas nos gramados brasileiros funcionavam como um dos motivos que elevava a autoestima dos torcedores. Ao se apresentar por outras praças de futebol mais desenvolvidas do país, Leonardo carregava no coração e na ponta da chuteira o nome e a imagem do Picos.

Cada feito realizado por esse desportista no campo de jogo era visto pela torcida do Picos como se fosse uma vitória coletiva e individual, uma vez que, "torcer por clube dá a sensação de transformar o próprio indivíduo em vencedor" [212]. Nessa perspectiva, a mesma lógica pode ser atribuída também aos brios desse jogador, pois as vitórias de Leonardo significava uma conquista do futebol local, um fato positivo que enaltecia o orgulho do Picos e dos seus torcedores mergulhados em um ambiente festivo. E um dos feitos desse trabalhador da bola elogiado pela comunidade desportista de Picos foi a sua convocação para a Seleção Brasileira na temporada do futebol brasileiro de 1995. Desse modo:

> A maior alegria dos torcedores picoenses, em todos os tempos, foi, indiscutivelmente, a convocação do atacante Leonardo para a Seleção Brasileira de Futebol, fato inédito na história do futebol piauiense. Sentimo - nos mais brasileiros, com direito a esbanjar uma pontinha de orgulho pelo nosso craque. Queríamos vê-lo jogando e marcando gols pela Seleção, afinal, Leonardo não brinca em campo [213].

Ao apresentar um dos símbolos do futebol da cidade de Picos (o Picos) ao cenário futebolístico brasileiro, as atuações de Leonardo se tornava motivo de orgulho não apenas aos torcedores do time local, mas também dos piauienses. O atleta passava a representar toda uma comunidade desportista que desejava ser vista e elogiada por outras praças de futebol nacional.

Concluímos que os feitos conquistados pelo ex-jogador Leonardo se tornaram objetos de representações no seio da comunidade desportista na cidade de Picos. As suas apresentações dentro das quatro linhas contribuíam para o engrandecimento do Picos no futebol piauiense, mas também no cenário futebolístico nacional. Ao se transformar em uma das referências no time Picos, permitia que os torcedores se inspirassem.

A torcida do clube Picos passava a produzir novos sentidos a respeito das ações desse desportista dentro dos gramados. Com isso, impulsionavam seus significados junto à comunidade futebolística local. Em diferentes camadas de tempos e espaços, o sentido é utilizado por diversos segmentos sociais para construir suas representações sobre os

---

[212] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 324.
[213] Alegria. **Tribuna de Picos**, Picos, 6 de outubro de 1995, p, 7.

instrumentos em questão e formar novos modelos de referência no campo e na sociedade. As maneiras como determinados objetos em âmbito coletivo ganham significados depende de como os sujeitos históricos os utilizam em suas variadas práticas do cotidiano.

Por isso, a importância das cargas de sentidos atribuídos aos objetos e as comunidades clubísticas no campo das representações sociais, nas maneiras de interpretar a realidade, de explicar o mundo. Assim, "em parte, nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles. Em parte, damos sentido às coisas pelo modo como utilizamos ou integramos em nossas práticas cotidianas" [214]. Os torcedores do Picos utilizavam os feitos e conquistas do ex-jogador Leonardo para construir sentidos, formas de participar das atividades da dessa equipe.

Um dos caminhos que possibilita que uma determinada equipe de futebol seja imaginada é por meio da sociabilidade torcedora. O território do torcer permite que os sujeitos ultrapassem fronteiras e se percebam enquanto adeptos que compartilham sentimentos em comum. Seguindo esse viés, "o universo espetacular e especular do torcedor de futebol pode ser compreendido como uma espécie de prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros" [215]. As buscas pelo sentir representado no campo de jogo passavam pelas performances que o time apresentava nos gramados, bem como pelo que o ex-jogador mostrava com a bola nos pés.

Outro trabalhador da bola que se tornou um dos objetos de representações do futebol piauiense durante os anos de 1991 a 1998 foi José Gonçalves, mais conhecido na comunidade desportista piauiense na década de 1990 por Brinquedo. Esse apelido foi uma expressão dada pelo seu pai ainda quando era criança, devido as suas constantes aproximações com os objetos de lazer e divertimento.

Esse trabalhador da bola se destacou no futebol piauiense no período que abarca esta pesquisa principalmente jogando pelo clube Picos. Nessa equipe, o atacante Brinquedo produziu uma série de representações no campo de jogo na cidade de Picos, se tornou um dos objetos que passava a canalizar angústias e frustrações dos torcedores nas arquibancadas do estádio Helvídio Nunes. Durante sua passagem nesse clube em 1998, esse ex-jogador carregou consigo o nome e a imagem do Picos no cenário futebolístico nacional, expondo a outras praças de futebol a força dessa equipe nos torneios locais.

---

[214] HALL, Stuart, 2016, p, 21.
[215] TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de história**, São Paulo, n, 163, p, 177, 2010. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19175. Acesso em: 17 dez 2024.

Um dos momentos históricos em que essas representações tiveram mais ressonância no seio do futebol de Picos foi no ano de 1998, quando o Picos enfrentou a equipe Vasco da Gama (RJ) pela Copa do Brasil. Nesse confronto, a equipe de Picos estampou seu nome nos principais veículos de comunicação do futebol brasileiro, não apenas pelo resultado que conseguiu em campo, marcado pelo empate de 1x1, mas também pelo que o atacante Brinquedo produziu em campo, assim como pela sua personalidade expressada nos gramados, algo que chamou a atenção da crônica esportiva carioca.

O gol marcado por esse trabalhador da bola nesse confronto possibilitou que a imagem do Picos fosse enaltecida pelos programas esportivos do Rio de Janeiro. O ex-jogador, de origem da cidade de Campo Maior (PI), tinha se tornado nesse contexto um dos objetos representativos com mais notoriedade no futebol piauiense, especialmente quando se trata do cenário do futebol de Picos. O atleta Brinquedo por um determinado instante adentrou nas tintas das canetas dos cronistas cariocas, pelos lances expressivos realizados em campo, assim:

> Golzinho bem simples, com o pé de dentro da área. Nem gol da vitória foi. O jogo terminou empatado em 1x1. Mas o autor virou assunto nacional. Ao meter a bola na rede contra o Vasco pela Copa do Brasil, em Janeiro, o atacante de Picos do Piauí, ficou repentinamente famoso. Tudo por causa do seu apelido exótico. Todos só queriam conhecer o tal brinquedo. Por alguns momentos, José Gonçalves Lopes de Sousa Filho, 22 anos, viveu seu conto de fadas particular. Deu entrevistas na televisão, ganhou reportagens nos jornais, era tratado, como herói em Picos, cidade a 300 quilômetros da capital do estado, Teresina [216].

A partir desse trecho, notamos que o atacante Brinquedo se tornou um dos responsáveis por inserir o Picos no mapa do futebol nacional. A comunidade desportista local percebia nesse sujeito uma via pela qual poderia representar seus valores, hábitos, visões de mundo, nos gramados piauienses e até mesmo fora do Piauí. No entanto, um dos pontos que nos chamou atenção foi à maneira como essa revista enalteceu o feito do ex-jogador, como se esse trabalhador da bola fosse um objeto superior ao clube que representava. Em certo momento, a notoriedade futebolística era destinada mais ao atleta do que a instituição clubística, assim, a visibilidade e o destaque se centralizavam nas chuteiras de Brinquedo.

Durante a narrativa da revista, em nenhum momento é mencionado o nome do time ao qual jogava Brinquedo. Entretanto, o brio desse sujeito estava atrelado diretamente à imagem do Picos, uma vez que, era o clube que proporcionava condições para que seus talentos com a bola nos pés fossem mostrados em outras praças do futebol brasileiro. Portanto, embora essa

---

[216] ACABOU a brincadeira. **Revista Placar**, São Paulo, março, 1998, p, 5.

revista não valorizasse o time de Picos, por outro lado, o futebol apresentado por Brinquedo tinha se tornado um dos objetos de representações sociais no campo de jogo, especialmente nas arquibancadas, um dos espaços onde as sociabilidades torcedoras se formam e se solidificam.

Na temporada do futebol piauiense de 1998, o atacante Brinquedo se transformou em um dos principais alicerces da equipe Picos dentro de campo. As suas atuações funcionavam como uma ferramenta de combate, uma arma de ataque para minar os avanços dos adversários em determinados momentos das partidas, em algumas circunstâncias as vitórias passavam pelas chuteiras desse ex-jogador. Assim, esse sujeito se tornava um objeto representativo do time, uma imagem que simbolizava o espírito vencedor da equipe, "o Picos conseguiu manter todos os jogadores que conquistaram o título na temporada passada e tem no atacante matador Brinquedo, artilheiro dos três últimos estaduais, o seu maior triunfo" [217].

A imagem de artilheiro introduzia centelhas de esperanças na comunidade desportista local no sentido de buscar conquistas e brios nas competições estaduais e nacionais. Portanto, triunfar com o uniforme do Picos significava uma vitória individual e coletiva, já que a torcida percebia no futebol desse trabalhador da bola, uma maneira de seus interesses serem representados. Em alguns momentos essas causas poderiam entrar em dissonâncias, isto é, a dimensão clubística sucumbia à visão individual. Essas posições podem ser identificadas por meio de práticas sociais realizadas por jogadores que fizeram História atuando por clubes.

Os gols e lances de Brinquedo elevavam a autoestima da torcida na cidade de Picos. Suas apresentações funcionavam como um termômetro do momento da equipe Picos nos estádios. A força que vinha das arquibancadas significava que o objeto aplaudido em campo representava mais que interesses no futebol, mas também, visões de mundo, de sociedade, de uma realidade marcada por conflitos dos times Picos e 4 de Julho contra as equipes Flamengo e River de Teresina em disputa pelo destaque no futebol estadual. Assim, enaltecer um dos objetos que proporcionava satisfação nos torcedores em Picos era incutir na imagem do futebol teresinense, o estigma da frustração, da derrota, já que os times fora da capital produziam bons jogadores, ao contrário dos clubes de Teresina nesse período.

Portanto, os feitos realizados pelo atacante Brinquedo nas competições estaduais e nacionais, especialmente o Campeonato Brasileiro da série B e a Copa do Brasil de 1998 impulsionaram a autoestima do futebol local. A sua imagem símbolo do futebol do time Picos possibilitaram que inúmeras representações sociais fossem construídas na comunidade

---

[217] O ARTILHEIRO Brinquedo. **Revista Placar**, São Paulo, fevereiro de 1998, p, 70.

desportista. Os sons e as imagens que vinham das arquibancadas do estádio Helvídio Nunes muitas vezes ressoavam nos gramados como forma de reflexos das ações desse sujeito no campo de jogo.

As conquistas e brios desse trabalhador da bola reverberavam entre os torcedores como sinônimo de vitória coletiva, pois, o futebol, assim como outras áreas da sociedade, produz representações no campo, especialmente entre aqueles que torcem e jogam. O ex-jogador Brinquedo por meio de suas ações em campo era um desses atletas que tentava ludibriar os adversários e os torcedores que os apoiavam nas arquibancadas, manipulações que caminhavam no campo das representações e ocultações, uma vez que, simular é representar e também ocultar [218]. Dessa maneira, representava-se não apenas as jogadas individuais, mas também as coletivas, já que um time de futebol se assemelha a uma engrenagem, onde cada peça desempenha sua função para os objetivos da equipe.

Nesse mesmo sentido do campo das representações sociais produzidas no ambiente futebolístico piauiense, outro trabalhador da bola que tinha se tornado um dos objetos representativos do futebol fora da capital foi José Mendes, o goleiro Guará. Esse ex-jogador que defendeu o gol do clube 4 de Julho nesse período, se transformou em um dos símbolos das conquistas desse time de Piripiri em canchas piauienses. Suas mãos defendiam não apenas o gol do colorado, mas também a imagem do futebol local que desejava ser inserido no rol do futebol estadual, assim como conquistar notoriedade entre os desportistas.

O ex-jogador Guará, que após encerrar sua carreira profissional foi treinador de goleiro do time 4 de Julho de 2004 a 2007, se tornou um dos trabalhadores da bola que orgulhava essa comunidade clubística. O goleiro Guará conquistou brio nessa equipe nas temporadas de 1992 e 1993, participando assim de boa parte das conquistas do colorado de Piripiri, principalmente do bicampeonato piauiense de 1992 e 1993, além de atuar pelo Campeonato Brasileiro da série B e Copa do Brasil desses mesmos anos e conquistar duas vezes o Troféu Rui Lima [219] em 1989, uma das mais prestigiadas premiações da História do futebol piauiense.

A sua liderança construída dentro e fora de campo era pautada na sua longa História defendendo o 4 de Julho. Guará foi o quarto maior jogador que representou o colorado de

---

[218] FRANCO JR, Hilário, 2017, p, 295.

[219] Conferido ao destaque do Campeonato Piauiense, o Troféu Rui Lima é o prêmio individual de maior tradição do futebol piauiense. Foi instituído em 1986. Trata-se de uma homenagem a Joaquim Rui Ferreira Lima, ex-jogador piauiense, falecido em abril de 1982, quando atuava no Juventus, da capital paulista. Disponível em: http://sitedobuim.blogspot.com/2012/07/instituido-em-1986. Acesso em 19 out. 2024.

Piripiri em jogos oficiais, foram 187 jogos[220] no período de 1993 a 1997 no cenário do futebol piauiense. Esse goleiro protagonizou um dos mais longevos recordes no futebol piauiense para um goleiro, em 1996, "ele conseguiu ficar 941 minutos sem sofrer gols, quebrando o recorde que pertencia a Cícero (675 minutos), registrado em 1985, pelo Piauí" [221]. Guará fez parte da primeira formação do time 4 de Julho que disputou o Campeonato Piauiense pela primeira vez em 1988, demonstrando assim a sua relevância para a História dessa equipe. Portanto, é um atleta que marcou seu nome na História do clube, suas defesas fincaram raízes na memória dos torcedores.

As representações construídas no campo de jogo sob a imagem desse sujeito não era algo vazio, sem fundamento, tinha bases históricas. Diferentes clubes de futebol constroem seus jogadores históricos ao longo das suas trajetórias em campo, atletas que se tornaram símbolos que em certa medida iniciaram caminhos de títulos e glórias. Nesse sentido, "vários clubes de futebol tem uma figura correspondentes na sua história, jogador ou técnico ao qual remonta o início das glórias" [222]. Nesse caso, mencionamos o ex-jogador Guará no time 4 de Julho para reforçar esse ponto.

Guará tinha vínculos históricos com o clube, que permitia que a comunidade desportista local formasse suas representações sob as imagens de conquistas de Guará nos torneios, uma vez que era um dos símbolos da equipe, assim suas vitórias significavam um engrandecimento do clube e de seus torcedores. As suas ações enquanto jogador que defendia os interesses do time 4 de Julho tornava ausente ou presente imagens, objetos, ideias e discursos. Práticas sociais moldadas por aqueles que tentavam forjar suas realidades, impor suas visões de mundo a partir dos referenciais apresentados em jogo, dos movimentos orquestrados em campo.

Guará tornava-se um dos objetos representativos do clube 4 de Julho à medida que seus feitos no time faziam sentido na comunidade desportistas de Piripiri. Dessa maneira, as relações entre sujeitos e objetos de representações sociais se constroem de forma gradual e lenta, são encontros e desencontros nas diferentes dimensões das experiências humanas, são sujeitos à espera de novos sentidos as suas ações, que pautado em uma nova configuração histórica passam a construir suas realidades. O campo de jogo assim como outros espaços sociais, é um ambiente de representações, desse modo, o futebol, assim, "como outras

[220] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes, 2023, p, 25.
[221] OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Piauí**: 100 anos de futebol, 2021, p, 133.
[222] FRANCO JR, Hilário, 2007, p, 262.

atividades culturais, estão em interação dinâmica com as diversas dimensões da realidade, influenciando e sendo influenciada pelas mesmas”[223].

Ao se tornar um dos objetos de representações do futebol de Piripiri, Guará impulsionava os torcedores a frequentarem a arena Ytacoatiara, a apoiar o 4 de Julho diante dos seus adversários em campo. A comunidade desportista local percebia nesse sujeito uma via pela qual os sentimentos de fracassos, vitórias, desejos eram canalizados e reelaborados conforme as cargas de sentidos de cada adepto. Os torcedores procuravam serem representados em campo pelas ações desse ex-jogador, pelo seu espírito de liderança nos gramados. Todos esses pontos reverberavam nas arquibancadas, pois, o ato de “torcer implica tremenda descarga nervosa, com grande controle físico. No campo, o jogador se alimenta dessa descarga para aumentar a eficácia do seu dispêndio físico” [224].

Um dos momentos em que essa euforia sobre a imagem de conquista de Guará foi quando a equipe 4 de Julho se tornou campeã estadual pela primeira vez no ano de 1992. Um dos destaques desse jogo foi o goleiro do colorado de Piripiri que fechou o gol e impediu a vitória do adversário, no caso o Paysandu, de Parnaíba. A imagem a seguir mostra todo o entusiasmo da torcida no término da partida, na qual o 4 de Julho se tornou campeão piauiense. Guará e outros jogadores comemoravam a vitória junto aos seus adeptos, esses apoiadores do time buscavam romper as balizas que separavam a dimensão futebolística do social, os alambrados que demarcavam o espaço entre a arquibancada e o gramado não impediam as aproximações dos torcedores a um dos destaques do jogo, o goleiro Guará.

---

[223] HOLANDA, Bernardo Buarque de. Futebol, arte e política: a catarse e efeitos na representação do torcedor. **O&S**, Rio de Janeiro, v, 16, n. 48, p. 137, jan/mar, 2009. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11011. Acesso em: 17 dez. 2024.

[224] SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n, 22, agosto de 1994, p, 36. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26956. Acesso em: 17 dez. 2024.

Figura 15 - Jogadores e torcedores comemoram a conquista do certame estadual de 1992



Fonte: Jornal O Dia, 6/12/1992, p, 12.

Nesse encontro entre os jogadores e suas legiões de torcedores no estádio durante a final do certame piauiense de 1992, na qual o 4 de Julho venceu o Paysandu por 1x0, se transformava em ambiente fértil para construções de representações sociais. Nesse espaço festivo, o goleiro Guará era um dos trabalhadores da bola prestigiado pelos adeptos. Esses contatos entre o objeto de representação (Guará) e os sujeitos que buscavam ser representados (torcedores) ganhavam tonalidade de catarse futebolística, onde eram produzidas liberações de tensões que endossavam no jogo o seu caráter festivo.

Portanto, no decorrer desta seção procuramos mostrar como diferentes representações sociais foram construídas nos ambientes festivos do futebol dos times 4 de Julho e Picos. Todos esses trabalhadores da bola tornaram-se símbolos de um momento de euforia que marcaram o futebol dos clubes fora da capital. Um período caracterizado pelo domínio dessas duas equipes, que tinham como um dos diferenciais nos seus quadros em relação a outros clubes, a presença de jogadores que mudavam os rumos das partidas, decidiam jogos. Eram trabalhadores da bola que colocavam seus corações na ponta da chuteira e davam um toque a mais na História dessas comunidades clubísticas.

Reforçando o que foi escrito ao longo deste trabalho, o Picos e o 4 de Julho, dois times menos expressivos do futebol piauiense, tornaram-se símbolos de um tempo de euforia no cenário do futebol estadual, especialmente nas cidades de Picos e Piripiri. Dois clubes que

entrelaçaram os torcedores no campo e nas arquibancadas por meio de sentimentos, valores e hábitos em comuns.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta presente pesquisa foi analisar a Sociedade Esportiva de Picos e o 4 de Julho Esporte Clube no cenário do futebol piauiense de 1991 a 1998. Procuramos, ao longo deste trabalho, explicar o contexto de euforia pelo qual esses dois clubes foram protagonistas no futebol piauiense sob a égide de títulos e feitos históricos nos gramados estaduais. Nesse sentido, delineamos fatos e circunstâncias históricas que nos ajudaram na compreensão dos principais motivos que levaram essas duas equipes a se destacarem no futebol estadual.

Nesse contexto, tentamos de início realizar um breve panorama de como o futebol se tornou um esporte popular entre os brasileiros no lapso de tempo de 1920 a 1930. Objetivamos, com isso, explicar as características que levaram o futebol a fincar suas raízes no Brasil. Essa temporalidade apresentou algumas particularidades que proporcionaram que essa prática esportiva se consolidasse no seio da sociedade brasileira. Dentre esses elementos, destacamos o caráter mobilizador do futebol, um espaço que permite ascensão social, e por fim, a passagem do amadorismo ao profissionalismo, algo que se concretizou durante os primeiros anos do governo de Getúlio Vargas (1933).

Esse processo, em certa medida acabou refletindo no contexto futebolístico durante os anos de 1991 a 1998, período que abarca esta pesquisa. Ao longo desse lapso de tempo, o cenário do futebol piauiense foi dominado pelos times de fora da capital, especialmente Picos e 4 de Julho, equipes sediadas nas cidades de Picos e Piripiri. Esses dois plantéis se tornaram símbolos de um tempo de euforia que marcou a História do futebol estadual. Duas equipes que elevaram a autoestima do futebol local, dois objetos pelos quais os torcedores buscavam ser representados no campo social.

No corpo deste trabalho, mostramos que os dois principais clubes de futebol de Teresina, River e Flamengo passaram a disseminar a ideia que o prestígio dos clubes de fora da capital era por causa das ajudas financeiras do poder público municipal, algo que as fontes consultadas reafirmavam. No entanto, analisando essas mesmas fontes, afirmamos que essas equipes de Teresina também eram privilegiadas do ponto de vista financeiro pela prefeitura, questão que os dirigentes do River e Flamengo negavam, e quando cogitavam que recebiam essas contribuições, relatavam que não eram valores suficientes para manter a estrutura física e futebolística dos clubes.

Dessa maneira, concluímos que os brios, as conquistas e os feitos históricos dos times Picos e 4 de Julho no cenário do futebol piauiense durante boa parte da década de 1990 foi em decorrência das suas organizações administrativas, gestões profissionais que procuravam

êxitos nos interesses dos clubes. Nesse sentido, defendemos o contrário do que postulava River e Flamengo, isto é, a questão financeira não foi determinante nesse processo. Consideramos esse fator como sendo complementar, parte da engrenagem, mas não a principal peça, pois, se esse motivo fosse fundamental para os títulos dessas equipes fora de Teresina, o Picos não teria conquistado o Campeonato Piauiense de 1994, o 4 de Julho não tinha vencido o estadual de 1992, momentos que esses times não logravam de privilégios financeiros da prefeitura.

Nesse caso, a primeira conquista do Campeonato Piauiense do time Picos e o bicampeonato do time 4 de Julho, não foram eventos desgarrados da realidade futebolística com que esses clubes estavam inseridos. De um lado, o futebol teresinense mergulhado em um momento financeiro turbulento, do outro lado, equipes com menos visibilidades no futebol estadual recebendo contribuições do poder público municipal e logrando êxito no cenário do futebol piauiense.

Dois modelos de gerir os clubes, em que um se mostrava eficiente por meio de uma gestão profissional no corpo de dirigentes, já o outro não conseguia progredir, pois continuava preso a uma mentalidade amadora. Eram projetos em consonância com seu tempo, nesse caso, a década de 1990, na qual a gestão do futebol brasileiro passou a ser discutida não mais pelo viés do Estado, mas sim por meio da iniciativa privada.

Na esteira desse cenário, José Neri e Luiz Menezes tentavam navegar nas águas de popularidades do Picos e 4 de Julho. O intuito era construir imagens positivas de si e dos seus respectivos mandatos nas cidades de Picos e Piripiri. Associar suas ações ao lado dos feitos desses times possibilitava que novas representações sociais desses sujeitos fossem formadas junto à população local, cujo objetivo era conquistar redutos eleitorais.

A procura desses sujeitos em associar incessantemente as suas respectivas imagens junto a essas equipes se justificava pelo fato desses times se destacarem nos gramados estaduais, e até mesmo regionais. Essa tentativa de junção era um dos caminhos para que os mandatos desses governantes fossem elogiados pelos eleitores. Esses dois clubes participaram de torneios, tais como, a Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro da série C. Foram feitos que credenciaram a SEP e 4 de Julho a entrarem no cenário do futebol piauiense. Portanto, esse entrelaçamento entre política e futebol foi outro elemento que moldou esse período no futebol piauiense.

Uma época marcada pelas disputas entre os times da capital e fora dela em busca de prestígio no futebol piauiense. Confrontos eram realizados entre essas equipes, muitas vezes os jogos ultrapassavam as quatro linhas, rompiam as fronteiras do esporte. Uma parte da

comunidade desportista teresinense, especialmente os dirigentes dos clubes River e Flamengo, não aceitavam que os clubes fora de Teresina se destacassem no rol do futebol estadual, que lograssem êxito nos gramados.

Na perspectiva desses diretores, o brio deveria estar sobre essas duas equipes, já que são os times mais expressivos do Piauí, com poder de influências entre seus pares. No entanto, a lógica futebolística não foi seguida, isto é, ocorreu o contrário, foram o Picos e 4 de Julho, clubes com menos prestígio e visibilidade sediados nas cidades de Picos e Piripiri, que passaram a ditar o ritmo do jogo no futebol piauiense, a controlar a direção. A dinâmica e as correlações de forças sofreram modificações com esse cenário. Portanto, nesses moldes, o futebol da capital foi sendo jogado para escanteio, foi se tornando de 1991 a 1998 um ator coadjuvante no contexto futebolístico estadual.

Esse momento histórico no cenário do futebol piauiense interferiu diretamente nas correlações de forças entre os clubes. No período que abarca esta pesquisa os clubes Picos e 4 de Julho se tornaram o centro das atenções do futebol estadual. Uma parte da imprensa esportiva, juntamente com a Federação de Futebol Piauiense e outros órgãos que compõem a comunidade desportista piauiense passaram a tratar esses dois times como símbolos e orgulhos do futebol piauiense. As suas atuações em competições regionais carregavam consigo não apenas o nome e a imagem dos clubes, mas também o quadro futebolístico piauiense. Esse panorama possibilitava que essas equipes comandassem os interesses nas relações de forças com os clubes de Teresina, isto é, ampliavam suas respectivas redes de influências no campo de jogo.

No corpo deste trabalho, analisamos essas redes de influências, das quais delineamos fatos e circunstâncias que reforçassem essas mudanças na dinâmica do prestígio no futebol piauiense na década de 1990. Uma das observações que entoam esse ponto ao longo do texto foi tentar explicar o processo das conquistas desses dois clubes fora da capital. De 1991 a 1998, os times que não faziam parte do futebol de Teresina conquistaram o certame estadual 7 vezes, isto é, a SEP (1991, 1994, 1997, 1998), 4 de Julho (1992, 1993) e Cori-Sabbá (1995).

Essas conquistas não foram obras do acaso, ou algo desgarrados de um contexto histórico, pelo contrário, são vitórias que faziam parte de um cenário em que esses times passaram a se organizar fora de campo, a formar gestões administrativas profissionais, a buscar a defesa dos interesses dos clubes. Ações diferentes do que realizavam River e Flamengo de Teresina, duas comunidades clubísticas que pautavam suas administrações no espectro do amadorismo entre seus dirigentes. Sujeitos que ainda cultivavam uma mentalidade saturada na forma de gerir as equipes e a incessante busca por um passado

glorioso, mas que acabavam fechando os olhos para os problemas do presente que acometiam os times, tais como a crise financeira e a falta de organização administrativa na direção dos clubes.

Posto isso, não é salutar afirmar que os principais motivos que levavam o Picos e 4 de Julho a se destacarem no futebol piauiense no período em questão se deram em decorrência exclusivamente do fator financeiro, das constantes contribuições das prefeitura de Picos e Piripiri. Nesse sentido, tentar compreender esse cenário futebolístico apenas sob o viés do apoio do poder público municipal concedido a essas equipes, seria fechar os olhos para outros fatores que norteiam os objetos em estudo, em outras palavras, é impedir o surgimento de outras janelas interpretativas na construção do texto.

Um desses fatores é pensar as camadas de representatividade que esses clubes construíam no seio dos seus torcedores a partir das atuações dos principais jogadores nas competições que participavam. Atletas símbolos que ajudaram a formar a trajetória de conquistas dessas equipes no futebol piauiense, dentro e fora de campo, pois, os seus feitos obtidos nos gramados se refletiam nas maneiras como os adeptos percebiam esses sujeitos.

As buscas pelo sentir representado no campo de jogo entre o jogar e o torcer, assim como a vitória e a derrota, colocavam os jogadores Leonardo Pereira da Silva, José Mendes de Morais Neto e José Gonçalves Lopes de Sousa Filho como objetos representativo de um período histórico do futebol dos clubes de fora da capital. Eram trabalhadores da bola que ajudavam a minar o brilho do futebol teresinense. Por meio das suas atuações nos gramados do Albertão, Lindolfo Monteiro, Helvídio Nunes ou nos gramados do Ytacoatiara, mais uma página era escrita na História do clube Picos e 4 de Julho.

Portanto, levando-se em consideração todos os pontos discutidos neste trabalho, afirmamos que esses dois times se tornaram referências no futebol estadual, modelos de administração fora e dentro de campo. Clubes que entoavam uma nova dinâmica no cenário futebolístico estadual, que passaram de atores coadjuvantes a protagonistas no contexto da década de 1990.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru, SP: Edusc, 2007.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANSART, Pierre. **A gestão das paixões políticas**. Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo?", In. : **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**: ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BARROS, Fransuel de Lima. **Teresina "moderna" e "civilizada"**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930). Dissertação de Mestrado, UFPI, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre prática e representações. 2 ed. São Paulo: Difel, 2002.

CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto///EDUSP, 1998.

CHAUVEAU, Ágnes; PHILIPPE, Tétart. Questões para a história do tempo presente. In. : CHAUVEAU, Ágnes (Org). **Questões para a história do tempo presente**. Bauru/SP: EDUSC, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. 26 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.22, 1994, p, 40 - 49. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26958. Acesso em: 17 dez. 2024.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In. : DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DE LUCCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In. : PINSK, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: uma análise comparada dos usos políticos do esporte nos regimes de Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Tese de Doutorado

em História Comparada. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2013.

DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 11- 48, 1998.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio- Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. Dissertação de Mestrado/Arlei Sander Damo, Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhias das Letras, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando trato a bola**: ensaios sobre futebol. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). Dissertação de mestrado/ Fábio Franzini. São Paulo: USP, 2000.

FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org). **O Brasil Republicano**: O tempo da experiência democrática- da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FONTENELES, Maria Dalva; FONTINELE, Cláudia Cristina da Silva. O futebol em Parnaíba: história e memória do Ferroviário Atlético Clube no Piauí. In. : FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva; SILVA, Marcelo Cruz; CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. (Org). **Oficina de Clio**: História, cidades e linguagens. Teresina: EDUFPI, 2016.

FLORES, Luiz F.B.N. Na Zona do agrião: algumas mensagens ideológicas do futebol. In. : DAMATTA, Roberto. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio Janeiro: Pinakotheke, 1982.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do Brasil. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GASTALDO, Édison. Futebol e sociabilidade: apontamentos sobre as relações jocosas futebolísticas. **Estado e sociedade, Brasília**, n, 3, p,3, julho/outubro de 2006. Disponível em http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/. Acesso em: 24 out. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1789**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). 2 ed. São Paulo: Companhias das Letras, 1995.

HOLANDA, Bernardo Buarque. Futebol, arte e política: a catarse e efeitos na representação do torcedor. **O&S**, Rio de Janeiro, n. 48, v. 16.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed, PUC-Rio; Apicuri, 2016.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1990.

MAGALHÃES, G. L. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MAZZONI, Thomás. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Edições Leia, 1950.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Revista Estudos Avançados - USP**, São Paulo, v.13, n, 37, set-dez, 1999.

MAGALHÃES. G. L. **Com a taça nas mãos**: sociedade, copa do mundo, e ditadura no Brasil e Argentina. Tese de doutorado em História Social. Rio de Janeiro. Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2013.

MENDES, José Paulo. **Urubus x SEP** (Sociedade Esportiva de Picos): As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. Monografia (Graduação em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos - PI, 2014.

MITTMANN, Daniel. **Pensar um futebol menor**: o Clube Esportivo Aimoré como expressão da comunidade de São Leopoldo, RS. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2021.

OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memórias do futebol piauiense**. Teresina. 2014. v, 3.

OLIVEIRA FILHO, Severino. **Piauí**: 100 anos de futebol. 2021.

OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memória do futebol piauiense**. Teresina, v,9, 2023.

OLIVEIRA FILHO, Severino Gomes. **Memórias do futebol piauiense**. Vol. 4. Teresina, 2015.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, 1998.

PRONI, Weishaupt, Marcelo. **Esporte-espetáculo e Futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em educação física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

RODRIGUES, Nelson. **A sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RÉMOND, René. O retorno do político. In. : CHAUVEAU, Agnés; TÉTART, Philippe. (Org). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RÉMOND, René. Do político. In. : RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROCHA, Deusdete Barros. **Futebol piauiense**: entre tramas e memórias. (1960-1970). 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SAID, Gustavo. **Como era bom aos domingos**. Teresina: Edufpi/Halley, 2011.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo**: uma história institucional da CBF. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SALLUM, Brasílio. O governo e o Impechament. In. : FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A.N. (org.). **O Brasil Republicano**. V.5: O tempo da nova República: Da transição democrática a crise de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, São Paulo, n, 22, p. 30-37, agosto de 1994. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26956. Acesso em: 17 dez. 2024.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 175-189, julh./dez. 2010. Disponível em: https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19175. Acesso em: 17 dez. 2024.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VÍDERO SANTOS, Luiz Marcelo. **A evolução da gestão no futebol brasileiro**. São Paulo: EAESP/FGV, 2002, 127 f. (Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação da EAESP/FGV).

RIBEIRO, Luiz Carlos. Política, futebol e as invenções do Brasil. **Revista de História Regional**, n, 17, v,2, p (347-377), 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Futebol: por uma história política da paixão nacional. **História: questões & debates,** Curitiba, n, 57, p, 22, jul/dez, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, L.G.B.S.P**. A outra razão**: os presidentes de futebol entre práticas e representações. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2013.

REIS, José Carlos. **Teoria e história**: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

FONTES

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1937

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1938

Folha de São Paulo. São Paulo, 19 de maio de 1998

Jornal O Dia. Teresina, 27 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 19 de dezembro de 1992

Jornal O Dia. Teresina, 16 de dezembro de 1992

Jornal O Dia. Teresina, 24 de dezembro de 1992

Jornal O Dia. Teresina, 6 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 2 de dezembro de 1992

Jornal O Dia. Teresina, 22 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 27 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 10 de agosto de 1993

Jornal O Dia. Teresina, 19 de maio de dezembro de 1992

Jornal O Dia. Teresina, 19 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 13 de dezembro de 1991

Revista Placar. São Paulo, janeiro de 1993

Meio Norte. Teresina, 12 de outubro de 1998

Tribuna de Picos. Picos, 6 de julho de 1996

Tribuna de Picos. Picos, 23 de fevereiro de 1995

Jornal O Dia. Teresina, 2 de dezembro de 1995

Jornal O Dia. Teresina, 4 de novembro de 1993

Jornal O Dia. Teresina, 18 de dezembro de 1991

Jornal O Dia. Teresina, 23 de novembro de 1994

Tribuna de Picos. Picos, 7 de novembro de 1995

Jornal O Dia. Teresina, 24 de dezembro de 1992

Revista Placar. São Paulo, janeiro de 1993

Jornal O Dia. Teresina, 3 de setembro de 1993

Diário Oficial do Município de Teresina. Teresina, n, 645, fevereiro de 1998

Jornal O Dia. Teresina, 17 de junho de 1996

Tribuna de Picos. Picos, 26 de janeiro de 1996

Tribuna de Picos. Picos, 18 de agosto de 1994

Tribuna de Picos. Picos, 6 de outubro de 1994

Revista Placar. São Paulo, março de 1998

Revista Placar. São Paulo, fevereiro de 1998